This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
A5529ca

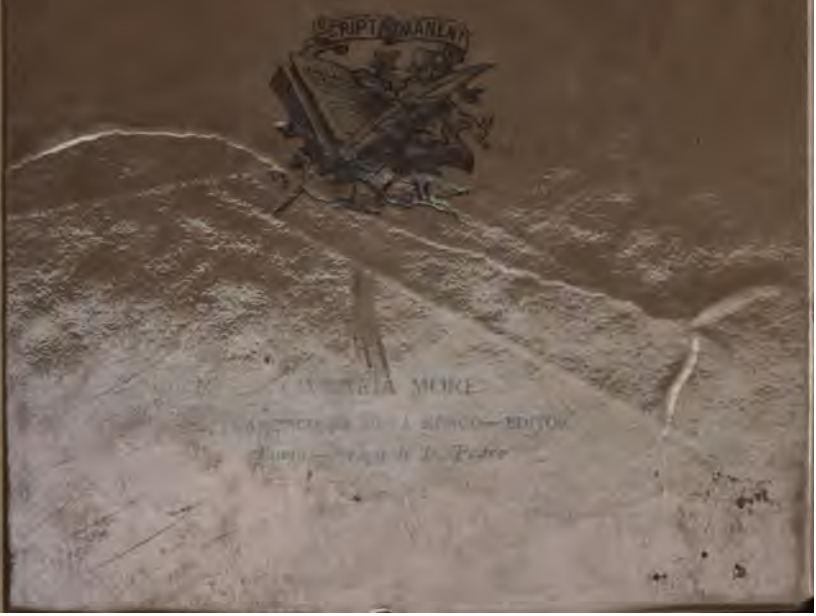
A 857,859

LUIZ DE ANDRADE

CARICATURAS

EM PROSA

Com um prologo por GUERRA JUNQUEIRO



[illegible] MORE
[illegible] — EDITOR
[illegible] D. Pedro

PROPERTY OF
University of
Michigan
Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

CARICATURAS EM PROSA

EM PREPARAÇÃO

Do mesmo auctor

PHYSIONOMIAS LITTERARIAS

DE

PORTUGAL E BRAZIL

LUIZ DE ANDRADE

CARICATURAS

EM PROSA

Com um prologo por GUERRA JUNQUEIRO

LIVRARIA MORÉ
DE FRANCISCO DA SILVA MENGO — EDITOR
Porto — Praça de D. Pedro
1876

869 8
A5529ca

Meu caro L. de Andrade.

Isto não é um prefacio; é uma carta.

Tu, meu amigo, já não és uma especie de «baby» litterario, em cuja nuca seja preciso lançar a agua purificadora do baptismo. Não precisas ser apresentado na sociedade das letras, como um provinciano n'um salão aristocratico. Ha muito tempo que toda a gente conhece Julio Verim e Luiz de Andrade, que são duas pessoas distinctas e só uma verdadeira.

Quando, ha-de haver onze annos, eu começava a escrever uns versos cujas tolices eram desculpadas pela minha certidão de edade, já tu rabiscavas tambem não sei que redondilhas maiores ou menores, algumas d'ellas maximas na falta de senso commum. Bom tempo, cheio de fagueiras illusões e de versos horrorosos! Bom tempo, em que eu com uma ingenuidade desgrenhada fazia

poemas romanticos cujos heroes, depois de andarem pela Terra Santa a conquistar não sei o que, iam alfim (este adverbio ainda é d'esse tempo) morrer vestidos de burel na cella imaginaria dos conventos do romanticismo. Recordo-me ainda de ter feito n'essa epocha uma tragedia em tres actos, intitulada «Lucrecia», que era para a arte dramatica o que o punhal foi para os seios virtuosos da heroina romana.

Tu, se quizeres confessal-o, has-de ter ainda d'esse tempo bem boas coisas no cartorio! E digo no cartorio porque nós não eramos escriptores: escrivães, quando muito! Has-de lembrar-te de um certo poema epico que tu perpetraste em quatro cantos e que por signal e por ingenuidade se chamava «Os esponsaes do Nauta». Era um manuscripto admiravel. Se não satisfazia inteiramente as exigencias da arte, cumpria á risca um dos preceitos das obras de caridade: consolar os tristes. Não havia «spleen» que lhe resistisse! A fortaleza macissa do tedio cahia desmoronada ao embate d'aquelles quatro arietes, quero dizer, quatro cantos. Um «chefe-de-obra», meu amigo! um «chefe-de-obra»! Sobretudo, estava admiravelmente escripto. Carlos Silva ou Godinho não escreveriam melhor.

Bons tempos esses em que eu sentia despontar juntamente com o buço a inspiração e os alexandrinos, e em que me vingava da pequenez dos pellos do bigode com a grandeza kilometrica dos versos!

E de tudo isso o que nos resta?

As alvas e queridas illusões, os sonhos phantasiosos e paradisiacos quebraram-se, como coisas mimosas e ethereas, contra as asperesas da vida, contra os duros angulos da realidade e do destino. E as obras d'arte, as magnificas obras d'arte, em lugar de chegarem á posteridade como nós julgavamos, foram servir de lençol mortuario aos queijos falsificados dos merceeiros de Coimbra. Que durmam em paz e que a manteiga lhes seja pesada!

Basta de recordações e vamos ao teu livro.

Acabo agora mesmo de o ler. São tresentas paginas vivazes, plethoricas, petulantes, boas como a saude, e alegres como as cotovias. A ironia risca-as de vez em quando como um diamante risca um vidro. Tem magnificas descripções, reaes, vivas, finamente executadas, copiando com verdade e com flagrancia o lado pittoresco das coisas.

Bastantes gallicismos!

Paremos aqui. Ha-de haver alguns annos, exactamente como as caravanas dos ambiciosos que partiam a explorar as minas de oiro da California e da Australia, que eu, tambem ambicioso de classicismo, guloso de vernaculidade, partia com o diccionario de Moraes em punho a explorar as ricas minas auriferas de Bernardes e Lucena. A final, depois de dois annos de trabalho consumidos em quebrar com mão diurna e nocturna os preciosos filões de quartz quinhentista, eu cheguei, como unico resultado, a fazer alguns versos com palavras ge-

nuinas, com onomathopeias habilidosas que imitavam o ciciar da brisa ou o estrondear do trovão — onomathopeias que podem ser vantajosamente substituidas, por um folle para a brisa, e por uma lata para o trovão.

É incrivel!

Quando alguem transplanta uma palavra do diccionario latino para o diccionario portuguez, esse homem é immediatamente applaudido pelas nossas academias, como um naturalista que traz das suas longas viagens uma planta util, ou como uma crysalida de commendador que offerece 400$000 reis á confraria do Senhor dos Passos. O feliz vocabulo romano, desde que faz a sua entrada na litteratura portugueza, elogiam-n'o, enchem-n'o de «reclames», fazem-n'o socio da Academia, e elle, pelo seu lado, o orgulhoso vocabulo, apresenta, como um velho fidalgo intransigente, os seus pergaminhos etymologicos. — «Meu pae, o tronco da minha casa, berra o vocabulo, foi um verbo latino, um illustre verbo que teve a honra de ser pronunciado por varões insignes como Cicero, Numa Pompylio e outros. Não me confundam a mim, que sou um honrado substantivo, um substantivo «pur sang», um substantivo de direito divino, com esses reles vocabulos plebeus, petroleiros e pulhas, com que a França demagoga quer invadir a pacatez mazorral da lingua portugueza!»

E a desgraçada palavra, cuja arvore genealogica tem a desgraça de não entroncar directamente em Romulo, é vigiada pela policia academica, perseguida e

obrigada a passar as fronteiras. E sómente alguns escriptores audaciosos se atrevem a esconder na sua prosa esses vocabulos miseraveis, exactamente como se esconde um emigrado que um governo despotico quer expulsar do territorio aonde elle se refugiou.

A linguagem é o involucro da ideia; transforma-se, se a ideia se transforma. As palavras do seculo XV não servem para exprimir os pensamentos do seculo XIX, pela mesma razão porque o fato de uma creança não serve para o corpo de um homem. Se quereis conservar a estabilidade de uma lingua, fazei ás ideias o que os chinezes fazem aos pés dos seus filhos: mettei-as n'uma fôrma de chumbo, para que não cresçam. Que me importa a mim que a palavra com que melhor se exprime uma ideia ou um matiz d'ella, venha do latim ou do grego, ou do francez ou de qualquer outra lingua? As palavras, como os homens, não teem sangue de differentes côres. Desde o momento em que eu respeito as leis eufonicas da lingua, não tenho dúvida alguma em aportuguezar uma palavra chineza, quando os meus leitores liguem a essa palavra a mesma ideia que eu lhe ligo.

E a proposito de estylo, fallemos d'um outro ponto de que a critica portugueza por vezes se tem occupado ultimamente: a adjectivação.

Exemplifiquemos: Ha um substantivo qualquer que exprime uma coisa, uma ideia. Os adjectivos são como outros tantos bistouris com que eu analyso, examino e ponho em relêvo as qualidades ou modos de ser d'essa

coisa ou d'essa ideia. Ora da mesma fórma que eu, para observar completamente um objecto, me sirvo de todas as minhas faculdades e de todos os meus sentidos, da mesma fórma, quando escrevendo pretendo qualificar o substantivo que exprime esse mesmo objecto, me sirvo de todos os adjectivos alcançados por meio d'essas faculdades e d'esses sentidos. Assim, querendo exprimir a harmonia d'um periodo digo indifferentemente: um periodo «musical» ou um periodo «redondo» e digo um periodo «redondo» porque o circulo é para os meus olhos a fórma suprema da harmonia.

Riso «amarello» é uma expressão popular, e aqui temos nós n'este caso um «sentimento» exprimido por uma «côr». E da mesma fórma que se diz um riso «amarello», eu digo um riso «vermelho» para exprimir o riso ingenuo d'uma criança, e em vez de dizer o clangor «estridente» d'um clarim, posso dizer o clangor «purpureo», servindo-me para isso d'uma analogia semelhante.

Poderia apresentar milhares d'exemplos n'este sentido: gargalhadas «claras», vergar ao «pêso» dos annos, uma côr «violenta», alma «negra», silencio «môrno», etc., etc. Por conseguinte, qualquer escriptor que introduza na lingua novas analogias n'este sentido, em lugar de merecer censura, é digno de todos os elogios.

Mas, deixemos todas estas questões, e voltemos a fallar simples e unicamente do teu livro:

Antes que me esqueça, dir-te-hei que o «Orpheu nos infernos» é de todos os capitulos do teu livro o que real-

mente me parece inferior, debaixo do ponto de vista de critica religiosa. Creio que isto provem não da tua ignorancia sobre este assumpto, mas da diversidade das nossas opiniões. Já estamos muito longe da «Guerra dos Deuses», de Parny, e da critica jacobina e escandalosa de Voltaire. Os symbolos christãos, como os symbolos de todas as religiões, já não são para a critica moderna absurdos piccarescos que provocam o riso, mas sim a representação theologica de verdades e de coisas inteiramente respeitaveis. Dentro dos mythos pagãos, como dentro dos mysterios do catholicismo, ha ideias sublimes e grandiosas, não tanto para o coração dos crentes, como para os olhos dos philosophos.

Um outro defeito, que por vezes encontro no teu volume, é o abuso d'um certo numero de «trucs» e «ficelles» destinados a fazer saltar no momento conveniente uma gargalhada que se espera, ou um dito que se prevê.

Faz-me isto lembrar uns brinquedos de criança d'onde, apenas se lhes toca n'uma certa mola, emerge repentinamente um bonecosinho phantastico. Agrada á primeira vez; depois, á força de se tocar na mola e de apparecer o boneco, o caso, meu amigo, torna-se uma verdadeira semsaboria.

Abstrahindo d'estes dois defeitos, que a minha sinceridade te não poderia occultar, eu acho que escreveste trezentas paginas deliciosas, cheias d'espirito e personalidade.

Sobretudo, ha no teu livro paysagens magnificas,

cuja nitidez de desenho, harmonia de côres e delicadeza de traço fazem lembrar algumas das melhores paginas de Taine. O teu modo de fabricar espirito, os teus ditos, emfim a tua graça teem uma natureza, um córte inteiramente pessoal. Lamento, muitas vezes, que um estylo tão acentuado e poderoso, uma «verve» tão fina, tão leve, tão oxigenada sejam postos ao serviço d'um capricho de momento ou de uma historia superficial. Vê-se perfeitamente que são esboços instantaneos, assumptos rapidos, como as paysagens que de dentro d'um expresso vêmos desfilar com a velocidade do raio. As tuas faculdades e o teu estylo são para muito mais. Com elementos tão superiores não se faz unicamente um «croquis» moderno e agradavel: faz-se o romance, o conto, a analyse da alma, a psychologia da vida. Emfim, o teu livro é uma promessa esplendida, como poucas eu tenho visto em Portugal. Não é um fructo: é uma flor. São trezentas paginas escriptas alegremente, heroicamente, a marchas forçadas, ao som da Marselheza, como quem quer conquistar a grande fortaleza inexpugnavel que na guerra tem o nome de Malakoff e que na arte se chama simplesmente a gloria. Muito bem, meu amigo! Ganhaste com bravura as tuas dragonas de official. Os soldados inimigos hão de fazer-te pontaria, metter-te no bucho tres ou quatro zagalotes, mas tanto melhor! as feridas hão de cicatrisar, e as cicatrizes são para os combatentes um «chic» cavalheiresco, uma «pose» triumphante e gloriosa.

Diabo! Agora me lembro que esta carta é destinada a servir de prefacio ao teu livro. Se me tenho lembrado d'isso, fazia-te uma «reclame» de primeira ordem, mas esqueci-me, e em lugar da «reclame» escrevi unicamente aquillo que era de justiça.

Adeus, meu amigo. Dizes-me na tua carta que vaes partir para o Brazil; não sei se commetto uma indiscrição, revelando ao publico portuguez que Pernambuco, a terra que teve a honra de crear José Soares e o seu cipó, foi tambem aquella onde viste pela primeira vez a luz do dia. Pernambuco, com pesar o confesso, não é talvez um nome dos mais elegantes, ou dos mais distinctos para os ouvidos europeus; mas emfim, na nossa qualidade de homens illustres, sempre é bom ser a gente de qualquer parte para que o nosso cadaver, como o de Homero, não corra o perigo de ser reclamado... por sete freguezias.

Um aperto de mão, boa-viagem e evita duas cousas: —a febre amarella e o José Soares.

GUERRA JUNQUEIRO.

SUMMARIO

I — Simples viagem. II — Intra muros! III — Cidade ao domingo. IV — Tra-la-rá! V — Manhã de primavera. VI — Um dia solemne. VII — Os mendigos. VIII — O maçador. IX — Um amigo intimo e um jantar inglez. X — A encantadora visinha. XI — O café. XII — Os tartufos: *o insulto além da campa.* XIII — Perfil de romantico. XIV — O dia das mudanças. XV — Uma corrida de cavallos. XVI — O theatro: *Orpheu nos infernos.* XVII — Incendio á beira-mar. XVIII — O sultão Atchish 26. XIX — O carnaval. XX — Ermelinda Venus. XXI — O club. XXII — Procissão de quaresma. XXIII — A procissão dos garotos. XXIV — O marquez de Menelau. XXV — O bom padre. XXVI — As *marionettes.* XXVII — A parada.

CARICATURAS EM PROSA

I

Sáe um rapaz do seio da familia, parte para a capital, e, pela primeira vez, vae gosar a completa liberdade da ave que deixando o ninho, atravessa n'um vôo palpitante o valle florído dos seus sonhos. Rasga-se o azul diaphano ao frémito da aza impaciente; succedem-se os cambiantes da paysagem; transpõem-se os rios sinuosos e dormentes; abrange-se d'um olhar a casa rustica do lavrador com a ramada á porta, o caminho patriarchal, aberto pelas rodas dos carros, a densa ramaria dos soutos e os pequenos campos cultivados, aonde as mulheres da aldeia cantam, cortando a herva. Toda essa região que a ave — um animal secundario —

atravessa com o simples bater das suas azas, tem o joven rei da creação de a percorrer, sobre a imperial de uma diligencia ou dentro d'um wagon. Mas, nem por isso, a febre da partida se acalma. Ao fundo da paysagem, atravessada d'um modo infinitamente mais prosaico, não cessam, como para a ave, os encantos. Em breve elle descobrirá no horisonte as elevadas torres das egrejas, o caprichoso perfil dos grandes edificios, a massa enorme das casas, as grandes linhas das ruas e sentirá o borborinho das praças, o sopro quente da actividade humana, a condensação da vida. É por isso que o rei da creação não supplica ao Supremo Architecto do Universo, que lhe substitua a corôa honoraria que tem na fronte, por um par de azas, bem positivas, nas costas.

Das cidades partem, a todo o momento, para as provincias, as historias e os contos dos desvairamentos da gente nova, casos de amores mundanos, as mil seducções de uma vida brilhante e frivola, os desvarios insensatos dos vinte annos, as aventuras de tragico desfecho, o esquecimento da familia, e, o que é mais, o do lar que devemos trazer sempre n'alma, ainda que nos peze.

Um oceano de conselhos paternaes arroja as suas vagas aos nossos ouvidos insensiveis.

A impaciencia que nos devora, faz com que se transformem em assustadores discursos academicos, essas dôces e affectuosas palavras de despedida, com que os paes acompanham sempre, como um numeroso estado maior, um pequeno embrulho monetario. É com uma hypocrisia perfeita que affirmamos ter bem gravadas na memoria as justas recommendações paternas, tão salutares e tão carinhosas!

A mala está muito bem preparada. A roupa branca, em ordem de marcha, enfileira-se n'uma disciplina perfeita. As camisas, por cima, com os peitos brunidos, occupam uma bella posição e parecem estar cheias de orgulho e de gomma. Nada falta. Uns peitos de flanella para o inverno, e ás vezes uma lata com dôce ao canto. Estes confortos hygienicos tanto para uso interno, como para uso externo, podem esquecer aos medicos, mas nunca esquecem ás mães.

Despedimo-nos. A diligencia, com os seus solavancos, força o estomago a fazer uma digestão instantanea. Atravessamos as curvas da estrada. Mandamos um derradeiro olhar aos lugares conhecidos, á gente que passa para a cidade e estamos na estação do caminho de ferro. Entramos. Cincoenta pessoas estão mais ou menos prosternadas diante de um pequeno nicho, aonde de vez em quando apparece a cabeça fal-

lante de um empregado. A compra de bilhete, attenta a guerra incivil que reina cá fóra, daria para uma Illiada na qual, como Achilles, são victimas, não os calcanhares, mas os callos. Entramos n'um vagon que se enche. Tocam uns sinos, ouve-se um apito constipado, a machina silva e um golphão de fumo branco sobe á atmosphera. Depois, uns roncos subterraneos e move-se o trem. A paysagem corre diante dos nossos olhos e fica-se para traz. Succedem-se aos macissos verdejantes e festivaes, os pinheiros de troncos nús e esbeltos, as casas nos declives do outeiro, os tristes olivaes obscurecidos e os mil aspectos da natureza. Tudo se fica para traz! O coração confrange-se com uma vaga saudade, e os ramos de algumas arvores, que se adiantam mais, baloiçam como braços amigos que nos dizem adeus. Recolhemos ao nosso canto e o fogo vem brilhar no extremo do nosso charuto livre.

Os nossos companheiros de viagem vão alegres. Soltam de vez em quando exclamações reveladoras d'esse contentamento profundo, que não encontra palavras para se exprimir. Assim, por exemplo se veem o mar, exclamam:

— Ó Fulano, vês? é o mar!...

E ficam-se, pesarosos na apparencia, mas cheios de espirito e de scintillação no fundo da

alma. Alguns parecem meditar, deixam pender a cabeça, e embebem-se na contemplação do seu mundo interior que deve ser deslumbrante, pois os leva a cerrar as palpebras, sem pena, ao vivo espectaculo do mundo exterior. Caem depois n'um extasi beatifico e o espirito concentrado abandona o corpo, que vacilla para um e outro lado, com o movimento do trem. Embora algumas pessoas teimem em dizer que essa meditação não é mais do que um somno de justo, a nossa qualidade de bom companheiro de viagem leva-nos a formar em sentido contrario uma pequena convicção provisoria, para uso particular.

Alguns dos nossos visinhos, comtudo, teimam em encostar-se ás janellas e descançar a vista nos panoramas que se vão succedendo como as bellas gravuras coloridas de uma edição de luxo. São os poetas que andam a tratar dos seus negocios, que andam na cobrança ou na compra de generos, mas cujas almas preoccupadas pelas transacções não repellem de todo a poesia, que os ajuda a passar algumas horas, sobretudo quando não podem fazer mais nada. Bellos corações! Embora tenham um prisma especial, por onde veem as coisas n'esses momentos, é certo que ninguem lhes negará a sua sympathia. São os mais espansivos dos companheiros, e, quando

a natureza os favorece com uma bella paysagem, altos carvalhos umbrosos, castanheiros de folhagem alegre, relvas avelludadas, alfombras florídas e uma nesga do ceu azul, que faz pensar nos idyllios, na felicidade e no amor, batem anciosamente ao hombro do companheiro, e exclamam:

— Ó Cicrano, que bello lugar para uma merenda!

E lamentam do fundo da alma e do estomago, que o trem não pare ali, para debaixo d'aquellas arvores beneficas e rumorosas, se entregarem a uma pequena orgia de frango assado frio e vinho verde. O coração humano, dizem os theologos, diante dos grandes quadros da natureza dirige-se sempre para o infinito! É verdade.

Depois tudo se vae tornando somnolento. A marcha do trem é monótona; o dia descae; as arvores alongam as sombras pelo chão e a natureza emmudece. Os passaros esvoaçam procurando um abrigo, e, n'um ou n'outro ponto, um rapaz conduz as pacificas vaccas para o curral. Ao pé de nós, um dos poetas de que fallamos, descalça as botas, bate com dois sapatos de ourelo um no outro, e soltando um longo ah! cheio de modulações felizes, faz repouzar n'um leito fôfo os seus joanetes, oppressos pelo despotismo do bezerro.

Como está tudo calculado, mesmo os descarrillamentos, e o trem, na impossibilidade de devorar o espaço, vae-o mastigando, começam os bocejos. Vamos tentar uma conversa com o nosso visinho.

— Então, para a capital?

— É verdade.

— Ainda temos uma bôa distancia até lá.

— Uma distancia bem bôa!

— E vamos tão devagar!

— É facto.

— Levamos apenas uma velocidade de 60 minutos por hora...

— Sessenta? Menos, parece-me... Tenho aqui o horario.

— Só n'este paiz é que se pode conseguir uma coisa assim! É exactamente como para as mercadorias...

— De certo! Lá fora anda-se muito mais.

E o nosso companheiro percorrendo a lista das estações, e as horas correspondentes, resmungava:

— Sessenta minutos por hora! Então os kilometros?... nada... Isso é historia.

Depois, monologando como se tivesse uma grande confusão na cabeça, dizia:

— Será isso, será!...

Desanimamos de todo. O companheiro pare-

ceu convencer-se. Se ao menos elle dissesse que era falsa a affirmativa, que largo horisonte para uma questão!

A este rapido incidente seguiram-se essas horas insupportaveis, monstruosas, horrendas, que o leitor conhece, como os seus dedos.

Depois do comboio entrar no grande tunnel da noite, Morpheu compadece-se um pouco de tanto martyrio e o compartimento dorme em pezo.

De repente, tres assobios estridentes e um abalo geral! O comboio pára. Toda a gente acorda sobresaltada, e quer metter a cabeça a um tempo pelas portinholas. Não ha duvida: chegamos.

A manhã esbate-se levemente no horisonte. Os empregados entram no wagon tossindo, e recolhem os bilhetes.

— Até que a final! exclama um visinho.

— *Tandem!* vocifera um padre.

Abrem-se as portas. Como presos que recuperam a liberdade, precipitam-se todos na *gare*, cheios de alegria e de malas. As carruagens golpham sobre a plataforma a multidão dos viajantes. Eleva-se aos ares um rumor prolongado, só comparavel á bulha das alfandegas. Reina uma confusão egoista. Ninguem se importa com os outros e toda a gente parece seguir á risca este preceito de moral: amar a

Deus sobre todas as coisas e á bagagem como a nós mesmo. As malas dos outros batem, como aríetes, as nossas costellas. As damas, com os vestidos suspensos, pallidas e nervosas, tentam fugir do grande tumulto. Cruzam-se os abdomens, retirando-se do theatro da guerra. Ha um longo borborinho confuso, e tudo se dirige para uma porta estreita. Um gordo viajante tenta ser dos primeiros a passar, trazendo-nos á memoria as palavras do Divino Mestre:

— É mais facil passar um camêlo pelo fundo de uma agulha...

Mal pomos pé na sala da estação, cavalheiros amaveis nos dirigem as mais ternas palavras e os mais solícitos bilhetes de hospedarias. Agradecemos penhorado, lembrando-nos de que aquelles ineffaveis corações ficariam inconsolaveis, se não tivessemos o dinheiro sufficiente para pagar um quarto. Algumas pessoas, comtudo, não se sentem tão penhoradas como nós e lançam olhares desconfiados, para esses cavalheiros obsequiadores. Os policias graves e contemplativos, encarregados de servir ali, provisoriamente, de olho da Providencia, não os perdem de vista.

Rodamos n'um carro vertiginoso para o centro da cidade. A manhã é cristallina e fria. A cidade vae acordando. Os garotos cortam a

quietação matutina do ambiente com os seus gritos agudos, apregoando os jornaes. Aqui e além vão-se abrindo as portas das lojas. Sentimos a cabeça pezada, e, o paraiso terreal reveste-se, n'esse momento, da fórma de uma cama á franceza. Toma-nos um vago desejo, de observar ao mesmo tempo, o que se passa em redor de nós e dormir. Felizmente o sol já banha a extensão das praças, e vamos emergindo do torpor como quem deixa cahir vagarosamente aos pés uma pesada roupa. Como tudo é novo e risonho! Como as caras desconhecidas teem uma expressão amigavel! Como a cidade é alegre! Como o sol é brilhante!

Com o divino Mery exclamamos: — Viva o sol! É elle que dá energia ao coração!

E, realmente, o sol dá-nos uma grande energia, sobretudo quando temos algum dinheiro no bolso!

II

Nada mais enganador do que as apparencias! Uma cidade que se visita pela primeira vez, impressiona sempre agradavelmente o viajante. As ruas, os edificios e os passeios teem o seu cunho proprio, um ar grandioso e novo. A gente que transita preoccupada com os seus negocios ou procurando uma distracção, tem a compostura exterior do bem estar, da vida abundante, livre e honesta, e é isso que leva os viajantes litterarios ou politicos a dizer sempre d'esses paizes monarchicos:

—É uma republica... com um rei!

Ironia cruel! Esses pobres paizes, além do

rei official — objecto de luxo — teem sempre mais dois ou tres encarregados de manter, dos seus altos cargos, as mais interessantes tradições do despotismo. Elles é que teem nas mãos as redeas do governo, elles é que dizem que a religião é um freio necessario para conter o povo, e uma vez de posse d'esses elementos de governo, o povo ha de trotar na *senda* do progresso. Como porém esta equipagem não apparece ao meio dia em ponto, levantando o pó das ruas e o collo da hydra da anarchia, as pessoas que observam de relance uma sociedade, concluem que ella é o paraiso terreal sem a serpente e sem a maçã. E ainda que o fructo prohibido appareça com abundancia nos mercados, toda a gente sabe que elle já não tem a força precisa para attrahir sobre a cabeça do homem as coleras do creador. Quando muito, se abusarem d'elle, em vez de um anjo com espada de fogo, proporcionará apenas uma indigestão. E é tudo.

Por isso, uma vez de parte esses dois elementos enganosos, tudo mais não passa de idyllio paradisiaco. Nas ruas centraes a multidão atropella-se viva e animada, como uma torrente sonóra. Passam as formosas mulheres, cruzam-se os carros, cumprimentam-se os individuos, gritam os vendedores ambulantes, as lojas ostentam a seda e o ouro em abundancia, e os

encantos femininos brilham com todas as fascinações do luxo.

Principalmente nas manhãs de sol, ao meio dia, quando ao bulicio costumado se junta o clangor cristallino das bandas marciaes, rendendo as guardas, e que o ambiente estremece ás sonóras vibrações dos hymnos, o coração expande-se, e o peito respira largamente, como se a musica, alegrando as almas, purificasse o ar e nós estivessemos respirando uma atmosphera hilariante de oxigenio puro. É certo que as bandas marciaes vão tocando hymnos monarchicos, mas tambem é certo que a harmoniosa agglomeração de notas não tem côr politica, não está pintada de azul e branco, nem jurou defender o throno. Isto é uma verdade. Por isso muitos corações republicanos estremecem de prazer ouvindo-os. O mais intolerante absolutista confessará, se quizer dizer a verdade, que a *Marselheza* não é tão feia como a pintam.

Adiante da musica, um bando de garotos entretem-se em phantasticas evoluções, em saltos vertiginosos, nos mais excentricos movimentos, como se uma corrente galvanica os fosse atravessando. É o magnetismo da musica actuando sobre as naturezas selvagens e vergando-as ás mais extranhas seducções.

A luz é para a borboleta o mesmo que a musica é para o garoto. Fascinações, attracções irresistiveis. É por isso que ambos esvoaçam — conforme podem, allucinados e delirantes, em redor do fóco que os attrae. A borboleta é sempre victima do seu ardor, e cae moribunda, com as azas destruidas, e o fragil corpo horrivelmente queimado. Mais feliz, o garoto, se cae, é porque algum dos collegas o encontrou no momento historico, em que o ponta-pé é consequencia logica das leis que os regem, á frente das musicas. E como elle paga na mesma moeda ao que lhe fica mais proximo, segue-se que não fica prejudicado.

Em redor alguns quadros animados, embora destituidos de toda a feição caracteristica do meio, porque são de todos os paizes e de todos os tempos. Em frente da vitrine de um ourives, uma dama, joven e bella, esforça-se por fixar a attenção do respeitavel cavalheiro que acompanha, nas facetadas e brilhantes joias em exposição. As expressões differentes e oppostas das duas phisionomias, podem definir-se assim:

Ella: — Gôsto...

Elle: — Amargo de infelizes!

Ella: — Delicioso...

Elle: — Pungir de acerbo espinho.

Ella: — Chiquito, não digas isso...

Que estudo maravilhoso de sentimentos! Se o rosto é o espelho do que se passa em nós, como querem alguns philosophos, a gentil senhora devia ter os mais puros broches arreigados na alma, e o marido as mais indispensaveis quantias ameaçadas na bolsa. Ella abria o sorriso angelico e cheio de commoção de Margarida, de Fausto, diante das joias. Brilhavam-lhe nos olhos tentadores as mais doces promessas e os mais caros diamantes. Os labios, na sua linguagem muda, promettiam as mais doces palavras de amor, em geral, e os beijos mais arrebatadores — em particular. O seio arfava tremulo e commovido. Seria preciso ter um coração de tigre da Hyrcania e uma bolsa mais deserta ainda de sentimentos generosos e de dinheiro, para resistir a tantas fascinações.

Elle, um pouco curvado, com a cabeça baixa e a testa franzida, tinha, impressa no rosto, a nuvem d'uma tristeza profunda — talvez de terror.

Depois entraram na loja. Ao vel-os, lembramo-nos de que o homem nas mãos da mulher, não passa de um brinquedo infantil. É sorrindo que ellas os conduzem, pela mão, á beira dos precipicios, e é com um gesto amoroso que os precipitam no opprobrio, enchendo-os previamente de caricias... e de dividas.

Foi por essas e outras, que Diogenes vendo uma mulher enforcada no galho de uma arvore exclamou:

— Por Jupiter! Prouvera aos ceus que todas as arvores déssem d'esses fructos!

— Não admira! exclamará a leitora do modo mais furioso e mais interessante que se possa imaginar.— Diogenes era um cynico.

— Perdão... Mas não seremos nós quem vá dizer, inconvenientemente, á mais bella metade do genero humano, á creação transitoria entre o homem e o anjo, na opinião de Balzac, a differença que existe entre o cynismo philosophico, e o cynismo a que ella, tão meigamente, se refere. Seria pagar com uma ingratidão monstruosa a gloria, que acaba de ser conferida, com uma resposta, á pagina mais arida d'este livro. E, por coisa nenhuma, a philosophia grega nos obrigaria a matar uma tão candida illusão na alma virgem de systemas philosophicos, da mais poetica leitora. Fique esse triste mister para o diccionario de Voltaire... e não fallemos mais n'isso.

III

Uma cidade ao domingo é sempre differente d'uma cidade á semana. A tumultuosa agitação dos bairros centraes cede a vez a um animado movimento, d'uma alegria mais intima e d'uma perspectiva mais festival. Ha mais expansão nas physionomias, mais variedade no aspecto geral da multidão. Vê-se que a gente que passa não vae meditando n'uma coisa positiva, no pão-nosso de cada dia, por exemplo, mas em qualquer passatempo agradavel. A parte feminina da população faz-se representar com abundancia. Distinguem-se as familias, subindo ou descendo as ruas em passo vagaroso, ornadas com os trajes de ver a Deus. A numerosa

prole que em geral precede, n'uma disposição casual e pittoresca, as duas pessoas graves, marido e mulher, que fecham o préstito, estão indicando que os seus progenitores interpretaram satisfactoriamente no matrimonio as palavras do Divino Mestre: *trabalha, que eu te ajudarei.* Promettedora fecundidade! Quando o Senhor abençôa uma união e as pessoas abençoadas fazem o que humanamente se póde exigir, as familias crescem como as dos patriarchas hebreus, todos os annos, e cresceriam todos os mezes, se a natureza se não oppozesse a isso.

N'este dia, destinado pela santa Madre egreja ao descanço e á oração, pode-se observar a impiedade com que as pessoas que passaram os seis dias antecedentes em casa, na loja, ou na officina, entre a monótona repetição dos mesmos espectaculos, ou o inflexivel movimento do trabalho, se lançam pelas ruas, pelos largos, pelos passeios, pelos arrabaldes, como os passaros d'um viveiro aberto, ou os rapazes d'uma escóla de aldeia. E embora a egreja lhes recommende o descanço, é certo que esses crentes preferem cançar-se, peccando, a ganhar o ceu indo metter-se na penitenciaria. E esta opinião é tão geral nas sociedades catholicas, que algumas classes fazem exactamente o contrario

do que lhes é indicado. Ah! mas o attentado não passa sem a punição. Assim, quando nós encontramos um caixeiro, que em vez de descançar e de orar, parece ter alugado ao soneto de Nicolau Tolentino o cavallo que o poeta lançou á margem, e vae atravessando as ruas, magestosamente, com o charuto e o credo na bocca, nós não duvidamos um momento de que o trote despedaçador do rocinante, mais cedo ou mais tarde, por um designio da Providencia, o arroje ao bom caminho, partindo-lhe, ao mesmo tempo, algumas costellas.

O que é certo é que uma parte do publico transige um pouco, e antes de ir para os seus divertimentos, vae á missa. Da porta dos templos magestosos sae por um lado a multidão ondeante do povo, e pelo outro a fina flor da sociedade, que ali foi de carruagem, n'uma humildade toda christã, render culto á divindade. Passam as pallidas mulheres, purificadas pela oração e pela fé. Veem esplendidas de elegancia e de formosura. O pó d'arroz deu-lhes uma brancura diaphana e suave. Os seus penteados phantasiosos e altos parecem erguer-se para as alturas cheios de fé e de bandolina. As pelliças enroscam-se-lhes voluptuosamente nos collos avelludados, como braços cariciosos de amantes. Ellas trajam os vestidos elegantes, de

corte esbelto e serpentino, com cascatas de folhos e labyrinthos de renda, aonde as almas se enlaçam e se perdem algumas vezes. Segundo o bom gosto hottentotico, trazem suspensas das cartilagens das orelhas os adornos metallicos, que essas artisticas raças africanas trazem tambem suspensos do nariz. Algumas madeixas, mais falsas do que Judas, brilham com todo o esplendor da graça e do retroz, sobre as cabeças piedosas. E, para que o encanto seja completo, de extremo a extremo, os candidos archanjos que vão saindo da egreja, trazem calçadas as pequenas botas, que lhes reduzem os pés á expressão mais simples e mais provocadôra. Sobre tudo estes ultimos encantos, que algumas vezes teem a côr das violetas, mas nunca a modestia, prendem as attenções dos elegantes, que adoram por tradição o minusculo pé andaluz, e que o teem descalçado algumas vezes... em sonhos.

Ah! se um espirito despreoccupado e religioso como o nosso, sentindo uma vez a necessidade do recolhimento e da oração, se dirigir aos templos, sentirá que a sua alma, antes de se dirigir para o infinito, faz uma pequena escala pelo recinto da egreja, na contemplação dos rostos archangelicos da mulher do nosso proximo. E, como um *touriste* que se dirige a uma longa

viagem, deslumbrado pela belleza d'uma região poetica, o espirito religioso exclamará: já d'aqui não saio!

São estas as consequencias fataes da lucta em que se encontra a alma, collocada, como os companheiros de Ulysses, entre o canto das sereias, e a perspectiva longinqua e vaga da querida ilha de Ithaca. Ulysses, porém, tapou com cera os ouvidos dos seus companheiros, para que os cantos enganadores das sereias os não fascinassem. A nós, pobres mortaes a quem ninguem tapa os olhos misericordiosamente com cera, ou com um lenço, succede-nos a desgraça de cair na tentação, bem contra a nossa vontade. E se é um facto que já n'esses tempos primitivos, de heroicidade e de força, era indispensavel usar da cera preservadora, o que não será preciso hoje que os Ulysses são tão raros na sociedade, — pelo menos nós não conhecemos nenhum — e as sereias tão vulgares, que, parece-nos, até o leitor conhece algumas?

E, comtudo as almas piedosas affluem em massa aos templos, mesmo depois de saberem o que lá lhes vae acontecer.

A alegre multidão povôa rapidamente os arredores da egreja. Falla, conversa e ri. Trocam-se olhares, sorrisos e cumprimentos. Pa-

rece que vamos para uma festa expansiva. Como as mulheres são bellas! como trajam com elegancia! como veem formosas! E tudo isso por amor de que, Santo Deus? Por amor de ti, e talvez do proximo. Quem sabe se mais por elle do que por tí?

Quem visse aquella turba multicôr entrando com precipitação na egreja, julgaria estar n'um paiz profundamente religioso. E, se limitasse a isso as suas observações, e acreditasse na apparencia, teria sido tão ingenuo como um individuo que julgasse da vida de um povo pelas narrações encantadoras e poeticas dos romances da indole dos de Julio Diniz, e da felicidade politica e economica do mesmo povo pelo que dizem os jornaes ministeriaes — com subsidio.

Emquanto o sacerdote convenientemente paramentado, entra da sacristia para a egreja e sobe ao altar, os crentes tomam posições, e preparam-se para o culto. Os olhares cruzam-se do mesmo modo que antes de entrar na egreja; os vestidos são dispostos artisticamente, e os livros de missa recebem, de passagem, um olhar distrahido. Depois, quando o ministrante fazendo uma venia pronuncía esta palavra: *introibo*, ouve-se pela egreja esse susurro mystico, que tão bem imita as fritadas de peixe, ao longe.

Começa o sacrificio da missa e o do latim. Ajoelhado aos pés do sacerdote está o sacristão, que lhe ha de responder umas certas palavras, aprendidas laboriosamente, e ás quaes não liga a menor ideia. A um certo som que lhe fere os ouvidos, elle vomita authomaticamente uma caprichosa accumulação de syllabas, com a mesma consciencia com que um papagaio nos responde a esta pergunta: *quem passa, meu loiro?* com esta phrase machinal:—*é El-rei que vae á caça.*

Trava-se um diálogo estranho e incomprehensivel, n'uma linguagem cabalistica, formando o mais profundo imbroglio, que as multidões escutam em silencio, dando-se ares de o comprehender,—ellas que não entenderiam a linguagem elementar e clara de Esopo—quanto mais este emmaranhado latim em segunda mão, que faz pensar nas meadas com que os gatos estiveram a brincar, nas *mayonnaises* dos restaurantes e no cáhos primitivo! Empenhada a lucta, os dois personagens lançam-se mutuamente as syllabadas mais epigrammaticas, como se cantassem ao desafio. Nenhum d'elles quer dar a lingua a torcer, e se o padre diz bruscamente voltando-se para o publico:

— Dominus *óbisco!*

O ajudante replíca logo, pondo-lhe a barra adiante:

— Et cum *espirtuó!!*

Como contendores que reconhecem a força dos adversarios no ataque, serenam, e por um longo espaço só se ouvem as palavras mastigadas, fanhosas, somnolentas dos dois, terminando por esta lamuria:

— Per omnia sæcula sæculórum...

— Amen.

De repente, como se o sacerdote tivesse percebido que toda a gente na egreja estava a namorar, volta-se bruscamente para o publico, com um ar reprehensivo e exclama:

— Orate *frates!*

As damas córam, julgando que é com ellas, e baixam, por um momento, os olhares aos livros.

Ouve-se o zumbir das moscas e a respiração cançada do povo que enche a egreja. O sacristão gira de um lado do altar para o outro, escorropichando as galhetas e fazendo signaes maçonicos. Depois ajoelha. Então o sacerdote volta-se para elle, como se lhe fosse dar uma noticia agradavel, e exclama:

— *Dita* missa est!

O interpellado responde com um suspiro:

— Deo *gra... çias!*

O povo benze-se... instinctivamente, levanta-se, e sae para a rua.

Os cavalheiros cumprimentam-se, as damas beijam-se com carinho, conversam, e os arredores da egreja tomam esse aspecto animado e rumoroso dos arraiaes. Trocam-se olhares expressivos entre os discretos enamorados e a multidão dispersa, com a consciencia de que cumpriu um dever.

A missa, hoje, não é mais do que uma estação intermediaria entre a tristeza da casa e o namoro do passeio publico!

IV

Nós nunca nos prestaremos a ser o ecco da calumnia que a provincia, despeitada, lança á capital, como a burgueza, sem distincção e com dinheiro, que ao ver passar uma aristocratica senhora da alta sociedade, exclama:

— Olhem para aquillo! Parece que leva o rei na barriga!

E quando a senhora lhe lança um olhar affectuoso, que ella não comprehende, fica dizendo:

— Pensei que nos ia dar uma esmola!... A grande cousa! Deus sabe o que lhe vae por casa!

Comtudo, a maneira, o ar, o modo superior com que a dama da alta sociedade se apresenta,

a solicitude com que as pessoas mais illustradas a rodeam, a graça da conversação familiar, os attractivos da educação esmerada, são outros tantos crimes que a provinciana lhe não perdoará nunca, pela impossibilidade de a poder egualar. Veem então os epigrammas ditos a meia voz: o vestido é escorrido, o penteado não é de pessoa séria, o ouro dos brincos talvez seja falso, e o chapeu talvez esteja ainda na conta da modista. Os braços, como não são em fórma de regueifas, dariam para umas vaquetas; as pernas não poderiam passar por Guimarães, e, no todo, a pessoa de quem fallam, é uma espinha. E acrescentam melancolicamente:

— Não tem por onde se lhe pegue, mas emfim... ha gostos para tudo.

Depois a conversação passa do physico para o moral:

— Não havia de ser filho meu que casasse com gente assim. Sempre se contam cousas da cidade... Jesus, Maria, José! As mulheres não teem temor de Deus, não guardam respeito aos maridos... É só por theatros e passeios, e os filhos, em casa, a chorar com fome! Até tem havido homens que teem posto demanda ás mulheres para se separarem por justiça. Vir-

gem Santissima! A gente até pecca em fallar n'estas cousas...

E as piedosas calumnias vão passando de bocca em bocca, e, como na fabula do segredo que o marido contou á mulher, augmentam na razão directa do quadrado da distancia, tornam-se verdades indiscutiveis como dogmas, e correm mundo. A inveja e os baixos sentimentos de rivalidade acolhem-n'as com exclamações de pasmo, de modo que a baba de cada um, convergindo para um ponto, como os enxurros, torna-se em corrente caudal, a que ninguem tem a coragem de pôr um dique. E assim se fórma, nas provincias, a respeito dos centros da actividade humana, uma opinião infame. O abbade que uma vez veio tratar de uma pretensão, tambem para lá foi dizer, cheio de horror e de experiencia propria, que as ruas estão a trasbordar de mulheres perdidas, etc.

São taes as cousas que se contam, que o viajor chegando á ultima estação do caminho de ferro, está quasi a ver uma duqueza casada, formosissima, fazer-lhe gestos significativos com a sua pequenina mão enluvada. E, quando vae atravessando as ruas, sem ninguem se importar com elle, e sem que as bellas mulheres lhe sorriam, sente-se quasi com direito de exclamar:

— Estou roubado!

Porém, se por acaso alguma senhora, passando, lhe lança um olhar de simples curiosidade zoologica, como quem observa uma especie rara, elle ufana-se e faz como aquelle colono, a quem tinham dito que no Brazil o dinheiro andava a rôdo sem ninguem fazer caso d'elle, e que, encontrando ao desembarcar uma moeda no chão, lhe deu um valente pontapé minhoto, exclamando:

— Já me começas a perseguir?

Isto a respeito de aventuras romanescas. Por outro lado, tambem a provincia incoherente nos insinuou que as mulheres da cidade são simplesmente horrorosas. Por isso toma-nos um espanto ingenuo, quando pelas ruas e pelos passeios, nos dias de sol, ás duas horas da tarde, começamos a vêr as mais bellas descendentes, da carne da nossa carne, esplendidas de formosura, de olhos intelligentes e poeticos, cabellos de um loiro luminoso, carnações frescas e rosadas, curvas ondeantes e voluptuosas e toilettes d'uma elegancia não vista ainda.

Em breve o viajante romanesco, soffrerá outras desillusões, e estas, desagradaveis para os seus maus instinctos theoricos de D. João. Elle é forçado a crêr que a cidade não é tão dissoluta como lhe tinham dito. Os seus olhares incen-

diarios produzirão tanto effeito, farão arder de amor tantos corações, que, se as bombas não correrem ao lugar do sinistro, é porque o serviço de incendios está muito mal organisado. Emfim, o seu exito só póde ser comparado ao de um individuo que passasse o seu tempo a piscar os olhos á Venus de Milo... com o fim de a seduzir.

A isto observará alguem que a grande corrupção das cidades está no fundo, e não vem, pelo simples prestigio de um olhar ardente, á superficie. É falso! O mar lança ás praias, por entre a sua baba espumosa, todas as podridões que lhe fermentam no seio.

Embora os D. Joões, a cada canto, relatem as suas tectricas historias de amores, e as suas aventuras nocturnas, ninguem deixará de reconhecer-lhes uma certa phantasia — de emprestimo, apanhada de ouvido a algum leitor de Dumas e mais nada. Quem a não conhecer que a compre!

Taine, para caracterisar a sociedade ingleza, e para affirmar a sua superioridade moral sobre algumas outras, aponta a excellencia da educação na familia e na escóla. O inglez nunca sacrifica a um dito de espirito as cousas que lhe são respeitaveis. Os escandalos não encontram uma publicidade ávida, e a caricatura de costu-

mes nunca exhibe desavergonhadamente, de um modo animador e risonho, as pungentes miserias d'uma classe social viciosa. Assim quando, por exemplo, é vulgar nas caricaturas de Cham este dialogo: —

Entre duas mulheres, á porta d'um baile de mascaras:

— Não entras?

— Não!... Receio encontrar o pae de meu filho.

— Hui!... tanta gente! —

nas caricaturas do *Punch* nunca um espirito tão baixo prostituiu o lapis dos seus artistas. Comtudo o *Punch* tem tanto espirito, tanta graça, tanta vivacidade como o mais faiscante jornal de Paris, como o *Figaro,* como a *Vida Parisiense.*

Que *humour* cheio de bonhomia, que situações adoraveis, que poder cómico intencional, que graça abundante e irresistivel! Analyse o leitor as transcripções de Taine. O riso é franco; a malicia não segrega peçonha e o epigramma não faz córar os sargentos de cavallaria. Ataca-se sem má fé, belisca-se sem fazer uma pústula, hostilisa-se sem deixar um rasto de baba. Por isso, diz Taine, a sociedade ingleza conserva o alto prestigio das suas virtudes, e não

se habitúa a rir d'ellas, desde o berço, como de uma velharia ridicula.

A caricatura, como um genero audacioso de hyperbole e de observação, como uma fórma da mais ampla liberdade, póde synthetisar o caracter geral d'um povo. Infelizmente, no meio que nos esforçamos por descrever ao leitor, o lapis humoristico ainda está envolvido nas faxas infantis, e solta apenas o primeiro vagido. É como uma creança que começa a dizer papá, mamã, e que irá recebendo a educação positiva do nosso tempo, despida de preconceitos e de apparencias hypocritas, mas, em compensação, scientifica e humana.

Mas se, no campo da arte, essas manifestações começam a apparecer na cal das paredes e ao longo dos muros brancos, as vocações mais promettedoras, dignas de um futuro brilhante e do *Limoeiro* ensaiam-se, conforme podem, a carvão e a caco de telha. Que desenhos phantasticos e originaes! Ah! nós não cessariamos de chamar sobre esses artistas anonymos a attenção das pessoas competentes, se não vissemos que a policia, como uma mãe carinhosa, os vae abrigando, todos os dias, no seio.

Symptomas de corrupção com um caracter

geral, só conhecemos dois na sociedade de que nos occupamos, por mais que a provincia nos prégue: a agiotagem que se ostenta sem rebuço aos cantos das ruas, e a correspondencia amatoria nos annuncios da imprensa industrial. O primeiro é grave; o segundo é apenas comico. Quem ler as cartas de namôro que todos os dias enfloram a aridez dos annuncios commerciaes, como oásis de papellão pintado, convencer-se-ha de que o mal tem pouca importancia, e ainda menos grammatica.

V

Está um dia magnifico! O Arbitro que rege os destinos tem esbanjado a sua riqueza como um filho pródigo, e tem-nos dado uma primavera, em vez de um inverno. Debalde os nossos kalendarios prognosticam chuva e mau tempo. Elle não se digna lêl-os e ainda menos obedecer-lhes. Que soberana independencia! Não temos expressões com que lhe agradeçamos tanta bondade e tanto sol.

As chuvas andam recolhidas á vida privada, e, incessantemente, os snrs. missionarios teem dirigido as preces ao Altissimo; porém, ou elle é surdo, ou as vozes dos snrs. missionarios, como as de alguns outros viventes, não chegam ao ceu.

Todas as manhãs assistimos a um espectaculo grandioso. Algumas nuvens espumosas toldam a face do ceu, como flocos de sabão no rosto d'um individuo que vae fazer a barba. Em breve um raio de sol, como uma navalha ideal, vae reduzindo a nada os flocos amontoados. A face do ceu está quasi limpida. Então um arco iris, semelhante a uma gravata de sete côres, estende-se do norte ao sul. E o ceu fica-se, por um momento, como um precioso dandy, saboreando as nossas admirações terrenas. Esplendida toilette! Na verdade, nunca vimos nada tão brilhante nos aceios, com premeditação, dos janotas cá da terra.

Mas, não percamos, em futil conversa, os dons que a amavel natureza nos prodigalisa, e, na impossibilidade de lhe fazer chegar aos ouvidos uma palavra de agradecimento, ou ás mãos um bilhete de visita com o canto dobrado, mostremos-lhe, ao menos, que não beneficiou um ingrato.

Gozemos este esplendor meridional que faz florir as larangeiras, que arranca modulações de amor ás aves, que pinta de esmeralda as planicies, de azul o ceu, das roseas côres da manhã o rosto das amantes, e que verte nos corações um elixir da mocidade como o do velho Fausto!

Que riqueza peninsular esta que nos rodeia!

*

Tinhamos esquecido de dizer ao leitor que estamos defronte da ampla bacia que o rio descreve em frente da cidade, e que vamos entrar n'um pequeno vapor, prestes a sulcar as aguas. Desceremos o rio.

O vaporsinho alteia-se brandamente, como uma medalha no seio de uma mulher adormecida. N'isto entram apressadamente um sujeito gordo, uma dama mal vestida e uma creança a chorar. Voltamos á realidade. Entram muitas outras pessoas. O sino dá o signal da partida; a agua referve ao choque das rodas; forma-se uma toalha de espuma, e move-se o casco fluctuante. Uma familia da provincia, ao pé de nós, corta o extasis, em que de novo estamos embebido, com exclamações ufanas, diante do casco alto e historico de uma velha nau de guerra.

Cumprimentae-vos mutuamente, santas reliquias de outras eras, mas não nos obrigueis a ir procurar um abrigo distante, á prôa, contra o vosso patriotismo á ré! Por piedade!... A prôa é tão incómmoda!

Como, porém, as naus não duram eternamente, o patriotismo accommoda-se.

Ao pé de nós vae um individuo louro e anguloso, que parece ser inglez. Usa uma roupa de côr indecisa, um collarinho altaneiro, quasi

alpestre, e polainas claras de verão. Traz ao lado, pendente de uma correia de verniz, o seu companheiro inseparavel, o seu amigo binoculo.

Brilha em seu rosto sanguineo uma alegria infantil. Põe o binoculo aos olhos, tira-o, volta-se para nós, torna a pôr o binoculo e exclama:

— Oh!... Oh! e mais umas coizas de que o leitor póde fazer ideia pronunciando, sem tomar folego, 70 consoantes. Eu traduzi livremente, do seguinte modo:

— Que bella coisa para ser comprada pela Inglaterra!!! Que pechincha!

Pobre inglez! Vae-se lembrando dos nostalgicos nevoeiros de papel pardo da sua rica Albion, do seu restricto Tamisa e das suas campinas plantadas de batatas. Infeliz subdito! Ingrata patria!

Uma serie de outeiros passa silenciosamente diante dos nossos olhos. São os mesmos que sua magestade o imperador do Brazil immortalisou, uma vez que por ali passava, com a sua phrase principesca:

— Tudo tão péládo!

Pelo ponto de intersecção dos declives, ás vezes o olhar descança no interior das terras, e então podêmos ver as longinquas planicies

de côres pallidas e monótonas, o arvoredo batido pelo sol, ou as terras cultivadas, de um verde tenro e vicejante. Cortadas a pique sobre o rio, algumas barreiras de côr avermelhada debruçam-se curiosamente. Sobre os declives espraiam-se os grupos de arvores de copas arredondadas, as oliveiras de folhagem tristonha, as casinhas rusticas, os moinhos de vela intrépida, nas alturas, e ao longe os montes de perfil adunco voltado para o céu. Tudo isto, poetisado pela distancia e pela irradiação da luz, tinha a delicadeza e o mimo de uma miniatura.

Dos nossos companheiros apenas o inglez contempla estes quadros atravez das lentes do seu binoculo, pensando talvez n'um meio de transportar aquelles pequeninos panoramas ridentes para os descampados nebulosos da sua Gran-Bretanha. Alma cheia de illusões e de contractos! Elle vae scismando se não seriam mais uteis a este povo algumas centenas de libras sterlinas, do que aquellas paysagens lançadas á margem, que ninguem julga dignas de um olhar.

Como te enganas! Se exprimisses essa ideia em voz alta, ali mesmo, no convez do vapor, começava toda a gente a olhar para o ponto indicado, a rosnar, a fallar nas armas e nos barões assignalados, que... etc... na autonomia... Horror!

O inglez vae absorto. O rio é um manto vasto e brilhante, que se alarga aos nossos olhos como a perspectiva d'um grande quadro. Por entre a bruma do porto uma fortaleza ergue o seu perfil rendado, ao fundo. As embarcações estanceiam aos grupos, d'um e d'outro lado, e por entre ellas os botes ligeiros, de vela triangular, sulcam vivamente as aguas.

O inglez olha de vez em quando para nós. Sente o desejo de fallar, de expandir-se, de contar-nos as gratas impressões que sente, de dizer-nos como tudo isso é esplendido, e de dar-nos os parabens por possuirmos coisas tão formosas. Mas não ousa. Elle não nos conhece, e não se animaria a dirigir a palavra a uma pessoa a quem não foi apresentado com as formalidades do estylo.

— *Shocking!*

Nós comprehendemos a sua indecisão e murmuramos intimamente, dirigindo-nos a elle:

— Chó... *Shocking!*

Esta decisão salva-nos do apuro compromettedor em que nos encontrariamos, tentando explicar-lhe as razões que nos levariam a não lhe acceitar as felicitações. Desgraçadamente, aquillo não é nosso. Nós somos tambem um estranho e temos apenas um uso-fructo muito restricto d'aquellas preciosidades, pois que se limita ape-

nas a um sentido: o da vista. Ditosos aquelles que teem a posse d'essas planicies verdejantes e d'esses outeiros pittorescos sobranceiros ao rio! Mimosos os que ali vivem felizes, nas suas sete quintas, podendo exercer a seu bel sabor, conforme lhes aprouver, todos os outros sentidos, incluindo o quarto!

Ditosos!...

VI

Desde as 11 horas da manhã que um sem numero de carruagens atravessa as ruas estrepitosamente em todas as direcções. Como nos dias festivos, em que chega ou parte algum monarcha estrangeiro, os regimentos sáem dos quarteis com os sabres faiscando ao sol e as musicas á frente tocando hymnos marciaes. O povo corre de todos os pontos, e as fortalezas ao longe salvam gloriosamente.

Nos outros dias, nos dias vulgares, ainda toda essa parte da humanidade que sustenta pelas redeas, — como um Apollo reduzido á expressão mais simples — duas tristes *pilecas,* divaga pachorrentamente, não ousando fazer aos tran-

seuntes uns gestos amigos e hospitaleiros que significam: vem a meus braços! Hoje, porém, acham-se revestidos de uma importancia extraordinaria, e parecem ter consciencia do que valem n'estes dias solemnes.

Sob esta designação generica — o cocheiro — existe em todas as sociedades um typo muito curioso e muito caracteristico. Intelligente como um cigano, dissimulado como um diplomata, observador como um philosopho, affavel como um jesuita, o cocheiro aproveita as suas qualidades para explorar o genero humano — a trote. Por um simples olhar dirigido á pessoa que o chama, elle conhece immediatamente o que a philosophia até hoje ainda não pôde saber: — Quem é, d'onde vem e para onde vae. Quanto mais indecisa e mais mal vestida se apresenta a victima, tanto mais elle vae abusar da sua bolsa e da sua vida. Não ha nada que o alegre tanto como um grupo de provincianos inexperientes e frescos. Desde o momento em que elles se installam, sem pedir a tabella dos preços, o terrivel personagem pensa logo no aphorismo popular que o justifica aos seus proprios olhos: *a occasião faz o ladrão,* e trata de tirar do axioma e dos passageiros todas as consequencias e todo o dinheiro que póde.

Não é injustamente que os povos civilisados

e a policia estão prevenidos contra os cocheiros. Dentro dos seus dominios, são os maiores tyrannos que se conhecem. Em vez de proteger os fracos, levando-lhes simplesmente o dôbro dos preços estabelecidos, levam-lhes trez vezes mais, e em vez de os levar ao seu destino conduzem-n'os ás excursões mais phantasticas... quando o percurso é á hora. Quem é que não sabe isto por experiencia propria? Quem é que uma vez na vida, desejando ir ao jardim d'Alcantara, que conhece por tradição, se não sentiu transportado aos páramos longinquos do bairro que tem o mesmo nome? É por isso que a respeito dos cocheiros, toda a gente repete com immenso terror e ainda mais experiencia esta maxima da sabedoria humana:

— O homem põe e o cocheiro dispõe!

Dentro dos trens que passam a trote selvagem pelas ruas, o nosso curioso e surprehendido olhar avista alguns personagens pomposos. Abundam os dignatarios de farda agaloada, com os peitos cobertos de medalhas, os chapeus de bicos com plumas, as casacas pretas com as competentes commendas e as casacas azues marchetadas de ouro. Vem trotando, ao longe, o vistoso estado maior de um general. Passa por nós e perde-se na curva da rua, entre o estrepitoso bater das patas dos cavallos, levantando uma

nuvem de poeira. Mal temos perdido de vista o ultimo guerreiro, e já do mesmo ponto e na mesma direcção apparece um regimento em grande uniforme, com a musica á frente, e os sapàdores herculeos abanando compassadamente as longas plumas vermelhas das barretinas felpudas. As espadas scintillam entre as côres buliçosas das fardas, e o sol, como que a brincar com os sabres dos soldados, faz saltar doidamente reverbéros incendiados, rapidas projecções deslumbrantes, a todos os movimentos.

— O que será isto? perguntavamos a nós mesmo, quando nos appareceu um conhecido.

— O que vem a ser?...

— Oh! exclamou elle, com um gesto larguissimo: Abertura solemne das camaras, 2 de janeiro, regalias constitucionaes, guarnição formada, discurso real, povo a correr, monarcha presente, vivas á porta, rei agradecendo! Esplendido!

— Deve ser bom!

— Misero mortal, — tornou elle humanisando o estylo, — pois ignoravas que, hoje, a abertura das cortes, dia consagrado ás franquias populares, compradas com o sangue dos maiores?... Dia solemne!

— Agora me lembro!

— Tudo o que ha de melhor. Grande movimento, discurso do throno...

— Deve ser magnifico!

— O discurso? Certamente.

— Não! o movimento, a animação.

— Bello! de primeira qualidade.

Depois, tirando um cartão do bolso:

— Parte. Empunha o bilhete. Americano a S. Paulo, 5o reis. Adeus.

— Obrigado.

— Bôa viagem.

— Até á vista.

— *Addio!*

E foi-se o excentrico amigo, meneando a sua *badine* e dando de vez em quando com ella uma estocada na hombreira das portas. Excellente rapaz! Se não tivesse em tão alto grau a bóssa dos discursos emphaticos, em tom de melodrama, seria um conhecimento insupportavel. Com essa divertida qualidade de dizer as coisas mais simples no tom de quem está fazendo uma interpellação, tornava-se estranho e interessante. A primeira vez que o vi, n'um caffé, pedir ao criado um copo d'agua, julguei que estava dizendo as ultimas ao servo, tal era o seu ar de matamouros e o seu gesto imperativo.

Segui em direcção á camara pelo meio que a natureza me proporcionou com mais prompti-

dão, quero dizer, a pé, como convem a todo o simples mortal que tem pressa e boas pernas. O transito na rua era cortado constantemente pelos trens, pelas tropas e pelos cavalleiros. Fui seguindo com aquella maré humana até ao largo das côrtes.

Ahi a longa fachada conventual, com apparencia de mosteiro abandonado, abria quatro monstruosas portas á concorrencia publica. As tropas formavam um cordão em redor do largo e ao longo da rua. Com grandes difficuldades consegui subir até ás regiões das galerias populares, que ficam nas alturas de um quinto andar, como convem a todas as trapeiras. Chegado á entrada, vi que só poderia entrar passando por cima dos cadaveres de um cento de individuos, que formavam á porta uma barricada insupperavel. Estava tudo invadido, cheio, a trasbordar. Descobrir ali um pequeno lugar, era mais difficil do que achar uma agulha em palheiro. Por isso fiquei contemplando as paredes do corredor, aonde a cal exhibia o seu irresistivel matiz, e emquanto me entregava a essa fugaz distracção, meditei um momento no mau gosto das pessoas que tinham distribuido bilhetes, indefinidamente.

A respeito do que lá se passou dentro, sou forçado a guardar o mais absoluto silencio. Indagando porém depois, vim a saber algumas par-

ticularidades do acontecimento. Infelizmente, não tendo podido ser testimunha ocular, não me animarei a jurar sobre umas *Horas* a veracidade do que me disseram. O meu relogio, para maior infelicidade, estava parado.

Edmond About, na sua admiravel comedia *A educação de um principe,* apresenta-nos um curioso quadro. A scena passa-se n'um paiz distante, entre um monarcha e a sua côrte. A magestade acaba de jantar e dirige-se ao throno dos seus maiores, d'onde faz um discurso de abertura de qualquer coisa. Pensando n'isto, a phantasia apresentou-me um monarcha poderoso rodeado tambem da sua côrte. Pareceu-me ouvir-lhe o seguinte:

— « Dignissimos vassallos, e senhores representantes do pagode chinez:

N'esta occasião solemne, em que estou fazendo o chylo, é com verdadeiro prazer que me vejo rodeado por todos os amigos e sustentaculos da reinação.

Continuam do modo mais satisfactorio as nossas relações diplomaticas com o estrangeiro. Hoje mesmo, o meu cosinheiro preparou-me um jantar delicioso, aonde os molhos francezes estreitaram mais uma vez os laços que os unem aos nossos peixes preciosos, e aos nossos paladares exquisitos.

A tranquillidade publica do paiz não tem sido alterada, graças ao regimen pacificador que o meu governo tem applicado ao povo, a exemplo do que tem feito o meu collega da Russia, para fazer reinar a ordem em Varsovia.

No intuito de melhorar o nosso armamento interior, determinei-me a comprar, a uma das principaes casas da Inglaterra, uma das mais aperfeiçoadas e completas baterias... de cosinha.

Continuam activamente as obras do caminho de ferro da Cochinchina, o qual facilitará consideravelmente as nossas relações internacionaes e enriquecerá ao mesmo tempo as nossas capoeiras com a raça de gallinhas especiaes d'aquelle abençoado torrão.

Com o fim de manter a distancia os nossos inimigos, o meu ministro da marinha fez acquisição de alguns vazos... de guerra, que espero não se farão demorar muito tempo. A fim de proteger as nossas costas, ser-vos-hão apresentadas diversas propostas urgentes.

O meu ministro da fazenda, melhor do que eu, vos dará conta d'essas medidas, que revelam a vitalidade da nação, o seu patriotismo e a prosperidade que desfructa.

Está aberta a sessão.» —

O orador é cumprimentado pelos seus nume-

rosos inimigos, e retira-se, commovido, deixando-os a berrar:

— Viva D. Fulano!

— Viva!!...

— Viva Cicrano!

— Viva!!!!

O estado de cansaço em que nos achavamos, junto á perspectiva somnolenta dos corredores, produziu-nos uma especie de adormecimento, durante o qual sonhamos estar ouvindo este discurso. O tropel da gente que saía das galerias veio arrancar-nos do passageiro lethargo, chamando-nos á realidade. Que coisas extravagantes nos tinham passado pela imaginação! Mas os sonhos, ás vezes, teem um tal colorido, que a gente chega a persuadir-se de que são verdades. Foi o que nos aconteceu.

Saindo, tornamos a ver as tropas formadas em linha, com a artilheria em frente, mostrando as boccas hiantes e ameaçadoras. Correu-nos pela espinha dorsal um calefrio nervoso, mas socegamos a nossa agitação, vendo que diante das truculentas fauces diversas pessoas passeavam com todo o sangue frio. Aquella artilheria era pacifica e inoffensiva. Collocar-se um individuo em frente d'ella correspondia a metter a cabeça, heroicamente, na bocca de um terrivel leão... empalhado.

VII

Todas as cidades teem, na proporção da sua grandeza e da sua opulencia, as suas miserias profundas e occultas, a geração dos infelizes que vive na sombra, que se mostra raramente á luz do sol, e que á noite sae a mendigar. A miseria de Londres, a cidade mais populosa e opulenta do mundo, é proverbial. Conta-se que Gavarni, atravessando a Mancha para estudar os costumes inglezes e fazer-lhes as caricaturas, taes scenas de miseria pôde observar, tão lamentaveis espectaculos, tantas desgraças pungentes analysou, nos bairros á beira do Tamisa, que, deixando de parte completamente o seu plano de caricaturas, regressou a Paris trazendo

comsigo um desgosto intimo, uma melancolia profunda que o não abandonou mais até á morte. E nos ultimos annos da sua vida, como querendo affastar do seu espirito as tristes recordações, se entregou aos problemas da mathematica e ás nebulosidades da metaphysica. Tinha visto de perto, em toda a sua expressão dolorosa e pungente, a miseria humana!

A triste legião dos inválidos a quem a doença roubou todos os recursos, a sombria cohorte das mulheres edosas que se veem sós no mundo, e a longa serie de familias que não pódem ganhar o pão, esconde-se de dia nas suas mansardas, e foge a todas as vistas. Agrilhoada pela fome, essa gente sae, como uma lúgubre procissão de penitencia, ao anoitecer, e estende a mão á caridade publica. É então que o observador póde descubrir, entre o povo que atravessa as ruas descuidosamente, esses estranhos personagens, a quem o Senhor não dá, como aos passaros do ceu, o alimento de cada dia.

A sociedade tem as suas razões para não perder o somno com as desgraças que encontra. Por isso, em geral, passa tão descuidosa e tão indifferente, como o bom Deus, pela miseria que ella devia soccorrer. Então os infelizes, no transe do desespêro, decidem-se a um trabalho assustador, quasi infructifero, o unico

que lhes é possivel: aproveitar nas ruas o que as classes remediadas deitam fóra.

Todos sabem o modo como é feita a limpeza nas velhas cidades que não teem canalisações. O lixo da casa é lançado a um barril ou a um caixão, que vem para a porta da rua de manhã cedo, a fim de que as carroças municipaes o recebam nos seus amplos bojos.

Pois bem: muito cedo ainda, ao despontar da aurora, quando a natureza se reveste de gallas e o ceu parece sorrir á terra, sae das suas trapeiras a turba dos miseraveis e espalha-se pela cidade.

Que triste espectaculo!

Passa uma mulher edosa, com o rosto magro e doentío envolto n'um lenço em farrapos. O seu vestuario compõe-se de uma saia remendada e de um casaco de homem. N'um dos pés vê-se-lhe uma especie de atadura sobre uma ferida; no outro um sapato rôto. Traz na mão um pau, e no regaço alguns papeis sujos, e pedaços de madeira. Depois de enxotar ferozmente, por meio de uma cacetada, os magros cães que refocillam no lixo, ella introduz as resequidas mãos no barril, resmungando em voz impertinente palavras desconnexas, talvez pragas ao misero ente que a precedeu ali. Vae remechendo e lançando ao regaço alguns

objectos inclassificaveis. Dentro do barril, a cebola podre, o caco, a folha de couve, o papel sujo, a casca da batata, a cinza, revolvem-se ao impeto d'aquellas mãos febrís. De vez em quando, um movimento indica-nos que aquellas mãos encontraram alguma cousa aproveitavel, que lançam ao regaço. Esses restos, que as outras classes deitam fóra por inuteis, constituem para a desgraçada mulher toda a riqueza. Tudo lhe serve: o vidro quebrado, o pedaço de papel, a lasca de madeira, e os mil objectos informes que ali se amontoam n'um perfeito cáhos. Passa successivamente de uns portaes aos outros, e depois de ter corrido miudamente as escórias, vemos surgir outros desgraçados que vão examinar, e recolher, por sua vez, o que foi despresado ou esquecido pelos que os antecederam.

Atravessa a rua uma especie de S. Pedro mendicante, um velho de barba e cabellos crescidos, e de physionomia contrahida e dolorosa como a de um martyr. Veste um longo frak despedaçado e umas calças decrépitas cheias de costuras a linha branca. Dirige-se a um portal, aonde, antes d'elle, já estiveram quatro ou cinco mendígos, catando o lixo. O que poderá encontrar ali, santo Deus?

Comtudo caminha. Vae tristonho e concen-

trado. É-lhe indifferente o que se passa em redor, e semelha um philosopho abstrahido n'uma questão de origem.

Segue curvado para a terra, vacillante e pesaroso, sem erguer os olhos ao ceu. De lá nunca lhe caiu o sustento, e, apenas, diversas vezes, lhe tem caido a chuva, como um açoite, sobre a sua nudez. O ceu ou tem no mais alto grau a ironia, ou então ignora que as obras de misericordia não mandam *dar de beber a quem tem fome.*

É doloroso contemplar estes quadros. Pois bem, ainda não é tudo. Um dia, vi eu uma pobre mulher esquelectica remecher anciosamente n'um d'esses monturos e tirar d'entre aquellas materias humidas e pegajosas, uma coisa que limpou á saia, e devorou depois soffregamente. O que seria? Espectaculo pungente e horrivel! A pobre mulher comia um pedaço de pão, escuro e repellente, pão que estava ali em sórdida promiscuidade com mil coisas nojentas.

Pobres viventes! Ide em vosso labor quotidiano disputar, á cacetada, todas as manhãs, aos cães vadios, o escasso alimento que a cruel natureza exige de vós — sob pena de morte. Ide! revolvei os entulhos, que é d'ahi unicamente que a sociedade egoista, e cheia de religião, vos permitte que retireis o pão de cada dia. Velhos de-

crépitos, mulheres enfermas, creanças famintas, nós somos ricos para que a púrpura e o ouro brilhem em nossos templos; para que o papa receba opulentas dádivas; para que os privilegiados ganhem n'um dia o que vós não gastaes todos n'um anno, mas não temos dez reis com que vos atiremos. Ide-vos! Nós somos felizes, na sinecura ou na sacristia, e o vosso aspecto ataca-nos os nervos. Demais, nós não somos affeiçoados á escola realista. Ao melhor quadro de Courbet preferimos o peior jantar do *Restaurante francez*, ao mais afamado romance de Flaubert, a mais ignorada digestão. A vossa miseria produz nauseas. Se, ao menos, estivesseis immoveis dentro de uma moldura dourada, com um bello nome por baixo, e um colorido ardente por cima, vá lá, dar-vos-hiamos um momento de attenção, uma vez por outra, sobretudo quando nos lembrassemos de que algum amador poderia dár por vós trinta dinheiros — queremos dizer, trinta libras!

VIII

O espectro de Banquo, a estatua do Commendador, o côro das Eumenides, as sete pragas do Egypto, a sombra de Nino e outros lugares communs, que tanto aterraram nossos avós, são hoje impotentes para produzir sobre a geração moderna o mais passageiro susto. Como, porém, era preciso, a fim de não destruir as leis de equilibrio que regem o mundo, que alguma cousa viesse substituir essas extinctas sombras implacaveis, a sociedade segregou de si um ente que as deixa a perder de vista: é o maçador.

Debaixo d'este substantivo masculino e plebeu, existe uma especie de inimigos terriveis

da nossa liberdade e da nossa independencia, como debaixo das mais inoffensivas apparencias de um ministro do Evangelho existe um jesuita. Como não houve um grito de alarme, quando esse flagello entrou serenamente na vida, ninguem deu por tal. Pôde então *crescer* e *multiplicar-se* á vontade, como se o bom Deus lhe tivesse dedicado expressamente esses dous verbos da biblia. Uma vez accommodado no seu elemento, veio perturbar os sonhos pacificos de todo o homem na qualidade de flagello obrigatorio.

O maçador!

Prouvera aos ceus que elle fosse uma simples palavra, e que existisse apenas no diccionario de Lacerda, a pag. 543. Desgraçadamente, a sua existencia real é mais do que certa. Quem o não conhece? Quem o não encontrou ainda? Ninguem! Elle está aqui, ali, acolá, na villa, na cidade, no campo, e pode-se dizer que rivalisa com Deus, porque está, como elle, em toda a parte.

Desde o momento em que a fatalidade permittiu que lhe merecessemos sympathia—e isto acontece sempre—só nos resta uma coisa: a emigração. Os seus dominios estendem-se por toda a cidade, da rua ao café, aos clubs, aos bailes, aos theatros, á vida privada, ao lar do-

mestico. A casa do cidadão é inviolavel, dizem as leis. Será, menos para elle.

Nós fomos uma das suas victimas predilectas, e conhecemos por experiencia o typo assustador, que toma na civilisação moderna o caracter de um perigo social, de um trambolho de chumbo atado ás pernas do homem livre.

Em primeiro lugar elle conhece-nos. Como? Mysterio profundo. Falla-nos, trata-nos familiarmente, toma-nos o braço, insinua-se, fixa-nos e arroja sobre nós o Niágara dos seus contos e historias, mais cerrados do que um esquadrão, mais impetuosos do que uma tromba marinha. É impossivel descobrir uma abertura, ou antes uma paragem salvadora. A sua voz nasal tem a melopêa somnolenta de uma orchestra no momento da afinação, e a espessura de um quadrado militar. Achámo-nos envolvido n'um nevoeiro de opio, e adormeceriamos de pé, se elle não tivesse o cuidado de bater com os cotovellos, como por acaso, amiudadas vezes, sobre as nossas costellas.

O seu caso é simples: Tinha um emprego e tiraram-lh'o. Sobre esta these, organisa elle um drama como um prégador organisa um sermão sobre um texto latino, e lança-o sobre nós á carga cerrada. Durante as 24 horas do primeiro dia, expõe elle os primeiros 24 actos. Fe-

lizmente, a morte vem cortar o fio da tremenda historia, e o da nossa existencia, se um acaso qualquer o não obriga a separar-se de nós. A bengala é a unica taboa de salvação que nos resta em tão calamitoso naufragio.

Antes d'isso, porém, quantos soffrimentos!

— Meu caro Araujo, agora sigo por aqui.

— Não tenho destino, vou tambem.

— Amigo Araujo, estou com somno, vou-me deitar.

— Acompanho-o até casa.

— Móro aqui. Vou-me deitar.

— Está dito; descançarei um bocado. Boa vivenda! Sim senhor! Que numero é?

— 497.

E toma nota.

Participa depois da nossa ceia, senta-se na cama, remeche os livros, e não se peja de lançar uma vista de olhos sobre os papeis.

— Estou a caír de somno! Dá-me licença? dizemos-lhe.

— Essa é boa! Franqueza, franqueza.

Vamo-nos despindo. É escusado dizer que durante este tempo o drama começado ás seis horas da tarde — continua a passar sem novidade em sua importante extensão.

Adormecemos.

De repente quando o nosso estado é mais de-

licioso, e quando um sonho ineffavel começava a mostrar-nos Araujo encadernado em coiro, e transformado em bibliotheca de convento, abandonada a tristes destinos, sentimos um abalo.

— O que é? o que é? exclamamos, esfregando os olhos com sobresalto.

— Então já a dormir?! Isto não tem geito. Ora vejam!... exclama ironicamente.

— Uma distracção...

E vamos adormecendo de novo.

— Mas quer saber o que me disse o ministro? continúa elle, sacudindo-nos. Disse-me que havia de ver... e... que... eu... e tal... Percebe?

Um discurso em latim na universidade, um artigo de fundo de uma folha commercial e uma caixa de pilulas de opio não produzem um desfallecimento mórbido mais completo. O inverno produz sobre as formigas um somno de seis mezes, mas Araujo pode-se gabar de poder produzir, sem grandes esforços, sobre a humanidade o somno eterno.

Suppomos que elle tentou accordar-nos inumeras vezes, mas que chegando á convicção de que tinha perpetrado o crime de homicidio voluntario, fugira espavorido com medo de ser preso.

Ao outro dia de manhã o despertar é deli-

cioso. Araujo bateu em retirada julgando-nos morto. Já ali não está. Para onde iria ? Oh felicidade!

Voltamo-nos na cama indolentemente. A roupa morna circunda-nos com carinho. Pela janella entra o matutino sol... do meio dia. É o momento precioso, em que a pagina de um romance é um genero de primeira necessidade. Estendemos a mão para a banca, instinctivamente, procurando no sitio costumado o nosso amigo Mery, em brochura.

Horror!

Araujo levou comsigo o romance!

A leôa a quem roubam os filhos, o tigre de Bengala ferido pelo caçador e o *thug* manietado á traição, não sentem uma furia mais indómita, um desespêro mais allucinado, uma sêde de sangue mais devoradora. E, rugindo de cólera, voltamo-nos para a parede meditando na compra de um punhal hervado, e n'este preceito da antiguidade: a vingança é o prazer dos Deuses!

Ao outro dia, mal pomos pé na rua, lá corre elle para nós, de braços abertos. Estacamos, tomando a attitude de um homem que se acha disposto a eliminar do numero dos vivos o seu maior inimigo. Á falta de um punhal hervado, exerceremos a nossa vingança pelo systema inglez e exclamamos furiosamente:

— O romance ou a vida!

Elle porém desarma-nos, dizendo-nos com um sorriso amavel, cheio de doçura:

— Desculpe-me não me ter podido demorar hontem mais tempo, sim?

Bandido!

N'uma palavra, para nós, que não acreditamos no inferno, o *maçador* é o flagello terrivel que o Senhor arrojou a esta sociedade dissoluta n'um momento de indignação exaggerada. E diga-se com a phraseologia do nosso tempo: — O Senhor excedeu-se a si proprio!

IX

Nada mais delicioso do que um encontro inesperado, por uma bella manhã de sol, de um bom rapaz, um amigo de infancia, um companheiro de collegio, ao qual nos ligam esses indestructiveis laços de amisade que prendem duas almas, quando ellas compartilharam juntas os mesmos perigos, e as mesmas palmatoadas. Juntos, tinhamos transgredido as leis do nosso collegio, fumando ás escondidas detestaveis cigarros bregeiros, aos quaes achavamos um perfume oriental, que nos fazia andar a cabeça á roda. Nunca os sonhos nebulosos que o *atchisk* dá aos velhos sultões foram mais phantasticos e mais inesperados, do que a modorra

que o cigarro nos trazia, juntamente com uma grande vontade de vomitar. Mal as extremidades dos nossos cigarros commungavam na chamma do mesmo phosphoro, começavamos a tossir como se estivessemos no terceiro grau da phthysica pulmonar. Depois sentavamo-nos, encostando a cabeça, e faziamos os maximos esforços por deitar o fumo pelo nariz. Trabalho perdido! O fumo saía-nos pelos olhos conjunctamente com as lagrimas de alegria, que o extasis nos arrancava... á força. Tanto mais insupportavel era o nosso soffrimento, tanto maior era o nosso stoicismo. Podia-se dizer que a principal rasão que nos levava a entregar assim ao vicio, sem receio das consequencias, era esta: o fogo tudo purifica!

É impossivel relatar os martyrios que a fabrica de Xabregas nos fez padecer, durante dois annos. Oh! esgotamos até ás fézes o calix da agonia, e os cigarros d'um estanco visinho. Quantos supplicios! Eram tão baratos! quasi de graça: 12 ao vintem. Bons tempos!

Hoje lembra-nos vagamente esse episodio de collegio, com todos os encantos dos dias de enjôo a bordo, aonde, por diversas vezes, se a natureza se não oppozesse a isso, teriamos vo mitado as entranhas. Mas o que era isso comparado ao prazer de lançar as fumaças pelo

canto da bocca, e vêr o fumo ennovelar-se e subir rapidamente, como se quizesse bradar aos ceus? A isto acrescente-se o sabor do fructo prohibido, e saiba-se que os cigarros não se achavam á mão sobre os galhos de qualquer arvore, mas sim nos reconditos escondirijos do casaco, entre as profundidades dos forros mais ignorados. Esta circumstancia multiplicava infinitamente os attractivos dos cigarros de Xabregas, pela difficuldade de os obter, e mais ainda, de os fumar longe das vistas do director, o qual a este respeito — só a este — era um lynce!

Quantas conspirações nós tinhamos tramado juntos, e quantas vezes padecemos ambos o castigo de ficar na aula durante o tempo de recreio, por abortarem os nossos planos revolucionarios! Sobre tudo uma vez a coisa esteve séria...

Tinhamos combinado com os outros que, no passeio, a um certo signal, começassem todos a marcar o passo como fazem os soldados em marcha. O projecto teve um exito brilhante. No momento em que seguiamos por uma das principaes ruas, ouviram os professores, de repente, a cadencia dos nossos passos, que soavam todos a um tempo, fazendo rir e parar os transeuntes. Este facto envolvia uma quebra de dis-

ciplina, altamente compromettedora... para o director. Por isso, apenas chegados ao collegio, soffremos um interrogatorio implacavel, sem dó nem piedade, d'onde se pôde descobrir quem eram os auctores d'aquelle arrojado plano militar. As aptidões que tinhamos revelado para a arte da guerra em nada attenuaram o barbaro castigo! Durante quinze dias fomos privados do *recreio,* e lamentamos amargamente termos sido os supremos commandantes de tão infeliz manobra.

Saímos do collegio quasi ao mesmo tempo. Elle seguiu a vida da marinha, e não nos tornamos a ver durante cinco ou seis annos.

Foi com uma alegria vivissima que o meu antigo companheiro se dirigiu para mim, de braços abertos, n'um passo de carga, exclamando:

— Venham de lá esses ossos!

Trocamos um abraço, depois um apêrto de mão, e ainda depois as seguintes palavras:

— Então?

— Então??

— Como estás tu?

— E tu, meu amigo?

— Magnifico!

— Que é feito?

— Sempre por aqui.

— Ora! estava bem longe de esperar encontrar-te no proprio momento em que desembarco.

— Dize-me cá; tu chegas de...

— De Guiné.

— C'os diabos. Que tal?

— Um inferno.

— Calor?

— Pouff!

— Mas, em compensação, uma natureza... esplendida.

— Cheia de graça e de febres.

— Não estás muito mudado.

— Assim, assim. Tu, sempre o mesmo?

— Sempre. Firmeza de convicções...

E o meu amigo afagava o bigode, medrado ao sol dos tropicos, n'uma vegetação luxuriante, e com os movimentos do braço fazia brilhar sobre o fundo azul da farda os seus galões de oiro.

— Então, disse-lhe eu, tenente?

— É verdade, tenente.

— Ninguem sabe ao que tem de chegar.

— O futuro a Deus pertence.

— Estou a vêr-te *lobo dos mares* d'aqui a uns annos.

— É possivel.

— Quem o havia de dizer? Tu, tão prodi-

gioso em *Manual de Estylo,* dás em guerreiro. Eu, tão propenso a capitão de mar e guerra, dou em litterato. Já é!

— Os primeiros pensamentos são sempre os mais falsos.

— Bom tempo!

— Olá! não volta.

Entramos n'um café e, defronte de dois copos de cerveja, contamos mutuamente o que nos tinha succedido durante esses cinco annos de ausencia. Por diante dos nossos olhos passaram as scenas mais animadas e mais imprevistas, como pela retina de um observador as phantasticas combinações de um kaleidoscópo. Ás vezes fallavamos ambos ao mesmo tempo, e as horas corriam alegres e fugitivas, como tudo o que é bom. Hoje, se quizessemos dar conta do tempo que passamos a conversar, só nos restava um meio: dizer que conversamos durante... tres copos de cerveja, por cabeça.

Ia-se fazendo tarde, e o meu amigo tinha de apresentar-se no ministerio da marinha.

— Jantamos juntos!

— Evidentemente.

— Uma hora para as coisas sérias.

— Depois aqui.

— Sem falta.

E separamo-nos.

Tendo prestado rigoroso culto á pontualidade ingleza, eu e o meu amigo deixamos o café, e de braço dado seguimos pelas ruas mais concorridas, prêsos n'um conversar animado, acotovellando insensivelmente os transeuntes. Estavamos n'esse ameno estado de espirito, que os italianos classificaram de *dolce far niente,* e tratavamos de matar, do modo mais agradavel, o tempo.

Bernardin de Saint-Pierre diz que não ha melhor amigo do que uma mulher que nos ama. É um facto. Invoco em favor da affirmativa a experiencia do leitor, visto não poder apresentar a minha, por modestia. Mas o que tambem não será contestado é que poucos prazeres serão tão completos como o encontro de dois amigos, depois de uma longa separação. Proudhon andava muitas vezes oito leguas a pé, para ir visitar um amigo de infancia.

O meu companheiro contava-me como estivera atacado das febres n'um clima inhospito, longe dos seus, sem cuidados carinhosos de familia, só, no camarote a bordo. Fallava-me na dedicação da gente do mar e na solicitude com que um simples marinheiro o rodeára de cuidados n'aquelle doloroso transe.

— Era um homem brutal, — dizia-me elle —

creado na lucta com as ondas e com as tempestades, mas ao mesmo tempo tão carinhoso e tão dedicado, quando se tratava de dar-me um remedio, ou velar á minha cabeceira, que, para ser uma optima irmã de caridade, só lhe faltava — além do sexo — martellar-me os ouvidos com coisas religiosas, e pedir-me que me voltasse para Deus, quando eu mais precisava de que me voltassem... para o outro lado da cama. Milagres da amisade! Este homem rude e ignorante teve para comigo os extremos da dedicação. Devo-lhe ter chegado, sem mais avarias, a porto de salvamento!

Depois, voltando-se para mim, com uma ironia apenas simulada:

— Não desfazendo em quem está presente, o grumete *Zé Rigor* é um dos meus melhores amigos. Comprehendes...

— Estimo-o. *Zé Rigor!* já não me escapa. Has-de mostrar-m'o.

— Qualquer dia.

Eram talvez seis horas da tarde e tinhamos chegado á margem do rio. O caes estava animado. Os barqueiros perguntavam-nos se queriamos ir a bordo, e tratavam os galões do meu companheiro com uma veneração idólatra, como quem sente no fundo d'alma o de-

sejo imperioso de render culto a um ente superior e o de ganhar, ao mesmo tempo, cinco tostões.

Diante de nós alargava-se um panorama de proporções grandiosas, um quadro verdadeiramente esplendido. O sol descia, com as esbraseadas projecções d'uma fornalha ardente, purpureando o horisonte e assoberbando com os clarões rutilantes as timidas nuvens que lhe serviam de côrte. Reflectia-se sobre a superficie polida e tranquilla do rio em uma longa facha luminosa com reverbéros espelhantes, cortada indefinidamente pelo perfil pittoresco das embarcações. Barcos e vapores, mettiam denodadamente a prôa áquella zona incendiada, e as vellas triangulares e o fumo alvejante banhavam-se nas côres rosadas do crepusculo como n'um baptismo de fogo, e sumiam-se entre a floresta dos mastros e das cordagens dos navios ancorados. Ao longe, os montes apresentavam toques esfumados d'um roixo diáphano, como ao romper da manhã. Sobre os recamos de madreperola, que as nuvens longinquas desenhavam na abóbada celeste, subiam do lado da barra os nimbos esphacelados do poente. Era o morrer de um dia esplendido, e, como os ultimos clarões bruxuleantes de uma lampada gigantesca, o sol vibrava os seus mais ardentes

raios. Tingia-se o horisonte com as incandescencias dos grandes incendios, e injectavam-se de côres purpureas as nuvens acastelladas. Em toda a linha do poente havia o clarão vertiginoso das chammas; o fulgurar das labaredas, de modo que o ceu parecia — n'aquelle momento.. .. um inferno.

Eu, um pouco mais sonhador do que o meu companheiro, abstrahido do que me rodeava, embebia-me com delicia no esplendor d'aquelle quadro colossal. De repente uma forte pancada no hombro, fez-me voltar á realidade, e acheime outra vez entre as coisas prosaicas da vida, escutando um grito de angustia que me feriu os ouvidos nos seguintes dolorosos termos:

— Então, não jantamos hoje?

Despertei áquella ideia, que era a fórmula vaga de um sentimento que eu não podia definir, e de um grande appetite. Era certo que tinhamos dado um enorme passeio, e que a digestão do almoço devia estar feita ha muito. O pão do espirito, que, com profusão, nos alimentára durante algumas horas, tinha passado completamente desapercebido aos nossos estomagos.

Os antigos naturalistas diziam e diziam bem: a natureza tem horror ao vácuo. Como aquelles patricios illustres que os antigos votavam

ao ostracismo, o triste orgão da digestão sentia-se abandonado cruelmente, mas não se conformava com esse barbaro destino. Revoltava-se, e posto que se debatesse no vazio, a sua voz não deixou d'encontrar um ecco. Elle, que tivera n'outros tempos a honra de um apologo no monte Aventino, e que tivera o poder de socegar as multidões exaltadas, renegaria as suas tradições mais gloriosas, se não conseguisse convencer dois mortaes tão pacificos e tão bem dispostos, como nós, a procurar um restaurante. Demais a mais, nós tinhamos por elle a mais intima sympathia. Deviamos-lhe os mais relevantes beneficios. Emquanto os outros estomagos se pervertiam com os maus exemplos das doenças modernas, elle conservava as suas qualidades primitivas. Parecia de ferro, e tal era a sua valentia no tracto com os alimentos, que, em todas as luctas quotidianas em que se empenhava, nunca deixára de ficar vencedor. E os seus inimigos recuavam sempre diante d'elle, Deus sabe até aonde!

Quando eu mais me entregava a estas solidas considerações, elle tomou a palavra e fez-me um eloquente discurso. Disse que jazia n'um completo esquecimento desde as 11 da manhã e que estava a dár horas. Depois, com uma habilidade machiavelica, que não me cançarei

de elogiar, trouxe-me á memoria o *Hotel Inglez*. Eu disse-o ao meu amigo.

—O teu estomago tem boas ideias, tornou elle rindo. Acho bom aproveital-as.

—Vamos então á *ox tail soup*, ao *beef* sanguinolento, ao *roast-beef* não menos sanguinoso, ao queijo londrino. Um jantar britannico, apopletico, digno da raça anglo-saxonica! Uma ovação á Gran-Bretanha e á sua cosinha.

—O tribunal fará justiça.

Como, porém, eu sentisse que o meu tribunal estava muito disposto á benevolencia, exhortei-o n'estes termos:

—Querido! não te deixes levar pelas primeiras impressões. Sê austero sem altivez e benevolo sem fraqueza. Applaude, mas com perfeito conhecimento de causa. Vou apresentar-te o corpo de delicto. Faze por ser um meritissimo juiz, e não te deixes influir pelas recordações de qualquer perdiz *aux truffes*. Mas não! tu és bom, tu és magnifico!

—E forte como um selvagem.

—Mas incorruptivel como um spartano.

—Basta! exclamou o meu companheiro.

Depois, com um gesto dramatico na direcção do *Hotel Inglez*:

—Façamos justiça!!

D'ahi a pouco, sentados á mesa, com os guar-

danapos de linho sobre os joelhos, e a sopa em frente, sentimo-nos mais felizes do que Henri Heine, ao qual tinham servido uma vez um jantar, cujo primeiro prato era: ausencia de sopa.

— Que te parece o *ox tail?* disse eu.

— Parece-me o caldo negro de Sparta.

— Á primeira vista, não duvido, mas á primeira prova mudarás de opinião.

E assim foi.

Depois fez-se um silencio profundo, durante o qual desfilaram por diante de nós, em direcção ao interior, as mais succolentas iguarias. Tinhamos a attenção de tal modo prêsa, que não podiamos pronunciar uma palavra. Eu reconheci que era preciso dizer alguma coisa, e rompi o silencio.

— Mais vale tarde que nunca, dizia-me a consciencia.

— Então que te parece o beef!

— Puro inglez.

— *Pur sang*.

— A melhor coisa dos protestantes...

— Um verdadeiro inimigo da alma.

— É verdade! O inimigo n.º 3. Faz-me lembrar um caso que observei uma vez, n'uma viagem em caminho de ferro. N'um compartimento reservado de primeira classe, viajava

tambem, n'uma humildade toda apostolica, um bispo. Chegados a uma certa estação aonde o comboio se demorava vinte minutos, todos os viajantes se dirigiram para o bufete, incluindo o bispo. Emquanto nós, os simples mortaes, nos entretinhamos a triturar azas de frango, que pareciam fosseis, e pedaços de carne assada que talvez pertencessem ás vaccas magras do sonho de Pharaó, o bispo, sentado a uma meza contigua, comia um excellente beef, com toda a resignação e todas as batatas de que era capaz. Eu então lembrei-me que a nossa religião mandava *castigar a carne,* e que cada qual estava no seu direito de interpretar esse preceito a seu modo; uns castigando a propria, outros a do restaurante. E retirei os olhos, pensando na fatalidade que me obrigava a seguir a primeira interpretação, e no telegrapho que preparára com antecedencia, para o meu companheiro de viagem, a segunda. Mas nem por isso a minh'alma ficou satisfeita, vendo o modo barbaro com que eu, por intermedio do bufete, ia castigando o seu terrivel inimigo. E desde esse momento fiquei convencido de que as almas não eram tão inimigas da carne, como a Egreja nos procurava insinuar. Que te parece?

— Parece-me um exemplo digno de ser se-

guido. É a primeira vez que um ministro da religião me convence de alguma coisa.

— Tambem a mim!

E ficamos de novo silenciosos, para seguir o nobre exemplo do prelado, e cair com a mesma furia pantagruelica sobre o terceiro inimigo da alma, representado por um excellente beef.

Chegados ao fim do jantar, em frente de um pudding queimado, que vinha apparecendo como o ultimo verso d'um bom soneto:

— Então?

— Magnifico!

— Que te pareceu o beef?

— Bom.

— Não tiveste vontade de dizer-lhe como quando me encontraste a mim: ora venham de lá esses ossos!

— Não. A Cesar o que é de Cesar.

— E o fiambre?

— Melhor.

— E o roast-beef?

— Optimo.

— Estás esbanjando, como um filho pródigo, uma fortuna de adjectivos. Pensa no futuro! Que has-de tu dizer agora d'este pudding portentoso, que é, entre as iguarias, um rei?

— Nada.

— É uma injustiça.

— Aonde não ha, el-rei o perde.

— Ao menos escondamos a todas as vistas a nossa confusão...

— E o objecto que lhe deu causa...

— Sim, que desappareça.

— Nà immortalidade.

— E no estomago.

Revestimo-nos do ar mais grave de que podiamos dispôr. Depois o meu amigo, engulindo o ultimo bocado do pudding, exclamou cheio de compunção religiosa:

— Repouza em paz!

Eu só pude dizer com a voz cortada pela commoção e pelo latim:

— *Consummatum est!*

Depois, como para completar o quadro, entregamos nas mãos do criado uma linda moeda ingleza, d'essas a que os poetas lyricos chamam o *vil metal*. Não se póde dizer que fallem com conhecimento de causa. Recebido o trôco, premiamos a dedicação com que o servo da gleba nos tinha prestado os seus serviços, deixando-lhe entre os dedos uma parte da substancia calumniada. Vimos então, pelas excellencias que nos dirigiu, que as suas opiniões, n'este ponto particular, eram diametralmente oppostas á dos poetas a quem nos referimos.

Apesar do nosso jantar não ter sido dos mais economicos, concordamos, tanto eu como o meu amigo, que tinha sido um jantar impagavel. Realmente, na conta que nos apresentaram, a somma não podia ser considerada, como a d'aquelle jantar do caricaturista francez — uma horrorosa subtracção. E, dando graças a Deus e á cosinha ingleza, retiramo-nos na melhor ordem, manifestando ao roast-beef a nossa eterna gratidão, e o desejo de o ter sempre presente na memoria, já que nos não era possivel tel-o egualmente adjectivado no estomago.

All right!

X

Não ha nada peior, ouvi dizer uma vez, do que receber-se uma noticia má logo de manhã, ao levantar da cama, quando ainda se está em jejum. Até hoje, não quiz a minha boa sina que eu soubesse, por experiencia propria, o que havia de verdadeiro n'este preceito da sabedoria humana; antes, pelo contrario, verifiquei uma vez que a inversa era verdadeira, e que uma das coisas mais agradaveis que póde haver, é, ao levantar da cama, ainda em jejum, dar de cara inesperadamente, ao abrir da janella, com a linda cabeça loira de uma formosa visinha. Vel-a e amal-a é sempre obra d'um momento, como nas cartas arrebatadoras do *Secretario*

dos amantes, pagina 26 e seguintes. Depois, todas as loucuras que andam nos romances, e todos os annuncios de namôro que andam na quarta pagina dos jornaes. Do amor á declaração, como do sublime ao ridiculo, não ha mais do que um passo.

Por entre os vidros da casa fronteira á minha, eu já tinha visto perpassar algumas vezes uma especie de visão poetica, baixada, sem duvida, das alturas celestiaes para encher de encantos o terceiro andar visinho. Dominava-me uma curiosidade indesculpavel, indigna de um homem que se présa, mas tão viva, que eu não sabia como subjugal-a. Quiz o acaso que n'aquelle dia — e áquella hora propicia, sem mais trabalhos, a minha visinha se prestasse inconscientemente á minha contemplação.

O amor é o pasto da alma, e a minha curiosidade matutina partilhou abundantemente d'esta refeição ideal, chegando a ficar satisfeita. Laura — chamemos-lhe assim — era, em duas palavras, uma rapariga encantadora. Alta, franzina e loira, tinha a belleza peregrina das ethereas visões da decadencia, que o leitor tem visto nas gravuras de modas e nos romances sentimentaes. Os seus grandes olhos pensativos tinham, como os de todas as imagens poeticas, um circulo azulado e ténue, emmoldurando n'um bello con-

traste a irradiação ardente das pupillas. O rosto era pallido, a bocca voluptuosa, e as linhas do contôrno cheias de sensualidade. A mão pequena e ossea. Vista á distancia da largura da rua, não havia nada a dizer-lhe, por duas rasões: primeira, porque era uma formosura; segunda, porque os visinhos podiam ouvir.

Todos sabem que a distancia poetisa as mulheres, e que, tanto mais longe estão de nós, tanto mais archangelicas se nos afiguram. O pó de arroz, parecendo um dote natural, divinisa-lhes a belleza e dá-lhes um tom marmoreo, a que as *almas de artista* não sabem resistir. Sobre este conjuncto de perfeições, acrescente-se o divino encanto de uma madeixa loira como as das virgens de Leonardo de Vinci, a fremente ondulação do seio, o magnetismo do olhar, e teremos a imagem triumphante, diante da qual a minha alma,—como uma cidadella indefeza—se rendia á discrição.

Laura tinha erguido o transparente da janella, e apparecera envolta n'um alvo penteador. Os cabellos loiros caíam-lhe revoltos e annelados sobre a curva dos hombros. Para completar o quadro poetico aonde a minha alma se embebia, se não estava, como Carlota, dando pão com manteiga aos irmãosinhos, estava n'outra situação mais adoravel ainda, se é possivel.

Com a mão direita sustentava um pente, e com a esquerda amparava os cabellos rebeldes, sobre os quaes o pente, cheio de voluptuosidade, cravava a dentadura cerval, procurando por todos os meios restabelecer a ordem entre os fios de oiro revolucionados. Os olhos de Laura — sejamos realista!—estavam levemente inchados, olhos de quem se erguêra ha pouco da cama.

Aqui a minha imaginação começou a voar doidamente, e foi-me impossivel reprimil-a. A imaginação, ás vezes, parece que se allucina, porque não ha quem a contenha. Eu fui arrebatado, bem contra a minha vontade, e pude ver a cabeça da minha visinha mergulhada no somno, saindo das dobras alvas dos lençoes de linho, na sua alcova silenciosa. Era uma coisa semelhante á Venus saindo das espumas do mar, um quadro extremamente attractivo. Se não fosse o receio de me tornar, para as pessoas sérias, cumplice no delicto que a minha imaginação acabava de praticar, eu ter-lhe-hia dito como nos necrologios: a minha gratidão será eterna.

Por este processo, posto que a minha visinha não tivesse ainda reparado em mim, estavam estabelecidas entre nós relações de certa intimidade, e, quando as nossas vistas se encontraram, eu contemplei-a com uns olhos interna-

cionalistas, uns olhos incendiarios capazes de fazer arder o polo do norte. Ella pareceu não reparar n'isso, voltou o rosto com enfado, curvou a cabeça e pareceu dar toda a sua attenção a uma senhora, que passava pela rua.

Eu li perfeitamente tudo o que ella estava pensando de mim, e estabeleceu-se entre nós o seguinte dialogo mudo, que juro ser verdadeiro. Dizia ella:

— Quem será? A impertinencia com que me olhou! Parece doido...

E novamente me fitou com um sorriso ironico, frio, desdenhoso, um sorriso de piedade. Eu dizia-lhe por meio do olhar:

— Querida visinha... Flor... Perdoe-me. Eu estou aqui amando-a sobre todas as coisas ha dez minutos. O meu coração pertence-lhe. Quer que lh'o mande pelo correio, n'uma carta?

E ella continuava:

— Que insistencia! Decididamente aquelle rapaz tem a mania do namôro. Não tira os olhos de mim. Que quererá?

E eu respondia-lhe:

— Quero admiral-a. Nunca tive uma visinha assim. Sem a mulher, o mundo seria um deserto...

Ella proseguia:

— É de mais. O que pensará elle de mim,

o atrevido? Vae talvez fallar-me em voz alta. O que dirá a visinhança? Jesus!...

E n'este instante as janellas batiam com violencia, e a querida visão matutina sumia-se no interior da casa.

D'ahi por diante, Laura cumpriu sempre á risca o seguinte projecto de lei que estabelecêra para seu uso, desde aquelle momento:

Artigo 1.º A presença do visinho da casa fronteira será sempre saudada com o bater vertiginoso das minhas janellas.

Artigo 2.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

E eu passei a ter algumas honras semelhantes ás do chefe do estado. Quando elle apparecia em publico, ouviam-se 21 tiros. Quando eu me apresentava á minha janella, as vidraças de Laura batiam uma contra a outra vinte e uma, e ás vezes vinte e duas vezes. Oh! era de mais.

Comecei a meditar profundamente nos motivos d'aquelle odio prematuro, que me tornava bastante infeliz. Eu era odiado sem duvida alguma, e não tinha a doçura de acreditar, como m'o affirmava a philosophia, que o odio era o primeiro passo na estrada do amor. Laura de certo tambem se não conformava com esse axioma e, quem sabe? talvez o ignorasse. Era uma rapariga educada surperficialmente, sabendo ape-

nas ler, escrever e tocar piano. Saíra do collegio aos dôze annos e pouco depois começára a namorar. Devia ter, como alguns nobres da provincia nos seus solares, uma serie de retratos, não de antepassados, mas de successivos caixeiros de modas. A sua ideia fixa era casar. Para isso não perdia occasião de dispor as coisas. Em lhe apparecendo um vulto amatorio na rua ou no passeio, e que esse vulto vestisse um frak novo, Laura começava logo a sonhar com o setimo sacramento da santa madre egreja. O casamento era para ella como um d'esses grandes peixes dos contos de fadas, que trazem sempre um precioso talisman dentro da barriga. Para pescar o peixe, não poupava as iscas dos olhares ternos e dos sorrisos animadores. Mas os peixes andavam um bocado em redor do anzol e fugiam.

Tinha feito a experiencia vinte vezes, e por isso já se não fiava em apparencias. Quando eu me apresentei a fazer a vigesima primeira experiencia, Laura já tinha muitas illusões perdidas e — o que é mais — um namôro que promettia. Decididamente, Laura tinha um orçamento na massa do sangue, e eu não lhe dava tantas garantias como o seu vigesimo adorador. D'ahi o seu desprêso.

Um domingo, entrando eu para casa ao anoi-

tecer, — facto que ainda me não tinha succedido — encontrei nos recessos do meu portal um typo de caixeiro, correcto como as figuras de cêra, ou como os manequins que os alfaiates costumam ter á porta para dependurar o fato feito. Usava bigode e suissas, grossa corrente de oiro, chapeu luzidio, botas de verniz da Russia, e ramo ao peito. Colhi-o de sobresalto — não o ramo — o Romeu. Elle parecia estar estudando uma lição de mimica, e fazia gestos desvairados, como se quizesse desenhar jerogliphicos nas paredes do portal. Quando me viu, ficou um pouco confuso e retirou todas as expressões, mettendo-as nos bolsos conjunctamente com as duas partes que andavam em evoluções pelo ar, contra o destino e o uso apparente que a natureza parecia ter-lhes marcado.

Insensivelmente olhei para a janella de Laura e comprehendi tudo. Elles amavam-se como Paulo e Virginia, e eu tinha sido um intruso, querendo metter-me á fina força no meio de um idyllio sentimental, no centro de um amor platonico do terceiro andar para a rua. O coração da minha visinha, que já estivera occupado — militarmente — por diversos alferes, parecia agora estar enfeudado ao Lovelace de balcão e ser propriedade exclusiva d'elle.

E por mais que uma voz intima me estivesse dizendo: *a propriedade é um roubo,* eu resisti a estas perfidas suggestões, lembrando-me de que tal phrase não era mais do que uma calumnia, lançada ás faces da democracia pelos seus inimigos. Que me restava fazer? Abandonar o terreno. Foi o que fiz... deixando o portal, e subindo para o meu quarto.

Chegado ao aposento, quiz ter a certeza do que os meus olhos tinham visto, e abri uma pequena fresta na vidraça. Puz-me em observação como os animaes da especie felina, occulto pelo transparente da janella, e sem perder um unico dos movimentos de Laura. Ella gesticulava para baixo. Depois, curvando-se um pouco para diante, na direcção do logar aonde devia achar-se o caixeiro de modas, pousou delicadamente alguns beijos... na atmosphera.

Eu já sabia por experiencia, e pelos versos de Mr. de Bouflers, que o beijo era um fructo que só tinha sabor quando era colhido sobre a arvore; senti-me vingado e abençoei a distancia que ia da rua ao 3.º andar. Depois, exclamei comigo mesmo com uma grande consolação vingadora, dirigindo-me mentalmente ao caixeiro:

— Que lhe preste!

E fechei a janella.

Até hoje, não me consta que o ditoso lhe mandasse dizer, conscienciosamente:

— Cá recebi! Não era pressa.

XI

Um quadro de costumes:

— Bons ou maus? perguntará o leitor.

— Assim, assim.

— Hum! Talvez péssimos.

— Não tenha receio.

— Veremos.

Seis horas da tarde de um domingo luctuoso, sombrio, regado por abundantes chuvas. As ruas estão cobertas de lama, nos passeios a agua empoça-se, e das alturas dos quintos andares as goteiras não cessam de pingar. A atmosphera está pardacenta, e uma espessa coiraça de nuvens envolve completamente o ceu azul, para onde n'esse dia, destinado ás orações, se

teem de dirigir as preces de muitos mortaes. Pobres preces! Em que estado chegarão ao throno do Altissimo, tendo de atravessar previamente as nuvens acastelladas, prenhes de chuva, que formam á abobada celeste uma barreira quasi impenetravel. Um espirito religioso previdente nunca exporia as suas preces a taes provas e a taes ridiculos. Ninguem as conhecerá no ceu, e quando ellas se forem depôr, escorrendo agua, aos pés do throno, molhando o velludo dos degraus, a côrte celeste se affastará com desdem, julgando ter diante dos olhos um gato-pingado, e mandal-as-ha pôr a seccar, talvez no inferno.

É triste que, no dia destinado ao descanço e ás orações, o ceu tenha d'estes caprichos inexplicaveis, e, em vez de mostrar a face sorridente aos bons corações que procuram conversar com elle, lhes feche na cara o reposteiro dos seus aposentos, como os burguezes costumam fazer quando exclamam indignados:

— As maçadas estão prohibidas! Não estou em casa para pessoa alguma.

Emfim, posto que não possamos comprehender este facto, passaremos além, seguindo á risca o preceito de não nos intrometter nas vidas alheias.

O ceu estava obscurecido; a atmosphera pa-

recia um crepe funerario, e as ruas e as praças tinham longas cataplasmas, em toda a superficie: O transito era difficil. As damas passavam com os vestidos suspensos, mostrando graciosamente o pé na ligeireza da fuga, perante as intemperies da estação, e este bello espectaculo passava sem encontrar um unico apreciador. É que a respeito dos pés dá-se o contrario do que com as barbas. Quando as barbas dos outros estão a arder, a gente põe as suas de môlho; quando os pés dos outros estão de môlho, a gente só trata de pôr os seus ao fogão. Por isso cada qual procurava um abrigo, preoccupando-se pouco com as linhas encantadoras de alguns pés femininos que perpassavam. Quando a chuva fina começa a tornar-se obliqua, e a engrossar, o lyrismo dos ociosos que andam na rua concentra-se e transforma-se em movimento, dando-lhes um tal impeto á fuga, que a gente admira-se de que elles possam conseguir uma carreira tão vertiginosa, só com dois pés.

— Busquemos um abrigo! dizem todos.

Parece que a natureza previdente creou, para estas situações criticas, essas espaçosas salas, ornadas de mesas, conhecidas pela denominação de *cafés*. O nome não póde ser mais improprio, porque n'esses estabelecimentos o ge-

nero que lhes deu o nome parece estar revestido da terrivel epigraphe: *noli me tangere,* e existe apenas, como um mytho, na imaginação ardente dos frequentadores. Café! Engano d'alma ledo e cego, que o tremoço não deixa durar muito! Gôsto amargo de infelizes! Figura de rhetorica que nos iguala a Socrates! Imitação de um poeta: — Eu nunca o vi em Lisboa, e tenho pena! Mystificação tenebrosa! Calumnia lançada ás faces de Moka! Aspiração da alma humana! Illusões perdidas!

Como na biblia, que nos atire a primeira pedra aquelle que o julgar puro! E entre todos os cafés, que n'este momento a cidade nos offerece, venha o diabo e escolha. Mas, n'essa não cáe elle: o inferno já tem muitos supplicios.

Escolhemos o café mais proximo. Entramos. A hora e a occasião são propicias. Uma grande sala bem illuminada, cheia de ruido, de vida, de tilintar de copos, de conversações, de movimento. As palavras formam, confusamente, um imbroglio inextricavel. Falla-se, conversa-se, discute-se, bate-se nas mezas, grita-se pelos criados. Que animação! Ha alli de tudo: o chale-manta, a farda, a jaqueta, o sobretudo, o frak, a sobrecasaca, o cache-nez e a capa á hespanhola. Todas as physionomias alli se encontram tambem: o rosto imberbe, a barba á

particular, o buço rompente, o bigode, terror dos paes de familia, a suissa commercial, a barba rapada dos padres, e os rostos florídos e amplos dos burguezes, sobre os quaes as digestões tranquillas e amenas como idyllios desenham as beatitudes da bemaventurança. Ha sobre as mezas, em harmonia com os aspectos physionomicos, todas as bebidas: o café, o marrasquino, o cognac, a cerveja, o vinho do Porto, o kummel, o kermann verde e o capilé. Os charutos fazem lembrar as chaminés de Liverpool, lançando rumorosamente ondas de fumo negro, em novellos espessos, denotando um trabalho mechanico da força de muitos cavallos.

No vasto recinto ha uma extraordinaria animação. Os grupos teem vida, movimento, e estão dispostos d'um modo pittoresco. Ao pé de nós ha uma meza onde um grupo de rapazes falla incessantemente, discutindo o dominó. Ao nosso lado pessoas graves lêem os jornaes da tarde, commentando a seu modo os ultimos acontecimentos de Hespanha. Em frente seis jovens guerreiros, saidos recentemente das escolas, fallam e gesticulam a um tempo ostentando os seus galões e tomando,— cheios de côr local — bebidas de guerra. Isto nos tempos de paz. O que tomarão nos ou-

tros? Um prefere a arma branca, — a genebra. Outro serve a patria com mais modestia mas não menor dedicação, preferindo a arma amarella — o cognac. Outro, mais consciencioso, prefere a arma verde — o kermann. O café serve de espada preta a outro. Mas não se julgue que todos teem o mesmo temperamento pacifico. Um joven filho de Marte, que pertencia ao grupo e que parecia ter um ardor bellico fóra do vulgar e dezesete annos incompletos, batendo na meza, como Catilina ás portas de Roma, exclamou em tom de commando militar, para o criado:

— Oh rapaz!! Meio grog, forte como polvora!!!

Eu fiquei indeciso, a olhar se o pobre criado iria buscar a tectrica bebida ao paiol, se ao ministerio da guerra, se ao arsenal do exercito, e parecia-me que aquelle sympathico moço premeditava a mais tragica das mortes, o mais horrendo dos suicidios — pela explosão. Comecei a pensar no meio de me livrar de algum estilhaço. Qual não foi, porém, a minha alegria vendo collocar diante do mancebo allucinado um copinho de decilitro, que nada tinha de assustador, contendo apenas um liquido semelhante a capilé, e uma rodinha de limão a sobrenadar! A ideia de uma morte violenta tinha-me sobre-

saltado e estava já a exclamar comigo mesmo, como nos necrologios:

— Tão novo!! Na primavera da vida, quando... A cruel parca disfarçada em grog, forte como polvora, cortou os fios, etc.

O incidente militar tinha passado desapercebido á maior parte dos individuos que alli estavam. Tanto peior para elles, que haviam perdido uma bella scena. O publico tem um modo especial de ver as coisas, e está persuadido de que, para assistir á comedia, é necessario ir ao theatro e que para rir é indispensavel que alguem dê o signal, assim como para applaudir. Partindo d'este falso principio, podem representar-lhe ao vivo, na rua ou em casa, algumas scenas da *Comedia humana,* de Balzac, que elle não dá por isso. Modos de ver as coisas!

N'este momento, um individuo que se sentava ao meu lado, na meza immediata, pôz de parte um jornal que estivera lendo. Peguei na folha e percorri-a com os olhos. O artigo do fundo trotava com o choito habitual na *senda* repisada do *carro do progresso,* na esteira batida da *nau do estado.* Ia a poisar o jornal, quando deparei com um caso interessante, perdido como um oásis no meio d'aquelle sahara das ideias. Era o seguinte:

« Ha dias estando o bispo de... a conver-

sar com S. M. sobre coisas politicas trocaram-se entre os dois algumas phrases picantes, que nos foram contadas com todas as reservas. O prelado dizia a S. M. que tinham sido mal recebidas as ultimas medidas adoptadas pelo ministerio, e que havia muitos individuos descontentes, os quaes não dissimulavam o seu desgosto, e criticavam severamente não só os ministros, mas até o augusto chefe da nação.

— Ora! — atalhou a magestade, sorrindo com desdem — Dos pobres de espirito é o reino dos ceus...

O prelado replicou:

— E algumas vezes tambem o da terra, Real Senhor. »

Bravo! exclamei eu. O espirito já não é monopolio dos jornaes francezes.. Tambem já por cá apparece — pouco — mas bom. Ávante!

Quando eu ia entregar-me a profundas considerações philosophicas sobre a importancia que estava tendo no nosso tempo o humor, a graça, abriu-se a porta do café e entrou uma senhora pelo braço de um cavalheiro. Caso raro! Bastou elle para produzir um movimento inesperado e significativo em toda aquella sociedade. Se a dama não viesse acompanhada, nenhum dos individuos que alli estavam trepidaria em sentar-se ao lado d'ella e offerecer-lhe um ca-

lix de Jerez. O aspecto da sala estava mudado; a leitura dos jornaes fôra interrompida e todos aquelles olhares curiosos, como raios que passassem atravez d'uma lente, convergiam para um ponto, formando um fóco. Era a admiração actuando na segunda parte da dualidade em que falla Xavier de Maistre, e obrigando-a a dar signal de si. Alguns rapazes acotovellavam de um modo expressivo os seus companheiros.

Como qualquer acontecimento grave, que interrompe o curso ordinario das coisas, aquella entrada suspendêra tudo e creio mesmo que dera á conversa uma nova face.

Como a dama que entrára devia estar triumphante, ella que, com o seu fino olhar intelligente, tinha percebido o effeito de admiração e de surpreza que a sua presença fizera nascer! Alguns rapazes lançavam para o ar romanticamente, pelo canto da bocca, o fumo dos charutos; outros pretendiam talvez captivar a attenção da bella desconhecida sorvendo d'um trago os calices de cognac. Era admiravel.

Percebi um grande enthusiasmo na meza aonde meia duzia de rapazes, gozando de uma liberdade toda domingueira, tripudeavam entregues ás sensações do dominó, e ás delicias do capilé-morno. Fallavam com vivacidade, mas em voz baixa. Ao menos eram discretos. Pa-

lavra aqui, palavra além, percebi que se fallava da senhora que entrára.

— São estrangeiros, disse um.

— Nada, tornou o outro, parece-me que são hespanhoes.

A tolice passou desapercebida.

— Serão casados? Elle é um rapaz elegante.

— Para mim o que ha de melhor n'elle é a mulher.

— É a minha opinião, berraram os outros.

E por um movimento concentrico todas aquellas cabeças aproximaram-se para escutar o que um d'elles dizia, em voz baixa, cautelosamente. Os outros prestavam uma attenção ávida ás palavras do orador. Elle descrevia-lhes de certo alguma coisa muito attractiva, porque os circumstantes prestavam uma attenção rigorosa.

De repente uma gargalhada geral, e um d'elles que dizia com intenção que eu não percebi:

— Ora que novidade! Isso tambem eu... apesar de ser creança.

XII

Os hypocritas!

As linguas vivas, ainda as mais ricas, chegam a parecer mais pobres do que Job quando se lhes pede uma palavra que caracterise bem a raça, degenerada e envilecida, dos ministros patriarchaes da religião do Amor. Os baixos successores d'esses homens primitivos, que foram a gloria do christianismo nascente, correram um veu sobre a tradicção, e, tomando um novo rumo, debatem-se á nossa vista, no pulpito e na imprensa, com as furias d'um inferno pagão na alma, e o rancor dos assassinos assalariados no coração. Espumando de raiva pelos cantos da bocca, silvando como serpentes,

precipitam-se sobre as instituições democraticas do nosso tempo e sobre os homens que as estabeleceram, procurando aniquilar as primeiras e infamar os segundos. Esbravejam como os possessos da biblia, ameaçam, rugem e contorcem-se nas crispações epilepticas da impotencia, erguendo os braços profanadores ao ceu. As suas palavras, respirando vingança, crepitam como uma fogueira, e trazem á memoria apavorada o quadro sinistro das chammas da inquisição lambendo a carne dos martyres, nos autos de fé. Como um pallido ecco d'esses tempos de barbaria, as suas palavras, os seus olhares e os seus escriptos convulsos, fazem reviver as tragicas narrações da historia, as longas hecatombes humanas, e o martyrologio sem fim com que elles ensanguentaram a face da terra. Evocadas das sombras aonde jazem, as pavorosas legiões dos inquisidores passam por diante dos nossos olhos com o lúgubre capuz caído sobre a face, os fogareus accesos e as entonações lamentosas dos canticos de morte, em direcção á praça publica, aonde os montes de achas, encostadas aos postes, esperam as penitentes. Com a corda atada em redor do pescoço, e os olhos vendados, as victimas vão seguindo em passo trémulo para o logar do supplicio. Por entre as exhortações que

dois ou tres *irmãos* lhes vão dirigindo, os condemnados, com as cabeças pendidas para o chão, abafam os soluços e chamam em seu auxilio a força que os abandona, ao lembrarem-se de um pae, de um filho, de uma esposa que os pranteia n'esse momento. Depois, uma nuvem de fumo toma-lhes a respiração; as achas estalam debaixo dos seus pés, e a lenha crepitante lança aos ares as lavaredas sinuosas. A carne chia; o sangue corre e evapora-se, os corpos fazem-se negros. E os gritos estridentes dos suppliciados cortam os officios religiosos, abalam os ares, e imitam como outr'ora, nos circos romanos, o longinquo mugir dos toiros.

A humanidade, de certo, é impotente para gerar de novo em seu largo seio alguma coisa tão dramatica e tão pungente como as perseguições que, em nome da cruz, assolaram a terra nos seculos passados. A communa de Paris, a maior conflagração moderna, não é mais do que uma caricatura ingenua ao pé da monstruosa tragedia com que o catholicismo ensanguentou o mundo, desde o seio das mais populosas cidades da Europa até os confins mais ignorados dos sertões da Africa.

Desgraçadamente, parece que se riscou da memoria da geração moderna esse longo sudario sanguinolento que uma vez lhe passou por

diante dos olhos, menos dolorosamente do que áquelles que o empastaram com o sangue dos seus corpos esmagados. Á sua indifferença correspondem os esforços continuos da sombria legião que ainda hoje defende as doçuras da *religião dos nossos paes,* sem a qual, dizem, a familia, a propriedade, e o equilibrio social não pódem existir. Sem a fogueira e sem o pôtro a humanidade caminhará para a dissolução completa, visto não haver quem a purifique no crisol... dos autos de fé!

Envolvendo-se depois nos mantos dos apostolos, os Tartufos que luctam pelo antigo regimen, sobem ao pulpito ou á imprensa, abraçando e beijando, como Judas, a serena e poetica imagem do martyr sublime da Gallilea. Pobre Jesus! Ainda lhe restava esta provação, maior do que todas as outras! Morrer crucificado no meio dos insultos de uma multidão enfurecida deve ser cruel, mesmo quando a auréola do martyrio já resplandece cheia de luz em redor da nossa fronte; mas servir de instrumento á infamia, desoito seculos depois de ter cerrado os olhos á vida, deve ser um supplicio incomparavelmente mais doloroso. E por toda a parte, em redor de nós, a imagem serena do Christo serve para escudar com o seu nimbo de luz o surdo martellar demolidor d'esses ini-

migos hereditarios da liberdade, que, depois de invocar sem fé, dentro das egrejas, o *Divino Mestre* (?) o vendem á porta — em effigie — por não lhes ser possivel vendel-o de outro modo.

Ainda não está inventada a palavra que cabe a esses homens, e a indignação humana terá de revolver-se em convulsões ainda por muito tempo, antes de gerar um termo que esteja á altura da infamia que tem de caracterisar.

Tudo o que a alma humana tem de mais vil, — o odio, a hypocrisia, a inveja, a cubiça, a vingança e a calumnia, — transparece ao fundo das palavras dos modernos successores dos Apostolos. As sociedades vão seguindo e melhorando-se segundo as leis do progresso. Pois é contra essas leis que o ultramontanismo aspira a lançar um dique. E como é levado de vencida enfurece-se, convulciona-se, e insulta não só os vivos, mas até a santa memoria dos mortos. E tudo o que não seguiu na linha sinistra que elle traçou, incorreu no seu odio implacavel.

Tomemos ao acaso um jornal dos que se denominam religiosos, catholicos-apostolicos-romanos. Abramol-o. Noticía-nos que uma commissão de medicos foi examinar o coração de um rei liberal, existente na cidade * * * e acrescenta, que a medida é justa, *porque dos peque-*

nos fócos de infecção nascem ás vezes as grandes epidemias que assolam os povos.

O leitor não comprehendeu. Vamos explicar-lhe as mysteriosas palavras do jornal religioso.

Houve uma vez um homem superior, d'alma generosa e grande, nascido no meio de um povo que tinha uma legenda gloriosa na historia. Vendo a terra em que nascêra sujeita a todas as abjecções, e gosando do regimen que caracterisava *a paz de Varsovia;* vendo os seus irmãos, curvados pela mão ferrea de um despota, subirem intrepidos os degraus da forca, e affrontarem, intemeratos, todos os supplicios pelas santas ideias da liberdade, embarcou de um paiz distante, e veio ser o chefe d'esses crentes sublimes. Aportou a uma ilha que servia de refugio a alguns fugitivos, e jurou-lhes luctar ou morrer com elles, até implantar no seu paiz a liberdade foragida. Partiram. Tinham de combater um exercito numeroso e aguerrido; tinham de luctar braço a braço com os tigres que guardavam as entradas da patria; tinham de transpôr passos inexpugnaveis, defendidos por temiveis fortalezas e tinham de se bater, corpo a corpo, um contra vinte. Mas, se vencessem escreveriam no solo da sua patria uma nova e immorredoira Illiada — a mais grandiosa de todas — a Illiada da liberdade.

Elles tinham a seu favor a força da consciencia e a força do desespêro; contra, a força de 100:000 homens armados. Por isso, tudo o que poderia fazer trepidar um valente em circumstancias normaes, só conseguiu arrancar-lhes dos peitos um grito de enthusiasmo. Banhava-os a luz sideral que doira a face dos martyres que vão subindo, pelas santas ideias, serenos e tranquillos, as escadas do cadafalso. Dentro dos seus peitos sentiam essa força, que tornou firme o braço de Socrates, quando elle elevou, no meio dos seus discipulos chorosos, a taça da cicuta aos labios. Brilhava em seus olhos a luz da esperança, e nos peitos os corações batiam impacientes. Guiava-os a columna de fogo da legenda, esse glorioso clarão que reveste as almas dos heroes, e que, atravessando os seculos, os mostra ás gerações futuras illuminados pelos reflexos da gloria.

Chegaram ás praias que demandavam, ás regiões aonde tinham visto a luz, á patria aonde repoisavam os ossos dos seus maiores. No phrenesi das luctas politicas, o solo estava regado pelo sangue dos amigos, dos filhos, dos irmãos. Varada pelo punhal dos assassinos, sulcada pelas balas dos assalariados, mutilada pela espada do despota, ou reduzida ao silencio pela corda da forca, uma geração inteira jazia victi-

mada aos pés do algoz. O despota, rodeado de padres, tripudiava sobre um povo indefeso.

Á vista d'este espectaculo todas as almas se confrangeram n'um grito angustioso; mas, como era preciso quebrar as algemas e arrazar as masmorras, desembainharam as espadas e deram ao mundo um espectaculo grandioso.

Á frente d'esses bravos, um homem na flor da edade, com a tez bronzeada pelo sol, com o rosto emmagrecido pelas privações, com a farda queimada pela mosquetaria, com as mãos callosas pelo trabalho, com o rosto pallido pelas vigilias e com os olhos ardentes pela febre, corria aos pontos perigosos, expondo doidamente a vida á frente da legião libertadora. Comeu o pão negro das munições e do exilio com os seus soldados; dormiu ao relento, pelo frio e pela neve; foi o alvo de mil emboscadas traiçoeiras; ajudou a arrastar as peças nas fortificações, e, ao lado dos seus soldados, transportou pedras e argamassa para as trincheiras, como um sapador, elle que era um general e um principe! Depois d'uma epopeia gloriosa, da qual a liberdade tinha sido a musa inspiradora, viu-se finalmente entre os hymnos da victoria e do amor, que em redor d'elle cantava um povo libertado, para o qual tinha sido um novo Messias.

Pois bem! este homem predestinado, morreu. Em redor do seu cadaver uma nação inteira chorou as mais sentidas lagrimas. Vivêra, emquanto fôra preciso luctar. Depois de ter resuscitado a liberdade, podia morrer.

Expirando, legou o seu coração á heroica cidade que o secundára com as suas forças, dando-lhe todos os auxilios, e alimentando-se durante muito tempo miseravelmente, para mandar aos seus defensores o melhor alimento de que dispunha.

Passados quarenta annos, quando no espirito publico já estavam apagados todos os vestigios dos odios fratricidas, alguns individuos lançam nas columnas de um jornal ao libertador de um povo aquelle ignobil insulto! A mão que escreveu aquellas palavras tem, de certo, profanado muitos altares; por isso não tremeu ao insultar as cinzas do homem honrado, cujo crime fôra dotar o seu paiz com algumas instituições liberaes.

Ministros de uma religião de amor, que prega a tolerancia, o esquecimento das offensas, e o respeito aos mortos, são os que véem, quarenta annos depois, mostrar o odio politico, e profanar a memoria respeitavel de um homem de bem, á face de um paiz que a venera! E esse paiz não levanta o insulto, porque sabe que aquelles

que o lançaram não são mais do que uns baixos instrumentos do ultramontanismo, saudoso dos bons tempos do seu predominio. Mas, fique ao menos prevenido, para conhecer o cynismo d'aquelles que, com algum talento e algum estylo, véem apresentar, sob um aspecto poetico e elevado, a historia de um systema religioso condemnado, e o perfil dos seus homens benemeritos, que não passaram de uns vis carrascos.

Elles tramam ainda em redor das instituições; tentam dar vida ao cadaver dos seus privilegios; insultam os que se lhes oppoem; lançam mão de todas as armas e vendem á porta das egrejas tudo o que pode render algum dinheiro, desde as reliquias dos santos, até ás imagens do Christo. Perderam toda a grandeza, toda a dignidade e, se a tunica do martyr que elles invocam não tivesse sido jogada, jogal-a-hiam elles.

É por isso que o clero já não merece a menor consideração áquelles que analysam serenamente os seus crimes de hontem e as suas baixezas de hoje. Elle especula com a ignorancia dos povos e serve-se d'ella exactamente como um individuo que abusa da boa-fé de um menor. Que confiança nos póde inspirar, quem vende tudo por um certo preço, desde a absolvição aos crimes, até aos fragmentos

apocriphos do santo lenho? E que importancia teem os seus insultos no pulpito ou na imprensa? Coitado! elle, na sciencia está 2000 annos atrazado, e nada tem que não seja irrisorio; na arte tem alguns monumentos... executados por profanos; na litteratura tem trabalhos theologicos; na moral tem o celibato ecclesiastico... com todas as suas consequencias, e assim por diante. Mas se na sciencia, na arte, na litteratura e na moral nada tem que o recommende, em compensação, diga-se, na industria tem o que ha de melhor, — tem verdadeiros cavalheiros. E é tudo.

Que ao menos, no futuro, o codigo penal lhes seja leve!

Amen.

XIII

Eu não sei que horas seriam, mas devia ser tarde. As ruas estavam desertas, as portas fechadas e a lua devia brilhar nos ceus. Eu lia no *Figaro* a descripção das festas que em S. Petersburgo se faziam pelo casamento do duque de Edimburgo, traçadas pela pitoresca penna parisiense de Fervacques. Era uma narração esplendida. Descreviam-se as magnificencias dos bailes, as maravilhosas recitas de gala no theatro italiano, aonde cantava a Patti: as deslumbrantes riquezas principescas dos convidados; as ceremonias opulentas do enlace matrimonial; as paradas; o desfilar das tropas; os cortejos do imperador e todas as festas extraordinarias

da grande cidade polar. Insensivelmente abstrahira-me de tudo o que me rodeava e pasmava do que me apparecia diante dos olhos. Eu via aquelle mundo cheio das velhas tradicções, aonde a nobresa e a côrte ostentam esse brilho oriental das mil e uma noites, mas o resultado de mil miserias, de mil tyrannias, de mil prepotencias sobre os povos que lá gemem ainda ao estalar dos chicotes na escuridão das minas, e nos labores mais crueis. Passava a multidão feliz e privilegiada dos nobres e dos principes cobertos de oiro e de pedrarias; reviviam os longos bailes, ruidosos e esplendidos no palacio do czar, — as festas deslumbrantes e apparatosas que são o monopolio dos grandes da terra.

Quando levantei os olhos e voltei ao mundo que habitava tive uma impressão luctuosa. Eu estava n'um café, forrado de papel cinzento escuro. Uns candieiros velhos, avarentos da sua luz, davam a custo uma claridade monotona; as mesas de marmore nacional estavam desertas, baças, e tristes, e quasi ao pé de mim um personagem phantastico entretinha-se a tomar cognac.

— Quem será? A taes horas? . . .

Comecei a analysal-o e vi que elle fazia o mesmo a meu respeito. Reconheci-o, e fui o pri-

meiro a fallar-lhe. Era um poeta de talento, um discipulo de Henri Mürger, um bello rapaz, um typo romantico, o ultimo bohemio. Elle tambem me conhecia. Apertamos mutuamente as mãos, bebemos ao ideal e conversamos.

Rodolpho — baptisemol-o assim — parecia ter-se evadido n'aquelle mesmo instante de um conto de Hoffmann. A aba do seu chapeu caía-lhe sobre as sobrancelhas loiras e revôltas. Uns olhos pequenos e ardentes brilhavam na penumbra projectada pelo chapeu. Um nariz aquilino e nervoso, cheio de sensibilidade, prolongava-lhe um pouco o perfil sobre o labio superior. O bigode levantava hostilmente as duas extremidades e parecia fazer ao nariz gestos indignados, intimando-o a não avançar mais. Os movimentos de cabeça eram bruscos, e quando fallava, a sua voz era tempestuosa... de perdigotos. Um sobretudo, apertado até á gola como o de Beaudelaire, envolvia-lhe o tronco, deixando sahir por uma das extremidades a cabeça inquieta e buliçosa e pela outra duas perninhas finas. Não trazia na mão uma lyra, como alguns poetas desejariam, mas simplesmente uma *badine* velha e contusa, cheia de cicatrizes gloriosas e pacificas, atravez das quaes já se lhe via o misero esqueleto de junco. Ao canto da bocca aninhava-se-lhe um sorriso ironico, e

um charuto mais ironico ainda, que parecia rir-se dos esforços desesperados de Rodolpho para o accender. De tres em tres minutos, o possuidor da prenda incombustivel puchava por um phosphoro, accendia-o com estridor e aproximava-o do charuto; mas o barbaro continuava impassivel. Era talvez um d'esses rolos de couve tronchuda, ainda cheios da seiva dos campos e da frescura do rócio matinal, lançados ao mercado pelas fabricas de phosphoros, com o fim de dar um consumo rapido aos seus productos. Por cada um d'estes charutos, que um individuo tentasse fumar, podiam-se calcular tres caixas e meia de phosphoros... D'ahi, um grande resultado commercial e a abundancia d'essas hortaliças clandestinas nas lojas de tabacos, sob os nomes mais pomposos, taes como *patriotas, esmeraldas, trabucos,* etc. Terriveis charutos! Só quem os não conhece é que os compra!

Olhando para o charuto, o rosto de Rodolpho tomára uma expressão inconsolavel. Affastou o supplicio que tinha entre os dedos e atirou-o para longe, indignado. Depois, metteu a mão ao bolso do casaco e tirou dois novos charutos, egualmente assustadores. O terror pánico que se apoderou de mim não póde ser descripto. Empallideci, e ia quasi a desmaiar quando me lembrei de um expediente salvador. Puchei por dois

charutos e offereci-lhe. Elle instou para que eu fumasse um dos d'elle, mas em vão. O desespêro deu-me forças e palavras para conjurar o perigo eminente em que me achava, e os dois charutos assassinos recolheram-se á sombra do bolso, d'onde nunca deveriam ter saído.

— Como tudo isto é triste! disse elle.

— Sepulchral!

— Nós somos umas victimas.

— Umas victimas infaustas! O cognac é pessimo.

— Ha coisas peiores...

Eu lembrei-me do charuto e fiquei silencioso. Estava convencido.

Por delicadeza, só disse:

— Então?

— Por exemplo: a desgraça de andar pelo mundo, sem ter sido previamente consultado para isso.

— É verdade. E não ter a gente força para se oppor.

— É um abuso.

— E dos mais revoltantes...

— Um bello dia vê-se a gente no meio d'isto, triste e infeliz. Quem é o responsavel?

— Não sei.

— Mas, não é tudo. Apparecemos no mundo, e, quando damos por isso, já somos catholicos.

*

— Isso é o que me parece peior.

— Eu lamento profundamente não ter percebido as razões por que, aos 30 dias de idade, me levaram á egreja e me deram um banho parcial de agua benta á parte do meu corpo que, talvez, menos precisasse d'elle. A gente n'aquella idade não sabe o que faz! Ainda assim eu devia ter opposto uma grande resistencia...

— Supponho que todos nós, por instincto.

— É facto. Todas as crianças, no acto do baptismo, choram e bracejam como se quizessem bater no padre. É notavel como já n'essa idade o catholicismo repugna.

— É um abuso contra o fraco. Protesto!

— Tambem eu.

— O baptismo só deve ter lugar aos vinte e um annos, com a maioridade!

— Em todo o caso não sancciono um acto para o qual não fui consultado.

Eu olhei cautelosamente em volta, não estivesse um membro da *Associação catholica* premeditando a nossa morte. Mas não. As mesas estavam desertas, os criados dormiam aos cantos um somno patriarchal, e as campanas de porcellana, suspensas sobre as luzes, descreviam silenciosamente curvas concentricas. Ao longe as velhas torres das egrejas davam tres badaladas sonoras, e da visinhança o grito estridente

dos gallos vinha rasgar a mudez supersticiosa da noite.

— Vamos até casa, disse eu.

— Que remedio!

— Mora longe?

— Não. Rua Direita 27, 5.º andar.

— 5.º andar! É quasi no empyreo.

— É na visinhança. Apesar de Méry dizer que as trapeiras são boas para a gente se dar ares de ter talento, eu acho que os primeiros andares são d'um burguezismo atroz. Para a minha vida de bohemia é o que me serve.

— Pois ainda existe essa vida?...

— Existe, e no lugar que lhe disse, sob a protecção de S. João Nepomuceno.

— Como assim? Um livre pensador sob a protecção de um santo?

— Pois não sabe que esse insigne conego de Praga é apontado pelos seus panegyristas como *a gloria de toda a Bohemia?*

— Ah! comprehendo. Tem graça.

Na rua havia um nevoeiro espesso, frigidissimo, penetrante, e o silencio das catacumbas subterraneas de Roma. Eu disse a Rodolpho:

— Tudo isto dorme!

— Pois é quando eu vivo, tornou elle com um gesto phantastico, e foi-se.

Os seus tacões batiam com violencia no la-

gedo humedecido da rua; as abas do casaco voavam como duas azas satanicas, e as baforadas de fumo subiam, em novellos, pela atmosphera nevoenta. A patrulha olhava-o com cautela, e eu via perder-se ao longe, por entre o nevoeiro, este excentrico discipulo de S. João Nepomuceno—o insigne conego de Praga, a gloria de toda a Bohemia.

Voltei a casa trabalhosamente e dormi um somno cortado de episodios diabolicos, como o quarto acto do *Fausto*. De manhã, quando o sol bateu na minha janella, ornando-a de um friso quadrado, cheio de luz, e dando ás coisas o aspecto positivo de todos os dias, eu não podia jurar se a minha entrevista com Rodolpho tinha sido uma realidade nocturna, se um sonho matutino. Hoje parece-me que esse perfil de romantico, existiu apenas... na minha imaginação. Talvez!

XIV

O dia 25 de novembro marca a epocha fatal e tremenda em que os proprietarios das casas sobem insolentemente as escadas e veem exigir dos inquilinos as rendas. Por isso, — como é facil de imaginar, — para uma grande parte da população esse dia é tormentoso, ainda mesmo que esteja um tempo de rosas, e que o sol beije as fecundas messes do outomno, brilhando no azul resplendente do espaço.

A gente pobre, as familias dos operarios, os pequenos negociantes, as viuvas e em fim quasi toda essa população que habita os quartos e quintos andares são chegados á hora afflictiva de

pagar ao senhorio, ou emigrar para o meio da rua.

Quantas angustias silenciosas e pungentes! quantos dramas sombrios e ignorados! quantas lagrimas choradas aos pés de um homem implacavel, que não quer saber de desgraças!

Mas tudo isso passa-se na sombra como os lances pavorosos das tragedias gregas, e os soluços não veem quebrar a doce placidez da vida exterior que palpita ao longo das ruas. Pelo contrario, a cidade apresenta n'esse dia um aspecto animado, buliçoso, quasi festivo. Como é questão de mudança, a população torna-se movediça, sáe para a rua mais cedo que de costume, e dirige os seus olhares para as janellas das casas. As ruas parecem invadidas por uma multidão de astrologos, de todos os sexos — masculino, feminino e neutro — procurando decifrar os mais insondaveis mysterios nos signaes cabalisticos que pendem das varandas mais visinhas do firmamento.

Ranchos de senhoras e grupos domesticos, que não costumam ver a luz publica senão nas occasiões solemnes; familias admiravelmente constituidas, com o chefe adiante, atravessam as praças em passo vagoroso, lançando sobre os quintos andares olhares verdadeiramente altivos.

Anima-se a cidade d'um modo extraordina-

rio; as ruas tornam-se populosas e mesmo quem não tem que fazer sae de casa para gosar os episodios.

Seguem adiante de nós dois elegantes conquistadores. Charuto ao canto da bocca, grandes fumaças amatorias, requebros cavalheirescos, chapeu no sobr'olho, gestos assaltantes, passo de quem vae occupar as posições do inimigo, sorriso premeditado.

Correm algumas ruas com todo este apparato bellicoso do amor. Depois param, meneam a cabeça de um modo descontente, e um d'elles toma a palavra:

— Sabes que mais? vamos embora. Não se apanha um olhar ás bellas. São todos para as casas com escriptos.

Passa por diante de nós um provinciano, chegado no caminho de ferro n'esse mesmo instante. Vae coberto de pó, vermelho, desconjunctado. Dirige-se para uma hospedaria. Atraz segue o gallego com a mala.

Chegados á porta, o pobre homem, que já sonha com uma bacia de agua e com os seus ricos chinellos de ourelo, sobe a escada custosamente. Apparece um criado.

— Ó rapaz, arranja-me um quarto!

— Impossivel, senhor. Estão todos com escriptos!

Mais adiante um auctor infeliz de varios romances historicos, que a traça devora pacificamente como coisa sua nas estantes dos livreiros, observa a multidão que passa. Depois ergue os olhos ás janellas, d'um modo lastimoso, como se dissesse: — Ingrata patria! — menea tres vezes a cabeça descontente e pronuncía de um modo sentencioso e amargurado estas tristes palavras:

— São os unicos *escriptos* que despertam a attenção do publico!

Alberto, bacharel em direito, tinha-se recolhido ás tres horas da madrugada. Os bachareis são os unicos romanticos que existem hoje. Vinha cançado e cheio de somno. Atirou-se para a cama e adormeceu.

Oito horas da manhã a darem na torre visinha, e a porta do quarto a ir dentro com pancadaria.

— Quem é? Quem é? perguntou elle sobresaltado e ainda meio adormecido.

— Faz favor d'abrir! Queremos ver a casa.

— Não abro! A casa do cidadão é inviolavel.

Alberto tinha muitissima razão. A carta constitucional é explicita n'este ponto. Ninguem o poderá censurar. Elle, de mais a mais, estava dentro da lei — e da cama.

Tudo o que a natureza humana tem de mais sombrio, de mais inconsolavel e de mais triste estava sobre as faces dos miseros que, não podendo pagar a renda, ficavam mais solitarios do que o Rei Lear, mais errantes do que o velho Ulysses e mais mal abrigados do que Diogenes, porque nem sequer um tonel lhes restava. Com o desenvolvimento da industria vinicola, os toneis estavam pela hora da morte. Sem palacio, sem lar e sem tonel, consolava-os a certeza de ter uma trapeira — aonde podessem cahir mortos. Nem essa lhes restava!

Coitados!

Em compensação os poetas lyricos espanejavam-se ao sol, alegres como os pardaes, sem preoccupações, sem cuidados, sem ancias, no meio de uma população afflicta á procura de casa. Ditosos! Eram os privilegiados n'este dia de horror, porque desde os mais tenros annos tinham repudiado, nas suas poesias, a ideia ignobil de ter casa, dizendo ás suas amadas, ao som da lyra:

— O teu amor e uma cabana!

Passa um vulto politico. Parece preoccupado. As mãos nos bolsos, a cabeça pendida, o olhar fito no chão.

— Teremos crise ministerial? pergunta um individuo ao vêl-o.

— Não! S... vae meditando no meio de pôr escriptos no palacio do rei, conforme prometteu.

— Ah! Já não é sem tempo!

Duas interessantes borboletas, com botinas côr de pombo e guarda-soes iriados das mais fulgentes côres, encontram-se.

— Então??

E beijam-se nas faces... por habito.

— Que fazes tu? Procuras casa?

— Que remedio!

— Já se vê, mudas-te?

— É como dizes...

— Parece incrivel, tendo uma casa tão bonita. E o commendador?

— Ah! minha amiga!...

— Parecia tão boa pessoa...

— É uma perola, mas que?...

— Não te comprehendo.

— Pois é facil: aborrece-me muito.

— Visto isso procuras casa.

— Procuro.

Variatio delectat! Perfido latim!

Veem subindo a escada da redacção d'um diario ministerial dous redactores. Fallam dos ultimos acontecimentos.

— É uma patifaria! Sabes que a opposição faz questão do orçamento?

— Está desvairada.

— Tu ainda não viste o artigo que eu escrevi a esse respeito? Dou-lhe sem dó nem piedade. Estou quasi com pena.

— Então é a valer!

— Podéra. Tive recommendação expressa. Já vês...

— Homem, tu és arrebatado...

— Ahi vens tu com philosophias!

— Já aqui não está quem fallou. Estará elle composto?

— Deve estar. Mandei-o esta manhã. Has de gostar.

Chegados á typographia, o auctor dirige-se a um empregado.

— Já compozeram o meu artigo?

— Ainda não está nada feito para o jornal.

— Ora essa! Que componham já o meu artigo.

O empregado deixa-se ficar á espera, pacientemente.

— Você não ouve? diz-lhe o redactor impacientado.

— Estava á espera...

— Oh homem! o artigo já cá está desde as oito horas da manhã.

O empregado remeche n'um montão de papel sujo, abre varias gavetas, vae á officina e volta meio confuso,

— Não apparece?

— Ninguem me sabe dar relação...

— Isto não se póde aturar! O meu melhor artigo!

E cómeçam de novo a remecher na papelada. O auctor parece tomado d'um ataque de hydrophobia politica. Diz palavras obscenas, revolve tudo furiosamente, e cae sobre uma cadeira. A sala parece que soffreu uma invasão de barbaros.

— Sempre uma d'estas! exclama o infeliz. É uma perda irreparavel.

N'isto um typographo apparece com meia tira de papel na mão.

— Será isto?

— É isso, é! Aonde estão as outras tiras?

O empregado dirige-se para a janella, dizendo comsigo:

— Deus me dê paciencia!

E começa a descollar dos vidros com cuspo o resto do artigo.

Tinham-n'o aproveitado para os escriptos.

O auctor fica jubiloso. Bem no intimo, a sua consciencia dizia-lhe que o seu artigo, podia ter tido outro destino... mais conveniente.

XV

Uma corrida de cavallos!

O dia estava lindissimo, alegre, cheio de suggestões e de convites campestres. A gente, mal abria a janella, lembrava-se logo do idyllio de Paulo e Virginia, das eclogas pastoris e dos romances bucolicos. Por isso, muito antes do meio dia, á luz de um sol esplendoroso, os carros cruzavam extraordinariamente as ruas, em todos os sentidos, e transpunham as barreiras cheios de familia, accumulados de prole, replectos de lar domestico, fazendo uma propaganda terrivel contra a solidão do celibato, contra o isolamento do individuo que, não tendo familia, não podia ser parte n'aquella franca alegria burgueza, sincera e explosiva.

Paes, filhos, sobrinhos, tios, primos e primas seguiam, n'uma accumulação opposta á impenetrabilidade da materia, em vehiculos de todos os formatos e feitios, com direcção ao arrabalde, em busca do hippodrómo. A cidade ia ás corridas — em peso.

As carruagens entravam no campo em fila, produzindo ao longe o effeito de uma longa corda preta. O pó era por demais invasor e irrespeitoso. Como não lhe tinham applacado os impetos com uma pouca de agua, redemoinhava em novellos, fazia corcovos de animal selvagem, e usava da sua liberdade que chegava á licença.

A culpa era da camara, mas as victimas infaustas eram os pulmões do publico. Exactamente o que acontecia a um typo popular, devoto de Baccho, que uma vez se queixava dos caprichos da sorte, nos seguintes termos: — Ora eu é que bebo o vinho e o nariz de minha mulher é que se faz vermelho! Como póde isto ser?

Ás duas horas o effeito das tribunas publicas era surprehendente. As côres buliçosas das toilettes femininas, o formigueiro dos espectadores, o bulicio confuso das conversações, e o movimento inquieto do povo juntavam-se pittorescamente, fazendo lembrar a viva descripção das corridas em Londres, por Taine.

Subindo para o nosso lugar, achamo-nos em frente de um esplendido quadro maritimo. Imagine-se o leitor collocado em face de um rio largo e sereno. Ao fundo, os montes accidentados, com os seus cambiantes de luz, e as suas linhas alpestres fechando o horisonte. Por cima um ceu azul, diáphano, iriado por algumas nuvens transparentes e vaporosas.

No rio os barcos com as suas vellas triangulares; alguns navios ao largo, e o fumo sinuoso dos vapores, aqui e acolá. Um primor de desenho e de côr, ao qual não faltava nem as pequenas minuciosidades dos primeiros planos, nem a vastidão dos horisontes, nem os rasgos triumphantes d'um pincel guiado pelo genio.

A natureza amiga banhára com uma luz abundante a larga téla que ali se desdobrava. A areia doirada, aonde as caprichosas ondulações do rio vinham morrer, reflectia o brilho ardente do sol, cingida entre a zona azulada do rio, e a tinta verdejante dos montes. As vellas dos moinhos, transparentes e laboriosas, giravam incessantemente. As arvores apresentavam os toques multicores da luz viva, batendo em cheio nas folhagens tenras.

O *Jockey club* teve a extrema delicadeza de demorar por meia hora a corrida, para que o publico não perdesse os incidentes d'este bello

espectaculo da natureza, que defrontava com elle, e que se mettia pelos olhos dentro.

Apesar de não vir mencionado nos programmas este intervallo, nós d'aqui lh'o agradecemos penhoradissimo.

Aos nossos pés ficava n'uma larga planicie, cortada pelos postes do hippodrómo, a vasta ellipse arenosa da pista, aonde os cavallos haviam de correr.

Os americanos, os omnibus, os carros de praça, e os trens particulares lançavam sem interrupção, desde as onze horas da manhã até ás duas da tarde, ondas de espectadores sobre o campo. As tribunas estavam vistosamente guarnecidas, e nos espaços que limitavam a pista, havia muitas carruagens, alguns cavalleiros e bastante povo. O aspecto geral não podia ser mais animado nem mais pittoresco.

Sentia-se o desassocego da espera, percebia-se a anciedade e não era preciso usar de uma corneta acústica para perceber as palavras de impaciencia, com que os amadores commentavam a demora, fazendo os mais altos elogios á pontualidade ingleza.

E os carros entrando sempre no campo, os cavalleiros correndo de foz em fóra, a turba acotovellando-se, e alguns namorados repetindo nos olhares as expressões ardentes do *imo peito,*

eram um mediocre entretenimento para quem esperava assistir, pela primeira vez, a uma corrida de cavallos.

N'isto, um sino que parecia ter uma voz metallica e cheia de vibrações informou aquellas mil pessoas de que a magestade occupára a tribuna real, e não tardaria em abrir-se a sessão.

Foi o maior triumpho que « o som do bronze que nos causa horror » tem tido sobre a face da terra. Á sua voz, a musica atroou os ares com um hymno constitucional; um frenesi enthusiastico rodopiou pelas espinaes medullas, como uma corrente galvanica; sentiu-se o bater impaciente das patas dos cavallos e entraram na pista, ao som da musica, os campeões, montados pelos seus jockeys de fatos coloridos. Um clamor unisono acolheu-os por toda a parte.

Na lista dos cavallos que tinham de correr, havia para todos os paladares e para todas as sympathias. Elles chamavam-se: *Sultão, Laranja, Baccarat, Gaiato, Lucero, British Lion, Cigano, Lansquenet, Tasselson, Relampago*, etc.

— Lá está Fulano!

— O *Relampago* vence!

— Santa Barbara!

— Aposto pelo *Talisman*.

— Eu pelo *Sultão*.

— Acceito.

*

— Quanto?
— Ponha-lhe o preço.
— Diga lá. Até cem mil reis tem homem.
— Nada, isso é muito.
— Então?
— Uma duzia de charutos.
— Vá feito.
— Toque.

Que arrôjo! E ainda ha quem diga que as corridas deitam a perder muita gente!

Os cavallos corriam pela pista para aquecer. D'ahi a pouco, um meritissimo juiz, ostentando uma bandeira vermelha na dextra, punha-os em linha. As ventas dos cavallos estavam inflammadas, os flancos contorciam-se, os musculos desenhavam-se com valor sob a pelle, e elles resistiam á linha recta com toda a teimosia e todos os saltos que podiam imaginar. Pareciam ter horror á mathematica. Quando isto é tão vulgar entre os homens, nada mais natural entre os pachidermes!

Depois... A bandeira vermelha acenou tres vezes, ergueu-se uma nuvem de poeira, abalou-se a terra com o estrépito do galope, e os olhos viram-se embaraçados para seguir aquella vertigem — a toda a brida.

Toda a gente se pôz de pé. Algumas cadeiras rangeram, fazendo-se n'um feixe, e não pou-

cos enthusiastas apalparam com as costellas a dureza do tablado. Levantou-se um clamor enorme e todos berravam:

—Upa! *Sultão! Relampago!* Ávante! Vence o *Cigano!* Hourrah!

Por tres vezes passaram diante da tribuna, n'uma corrida vertiginosa e phantastica, os contendores, mais ou menos distanciados. Envolvia-os uma acclamação estrondosa, agitavam-se os lenços, gritava-se pelo nome dos jockeys. Os cavalleiros vestidos de sêda colorida, prolongavam-se ao longo do pescoço dos animaes, para evitar a resistencia atmospherica. O vento enfunava-lhes as vestes, e fazia redemoinhar o pó. Os chicotes agitavam-se com violencia, batendo os flancos distendidos dos animaes, alimentando-lhes o fogo sagrado. E ao longe, no extremo mais afastado da pista, os cavallos na corrida desenfreada tomavam o aspecto de grandes compassos de medição, abrindo-se e fechando-se sobre o terreno.

Chegados proximo da meta, o clamor da multidão redobrou, os jockeys com os habeis movimentos das redeas e as mais enthusiasticas esporadas, faziam esforços sobre-humanos para serem os primeiros a chegar.

Esta gloria coube ao *Relampago*. O vencedor foi rodeado pelos amadores, victoriado com es-

trondo e trazido á redea pela pista até á tribuna real, no meio de applausos e de hourrahs. De passagem fez, por intermedio do seu jockey, um gracioso cumprimento á tribuna e desappareceu entre as sonoras acclamações do publico.

Serenado o enthusiasmo, a multidão retomou os seus lugares, limpou o suor, e preparou-se para a seguinte corrida, que devia ser cheia de peripecias, por ter saltos *(steeple-chase)*.

De distancia em distancia, foram collocados no hippodrómo alguns macissos de verdura, alfombras verdejantes de occasião, feitos com galhos de arvores. Os cavallos deviam transpol-os de um pulo.

— É incrivel! dizia um espectador. Os cavallos, em vez de saltarem os obstaculos, comem'os. *Ficamos lograd*os!

D'ahi a pouco repetia-se a mesma scena da primeira corrida, e os cavallos partiam a galope. Chegados em frente da primeira alfombra, em vez de a saltarem, e mesmo em vez de a comerem, abriram brecha, como se nada fosse, com toda a sem-ceremonia. Um francez que estava ao nosso lado berrou:

— Les obstacles sont ouverts! *(Tout verts.)*

A corrida continuou no meio das gargalhadas.

O *Jockey Club* soffreu então as mais vivas

criticas. Era incrivel que se tivesse feito uma corrida *de velocidade, com saltos,* porque para saltar bem era necessario moderar o impeto e portanto ficariam triumphantes os que saltassem peior.

Ainda assim venceu o *Talisman* e metteu no seu bolso — permittam-me a expressão — um «objecto de arte» dado pelo rei artista. O que seria? Quando um rei artista se digna recompensar algum dos seus subditos com um objecto, a imaginação tem um longo horisonte diante de si. O que seria? Um quadro? Um bronze? A taça do rei de Thule? A Venus de Milo? Uma armadura de Toledo?

Nada. Uma elegante bilheteira de prata, um objecto indispensavel na boa sociedade. Aonde a arte se foi anichar!! Um annel tambem terá a mesma honrosa classificação?

Quando terminaram as corridas, o sol descaía ao longe n'um crepusculo saudoso. O rio espraiava-se mollemente, com a sua linha azul desfallecida e morbida como uma poesia de agua doce, cortado por pequenas ondas cheias de pretensão. Os barcos que o atravessavam, com as vellas triangulares obscurecidas pela sombra, faziam lembrar as virgulas d'um periodo dormente, perdidas ao acaso, sem nexo e sem grammatica. As montanhas ao longe os-

tentavàm-se com a gravidade imponente e a vastidão sesquipedal que costumam ter — os artigos de fundo, tanto na natureza, como nos jornaes. E em baixo a praia caprichosa, cheia de murmurios e de seixos, apparecia como um folhetim sentimental, matizado de flôres de rhetorica.

Terminada a diversão tratou cada qual de se aproximar, tanto quanto fosse possivel, do jantar. Entre elle e o estomago, como entre dois namorados de condição differente — havia um abysmo, que aquellas cinco horas de abstinencia e de sensação tinham tornado insondavel. O jantar adquirira todos os attractivos — do fructo prohibido.

Fóra do recinto das corridas, as patrulhas de cavallaria escoucinhavam por entre o povo; as rodas dos vehiculos emmaranhavam-se umas nas outras, e os cavalleiros que procuravam desenvencilhar-se d'aquella grande meada, lançavam um terror panico na multidão, com os seus arrôjos hippicos. Os carros subiam espantosamente de preço e a gente não sabia o que fazer, para não deixar alli a bolsa ou a vida.

— Ó Providencia, se tu nos mandasses um carro, a troco de algumas orações, e de meia libra!

Os encontrões, os gritos, os atropellamentos, davam ideia de um cáhos genesíaco, no seu mais bello periodo de formação.

— Isto é um inferno! exclamavam os paes de familia, dando-se ao diabo.

— Valha-me a Virgem Santa! exclamavam as caras metades, cheias de susto, fiando-se na Virgem... mas correndo.

Os americanos que chegavam, partiam logo, cheios até á porta, depois de terriveis abordagens. Aos lados da estrada o povo accumulava-se assistindo ao desfilar das equipagens. As janellas estavam cheias de senhoras. Viam-se passar as faces mais vulgares com uma expressão de cansaço, como resultado; e um bilhete no chapeu, como côr local. Graves matronas, magestosas e trémulas, recolhiam, aos solavancos dos carros de praça, entre a sua especie propagada, ao lado dos colossos de gutta-percha humana que tinham por maridos. Formosas nymphas do *sport* recostavam-se ás almofadas dos *landeaux,* em attitudes languidas, cheias de encanto e de *puffs*. E no meio de toda aquella honestidade festival, passava, de vez em quando, n'uma victoria descoberta, insolentemente deitada para traz, alguma Venus moderna, desdenhosa e prejudicial, armando ao effeito, indignando, e prendendo as attenções dos ama-

nuenses e dos collegiaes. E n'uma confusão insana de breeks, aranhas, caleches, cabriolets, dog-carts, typoias, char-à-bancs, omnibus, americanos e capoeiras em geral, algumas oito mil pessoas voltando a casa, cheias de enthusiasmo, de pó e de fome.

Eram sete horas da tarde. Se lhes parece!

XVI

Um edificio regular, de architectura simples, e aspecto pouco imponente, cognominado nos noticiarios dos jornaes, em dias de beneficio, *o Templo da arte,* ergue-se a um dos angulos de uma praça tristonha. É o theatro. Os candieiros da porta estão accezos, e o atrio, soffrivelmente illuminado, tem um certo ar de animação. A distancia, alguns individuos obsequiosos dirigem aos transeuntes perguntas solícitas e bilhetes:

— Quer geral? É o preço da casa.

— Quem vende?

— Ha aqui uma superior.

São oito horas da noite e o espectaculo deve

começar d'ahi a um quarto. O «querido publico» como lhe chama Dumas filho, vem-se aproximando com a antecedencia precisa para não esperar muito, e ao mesmo tempo não ter de ficar de pé, porque aos domingos os theatros enchem-se até á porta. No vestibulo os grupos compactos são atravessados pelas familias que desprezam as tradições aristocraticas, e que se apresentam nos seus camarotes muito antes do primeiro acto. As classes médias da sociedade, para as quaes a compra de um camarote ainda é um acontecimento, não sè consolariam se perdessem algumas scenas, porque então já lhes seria difficil perceber o *enredo,* que é para ellas o grande attractivo.

Á porta do theatro um grande cartaz annuncia o *Orpheu nos infernos,* de Offembach, o grande caricaturista da musica, o risonho creador do general *Boum,* do *rei Bobeche,* da *Grã-duqueza,* e de outros typos d'um poder comico extraordinario; o homem que, com Filippon, Frédéric Lemaitre, Daumier e Henry Monier, forma a grande pleiade dos caricaturistas poderosos da palavra, do desenho, da acção e da musica, que teem feito rir quatro gerações successivas em redor das velhas instituições tradicionaes, abalando-as até aos fundamentos. Crearam os tres primeiros o immortal *Robert Ma-*

caire; H. Monier, o legendario *Monsieur Prud-homme,* e Offembach, a serie irresistivel que o leitor conhece.

O theatro enchêra-se completamente. Os camarotes trasbordavam, invadidos por familias inteiras, e na plateia os lugares estavam todos occupados. Reinava na sala o borborinho confuso que antecede sempre as primeiras representações, esperadas com impaciencia. Os musicos da orchestra tomavam os seus lugares, e, pelas frisas, o palpitar dos leques parecia querer chamar buliçosamente as adorações do publico para as formosuras que alli estavam nos seus altares, como deusas. Os binoculos crusavam os seus raios em todas as direcções, aproximando as physionomias e destruindo, ás vezes, brutalmente, todos os encantos do pó de arroz. Os homens, de pé, guardando á vista os seus lugares, torciam os bigodes, e pareciam empenhados em seguir á risca o axioma juridico que manda — procurar a mulher ao fundo de todas as questões. As damas entretinham-se em percorrer com a vista curiosamente a sala, detendo-se n'um ponto ou n'outro, para dizer, n'essa linguagem expressiva dos olhos, que quem é vivo sempre apparece.

Soaram os primeiros accordes da musica; o publico tomou os seus lugares, estabeleceu-se o

silencio, subiu o pano, e começaram a desenrolar-se as scenas do *Orpheu*.

O publico que assistia áquella representação fazia parte de uma sociedade que tem uma religião do Estado, que exige um juramento religioso aos seus funccionarios, que não admitte a liberdade de cultos, que ouve missa aos domingos e dias santos e que se confessa — ao menos — uma vez cada anno. Era a mesma sociedade catholica que se póde ir vêr ás egrejas nos dias de festa, assistindo com uma seriedade perfeita ás manifestações anachronicas do culto externo, ouvindo sermões, visitando os templos em quinta feira de endoenças, e acreditando ou fingindo acreditar nos dogmas e nos mysterios da santa madre egreja.

Por isso, quando as scenas piccarescas do *Orpheu nos infernos,* começaram a desentranhar-se em effeitos comicos, achei-me extremamente surprehendido de que o publico risse com tanta sinceridade e tanta expansão das situações criticas em que se achavam os deuses e principalmente as deusas do Olympo. Pareceu-me que todo aquelle publico se estava rindo de si proprio, como um individuo que soltasse uma gargalhada, ao ver passar outro com um rabo de papel, não reparando que nas suas costas existia um adorno da mesma especie.

Eu ria-me tambem, mas devo dizer que pela minha parte abria uma excepção áquella incoherencia geral, porque o meu riso, antes de ser dado sinceramente ás scenas divertidas da mythologia, já tinha rendido preito a outras scenas, não menos curiosas, do catholicismo. Aos meus olhos todas as religiões eram egualmente verdadeiras e falsas. Todas tinham um lado grandioso e um lado irrisorio. E a minha opinião, livre de preconceitos, estava formada ha muito sobre essas religiões que se chamam o catholicismo, o islamismo, o brahmanismo, o bouddhismo, e o polytheismo pagão, cada uma das quaes se dizia a *unica* verdadeira — e o demonstrava com os mesmos argumentos.

Uma vez, nos tempos de collegio, tendo eu de passar pelas provas de um exame de instrucção primaria, lembrei-me de fazer uma offerta ao *Senhor da Boa Fortuna* — em quem eu n'essa occasião acreditava piamente — afim de que elle conjurasse a ferocidade e os RR dos meus examinadores. Levantaram-se porém no meu espirito sérias duvidas ao lembrar-me de Minerva, a deusa da sabedoria. É verdade que eu estava costumado a ouvir dizer que essa deusa era falsa, mas n'aquelle momento supremo a minha razão vacillava. E, não sabendo como conciliar as coisas, lembro-me de que fiz duas pro-

messas: uma ao dito snr., e outra a Minerva. Ainda hoje estou na duvida, sem saber a qual dos dois protectores devo agradecer o bom exito do exame, mas inclino-me a que devo agradecel-o... a mim mesmo.

Aconteceu-me como áquelle viajante, que ia atravessando, sobre uma prancha, um abysmo, e que se lembrou de invocar o auxilio da Divindade em seu favor, e começou a dizer:

— Deus é bom!

Depois, lembrando-se de que o Anjo das trevas lhe podia fazer mal, continuou:

— Mas o diabo tambem não é mau!

Chegado ao fim, voltou-se para traz e disse:

— Tão bom é um como outro!

Na opinião de um notavel escriptor, para conhecer que todas as religiões são falsas ou verdadeiras — como quizerem — basta comparal-as. Era exactamente o que me acontecia aos dôze annos de edade, por instincto. Hoje porém esse criterio estabeleceu-se por convicção.

Eu via, pois, as scenas do *Orpheu nos infernos* do mesmo modo como algumas vezes tenho visto uma caricatura, sem que o lado ridiculo apresentado viesse prejudicar a opinião que eu tinha formado, e sem me recusar a reconhecer o mesmo lado comico em outras cousas identicas. Por isso o publico que applaudia

delirantemente as scenas humoristicas do *Orpheu,* e se prostrava ante os altares do catholicismo, parecia-me um sujeito, possuidor d'um grande telhado de vidro, entretendo-se a atirar pedras ao do visinho.

Na realidade, aquelles deuses com paixões humanas, commettendo crimes, entregando-se ao odio e ás paixões frivolas, aquelle barão de Jupiter disfarçado em mosca, para entrar no quarto da sua amada, tinham todos os seus semelhantes na religião que hoje nos domina; e quando outr'ora a razão perguntava, a medo, como era que se podiam explicar aquelles contra-sensos, respondiam-lhe: «Cála-te, impia! Isso é um *mysterio* que a intelligencia do homem não póde comprehender, mas em que deve acreditar cegamente.» Hoje, por exemplo, com o mysterio *da Conceição* succede o mesmo, com uma differença, e é que a resposta, em vez de nos inspirar terror, só nos provoca o riso.

Vendo as paixões encontradas dos deuses do paganismo, as suas inexplicaveis existencias, Jupiter roubando o throno a seu velho pae, a pompa inutil de uma serie de deuses com pequenos poderes, que um d'elles podia destruir, o espirito pergunta se não seria mais simples a existencia só do que reunisse todos os poderes, visto nada serem os outros ao pé d'elle. *Mysterio!* res-

pondem-lhe. E a serie dos deuses secundarios toma o aspecto de um grupo de comparsas, personagens honorarios e grotescos, que apparecem e desapparecem á voz do director de scena. E seguem-se os sarcasmos da musica de Offembach, as rimas petulantes, as peripecias comicas, os lances que provocam a hilaridade. O publico forma um côro de applausos, bate com as mãos, e ri estrepitosamente do que vê.

Comtudo, essa religião, que está sendo escalpellada terrivelmente aos seus olhos, dominou outr'ora a humanidade inteira. A arte elevou-lhe templos sumptuosos que ainda hoje nos causam assombro. O cinzel dos artistas de genio immortalisou no marmore as grandes figuras d'essa theocracia. O povo ajoelhou cheio de fé nos degraus dos altares, e ergueu as mãos. Os sacerdotes foram rodeados de todos os respeitos e de todas as venerações humanas, como representantes da divindade. Nas grandes conflagrações publicas ergueram-se supplicas fervorosas a esses deuses, fizeram-lhes sacrificios e derramou-se o sangue das victimas para aplacar as coleras do ceu. Fizeram-se procissões, penitencias e votos. E quando o deus indignado fallava pela voz da tempestade e pelo estampido retumbante do trovão, o povo ajoelhava nas ruas cheio de terror, rojava-se no pó, ou

erguia aos ceus o clamor das supplicas, pedindo misericordia. Nos tempos de guerra os altares estavam accesos, e as preces eccoavam pelas vastas abobadas dos templos, intercedendo pelos exercitos que iam combater os barbaros. Houve as mais esplendidas festas, as mais profundas adorações, a crença mais absoluta. Depois... passam-se alguns seculos, e tudo isso que foi magestoso, sobrenatural e divino está sobre um palco, e não passa de uma comedia ridicula.

Tal é o destino das coisas humanas e divinas, que não teem por base a razão. Pódem ser impostas pelo terror, pódem rodear-se de todas as grandezas, mas não tardarão a cahir por terra. E no meio da catastrophe, vogando sobre os destroços da tempestade, andará sempre, como uma arca santa pairando sobre as vagas, a razão humana. Só ella escapará do naufragio.

Hoje temos com os dogmas do catholicismo exactamente o mesmo. Elle, que já passou pela sua epoca de esplendor, não tardará a cahir, e então as gerações futuras perguntarão, com pasmo, como foi que um systema religioso tão absurdo pôde dominar tantos milhões de homens. E talvez um novo Offembach trace sobre as tradições do nosso culto uma opera comica tão

irresistivel como esta que se fundamenta nos desvarios insensatos da mythologia.

O mysterio da Santissima Trindade! Haverá no polytheismo grego coisa mais abstrusa? Tres pessoas distinctas e um só deus verdadeiro! Pois bem, este mysterio está destinado a ter, no futuro e no theatro, a sua epoca de esplendor, com musica alegre e fatos a capricho. Permittam-me que eu me antecipe a descrever-lhes esse quadro:

O theatro está dividido em duas partes. Uma representa um ceu... aberto para o lado dos espectadores. A outra uma rua. A porta está fechada. Em frente da sala um throno, aonde só cabe uma pessoa, mas onde ao mesmo tempo podem estar tres á vontade. É dia de festa. Os archanjos com azas nas costas empunham as trombetas. Os anjos andam a voar d'um lado para o outro. Grupos bem dispostos enchem a scena. Vae haver um cortejo. O throno está vasio.

— Isto está-se demorando, diz um dos comparsas a meia voz e accrescenta:

— Cala-te bocca!

Falta o personagem principal do cortejo, o rei dos reis.

De repente, chega-se á porta que da rua dá para o salão, e dirige-se ao porteiro, um ho-

mem de grande barba apostolica, envolvido n'um manto.

— Quem é o snr.? pergunta-lhe o porteiro.

— Sou Deus.

— Hum!

— Duvída? Sou o Padre.

— Que padre?

— O Eterno.

O porteiro curva-se até ao chão e deixa-o entrar. Dentro é recebido com todas as attenções. Mas, contra o que se esperava, não sobe ao throno.

D'ahi a um momento, chega-se ao porteiro um homem pallido e pensativo:

— Quem é o snr.?

— Sou Deus.

— Ora, meu rico, pr'a cá vem de carrinho: o Altissimo já entrou.

O individuo embrulha-se na capa e retira-se.

D'ahi a bocado apparece uma pomba branca.

— Olá, que temos? diz-lhe o porteiro.

— Quero entrar.

O porteiro assobia para o ar como quem diz: — Isso era bom!

— Deixe-me entrar, insiste a ave.

— Quem é você? torna-lhe o guarda impacientado.

— Sou Deus.

— Ora ponha-se a voar, que já não estou para mangações.

— Já lhe disse que sou o Espirito...

— Que espirito?

— O Santo.

— Ora, temos conversado!

O passaro vae-se embora.

Passa-se algum tempo.

— Que demora! diz o Padre Eterno. Faltam ainda as minhas duas terças partes. O archanjo Gabriel que vá ver se houve alguma coisa.

O archanjo vae e pergunta ao porteiro:

— Não veio mais ninguem?

— Veio ahi um individuo.

— E não o deixou entrar? diz o anjo anciosamente.

— Eu não. Cumpri com as ordens que tinha.

— E não disse quem era?

— Disse que era Deus.

— Oh c'os diabos!

— Elle já lá estava dentro.

— E não veio mais ninguem?

— Veio uma pomba.

— De papo ou de leque?

— Não me recordo...

— E tambem a mandou embora?

— Tambem.

— Você o que fez, homem?

— Eu cumpri as ordens.

— Isto é incrivel! Pois você não sabia que Deus havia de vir?

— Sabia, mas elle já cá tinha entrado.

— Entrou só um terço. O resto eram esses dois que vieram.

— Lá d'isso é que eu não sei.

— Pois não sabia que elle é tres pessoas distinctas, e um só Deus verdadeiro?

— D'essas philosophias não entendo. Eu cá é: pão pão, queijo queijo.

O archanjo volta para dentro e dá parte do acontecido, accrescentando:

— Temos o caldo entornado!

Levanta-se grande celeuma e todos fallam ao mesmo tempo.

— Parece incrivel, diz um, tanta ignorancia e tanta estupidez!

— Deviam-lhe ter dado instrucções, diz outro.

— Instrucções para que? torna o primeiro, indignado. Não ha nada mais simples!

— Eu, diz Thomé, apesar de participar da graça celeste como os meus esclarecidos collegas, declaro que ainda não comprehendi tal coisa, e que me reservava para ver hoje desvendado este mysterio.

— Blasphemia! bradam os bemaventurados

em côro. Venha o livro mais popular, o mais claro, o mais simples, aquelle por onde se ensina doutrina ao povo.

— Eil-o.

— Paragrapho IV: Pag. 30. *Do Mysterio da Trindade.*

UM DOUTOR DA EGREJA *(lendo):* O Padre é Deus, o Filho é Deus, o Espirito Santo é Deus?

O CORO: Sim!

THOMÉ: Logo, são tres deuses!

O DOUTOR: Não: são tres pessoas *distinctas* e um só Deus verdadeiro.

O CORO: Bem respondido!

THOMÉ: Pois então, como póde ser um só Deus e tres pessoas?

O DOUTOR: Porque uma pessoa não é outra, mas é um só Deus verdadeiro.

O CORO *(enthusiasmado):* Isso é claro como agua! Mette-se pelos olhos dentro.

THOMÉ *(renitente):* Mas como se póde entender que sendo tres pessoas e todas Deuses, seja um só Deus?

O DOUTOR *(grave e exprobativo):* A nós só nos importa crêr a olhos fechados o que a egreja nos ensina: nem nós podêmos, nem estamos obrigados a mais, nem a egreja nos manda comprehender este mysterio.

O CORO: Muito bem! muito bem!

O incredulo Thomé é expulso, e o coro dança um *can-can.*

(Cáe o pano.)

Não terá esta scena picante completa identidade com as do *Orpheu?* Pois bem, a sociedade catholica, que applaudiu aquellas, não se pode recusar a dar os seus applausos a esta. E comtudo o escriptor que a pozesse no palco, teria certa a indignação publica. Mas tempo virá, em que o catholicismo estará no mesmo estado em que hoje se encontra a mythologia, e então esse episodio divertirá os futuros *dilettanti,* como o *Orpheu* divertiu os *dilettanti* catholicos de hoje. Mas não! que no futuro, quando se estabelecer a religião definitiva da humanidade, uma religião scientifica, sem deuses e sem dogmas, haverá de certo mais respeito para com as theocracias mortas, que dominaram as sociedades durante tantos seculos!

E esse será o grande triumpho dos utopistas de hoje!

XVII

Um quadro soberbo: a um lado, debaixo d'um ceu limpido, de outomno, uma risonha povoação *á beira-mar plantada,* entregue á somnolencia mais patriarchal que se possa imaginar. As casas com as janellas fechadas, as ruas ermas, as arvores pensativas parecendo dizer com os seus movimentos ora que sim ora que não; os montes, ao longe, como uns monstros dormindo de barriga para o ar, um firmamento estrellado e radioso e um pharol quasi mythologico fazendo lembrar o unico olho de Polyphemo — depois de Ulysses o encravar com o madeiro.

Estamos n'uma pequena povoação maritima,

a meia legua da cidade. Em frente d'ella o lençol movediço das ondas espumantes, bramindo, formando corcovos de animal selvagem, precipitando-se pelas planuras vertiginosamente, galgando os rochedos d'um pulo, e estourando ao longo da praia com o abalo ensurdecedor das detonações da artilheria. Depois, uma trémula queixa abafada, um rumor carinhoso em toda a curva do areal, um soluço perdido pelo espaço e a voluptuosa phosphorescencia d'uma longa toalha de neve, cingindo como uma clamyde immaculada a extensão da praia. Por fim, a convulsão das novas ondas crescentes e os seus estrondos successivos. A terra silenciosa, calma, dormente; o mar nas suas eternas labutações.

O homem não intervinha n'este espectaculo augusto, e, emquanto a sua mãe natureza se revolvia n'este labor incessante, elle revolvia-se simplesmente... na cama.

De repente, uma lingua de fogo dardejou do telhado escurecido de uma casa. Um novello de fumo subiu como uma blasphemia a profanar a limpidez da abobada celeste, e o ambiente fresco e balsamico da beira-mar começou a cheirar a chamusco. A sonora harmonia da natureza foi cortada subitamente por estas palavras: Fogo! Fogo!

A tão angustioso apêllo não podia ficar si-

lencioso o coração dos habitantes visinhos, e o badalo dos sinos da egreja. Ah! não se diga que o bronze ficou silencioso! Não! Aquellas palavras encontram sempre um ecco no mais recondito do seu seio, se a creatura que as proferiu se apegou a elle, e á corda. Por isso o sino da egreja, como se não podesse ter mão em si, por effeito de um oleo — mais ou menos de ricino — com que o tivessem untado interiormente, começou a dar a capricho, sem interrupção, 25, 47 e 98 badaladas. Se fôssem tiros, toda a gente os tomaria por salvas reaes.

Isto bastou para lançar a confusão no espirito publico e para acordar bruscamente toda a povoação, que dormia com a sinceridade de um leitor das obras do reverendo padre Gaume.

Os toques de incendio, por este meio inestimavel, teem a vantagem suprema de fazer acreditar a todas as familias que o fogo lhes está em casa, e, até hoje, não se pôde descobrir ainda um despertador mais infallivel. Por isso as visinhanças da casa incendiada, passado o primeiro momento de panico, estavam invadidas por uma multidão cheia de curiosidade, amante de pão e de incendios.

As torres faziam com o seu badalar caprichoso um côro admiravel, parecendo antes querer dar ao publico uma ideia perfeita da instru-

mentação da opereta *Joanna do Arco*, do que orientar os soccorros para o logar do sinistro. Houve *dilettanti* que julgou vêr o maestro auctor da opereta, de batuta em punho, montado na torre da freguezia, regendo esta orchestra insurreccionada, a cujos compassos as chammas dançavam um *can-can* verdadeiramente pyramidal, como no terceiro acto do *Orpheu nos infernos*.

As bombas da cidade começaram a dirigir-se, umas para o monumento da praça de D. Pedro, outras para o lago do Passeio Publico e outras para as provincias do norte. Quando a bomba que se dirigia para o tanque do Passeio, suppondo ser alli o incendio, chegava ao seu destino, diziam-lhe que o fogo era em Fornos de Algodres, e ella lá partia a todo o galope. No meio do caminho encontrava a collega que voltava esbaforida de Cabeceiras de Basto, em direcção ao monumento, e começavam a questionar.

—O fogo é nas grades do Passeio Publico! dizia uma, lançando os bofes pela bocca.

—Não é tal! É em Cabeceiras!

—Já lhe disse que não.

—É na provincia do Minho!

—Está enganado; é na Extremadura!

—O que me diz?

— Palavra de honra!

— Então vamos lá. Ó rapaziada, toca p'ra traz!

E lá vinham as duas, de braço dado, em direcção á capital.

A final, o caso não podia ser mais simples. O incendio era á beira-mar, n'uma casa de banhos, e não passava de um ensaio pyrotechnico da agua especial d'esses estabelecimentos. Ha todas as rasões para crêr que os dois elementos sempre em lucta — a agua e o fogo — tinham querido fazer as pazes, dando ao mundo o espectaculo de uma reconciliação amigavel, unindo-se pelos mais doces laços. Como, porém, o segundo é de uma natureza ardente, — como não podia deixar de ser, — e na sua qualidade de masculino attentasse ligeiramente contra a pudicicia da primeira, antes de ser abençoada a união, a agua foi compellida a apagar-lhe os impetos, conforme pôde. O fogo não quiz dar o braço a torcer e continuou a attentar, querendo levar a coisa á valentona. Que imprudencia! A agua resistiu, como convem a toda a Lucrecia e a todo o protoxido do hydrogenio, em tão graves circumstancias. O fogo, porém, que já estava dentro do leito nupcial, que era uma banheira, como quem está em sua casa, vendo-se atacado na sua autonomia e nos seus

direitos de sexo forte, resolveu incendiar tudo, a vêr se assim conseguia os negros intentos de que estava possuido. A agua da tal casa de banhos, pela sua composição especial, não podia offerecer grande resistencia. O fogo teimou, cheio de desespêro, e ella... começou a arder, propagando o incendio á banheira de azulejos, aos canos, á bomba e até ao poço! Em breve ardiam os quartos, e tal era a furia dos elementos, que o telhado não tardaria a ir pelos ares.

Chegadas as primeiras bombas, o fogo pareceu retrahir-se um pouco, como se percebesse que estava dando ao mundo um espectaculo bastante immoral e que toda a gente o observava atravez das janellas despedaçadas, por onde elle deitava ás vezes a lingua chammejante, lambendo os madeiramentos. Já tinha ardido toda a agua existente no estabelecimento, e elle, cançado mas não saciado, como na satyra VI de Juvenal, sentia-se morrer á mingua de alimento. Foi então que as bombas municipaes practicaram umas d'essas leviandades, desgraçadamente tão vulgares (mas que nós não cessaremos de stygmatisar com todas as nossas forças) lançando para cima do incendio, Santo Deus!... o que? — agua de outra casa de banhos. Uma verdadeira imprudencia! Toda a gente sabe que a agua dos banhos publicos

contem em grande escala estes principios combustiveis: gordura, bandolina, oleo de amendoas doces, banha de cheiro, exclamação de Cambronne, pomada, etc. Ora, para um fogo não ha nada melhor, e o dissimulado deixou-se ficar muito quietinho como quem diz: esse é o meu beber. E, n'isto, um novo clarão subiu aos ares, espalhou-se em redor um cheiro que fazia pensar no Perú, e o incendio tomou, pela segunda vez, um aspecto assustador.

Eram nove horas da manhã e ainda trabalhavam as bombas, lançando com algum resultado sobre o fogo agua da fonte. Se quando elle se manifestou, as primeiras pessoas que chegaram ao local do sinistro tivessem tido a ideia de tirar para fóra toda a agua, o fogo não teria tomado certas proporções, nem alvoroçaria tanto a povoação. A casa ardeu quasi toda, e se não fossem os soccorros dedicados dos bombeiros, que apesar dos toques lá compareceram, talvez o publico presenciasse o incendio de mais algumas casas innocentes, que não tinham tido a imprudencia de ter dentro uma agua tão incendiaria.

Terminado o fogo, houve revista do serviço dos incendios, para saber os corpos que não tinham comparecido. Faltaram nada menos do que 17 bombas, com os competentes bombei-

ros, escadas, etc. Procurou-se tudo, e, á hora a que escrevemos, — um mez depois, — ainda não ha noticia d'ellas. Tem-se mandado perguntar para as provincias se as viram, mas até hoje não tem havido resposta satisfactoria. A opinião mais unanime é que essas bombas, obedecendo aos toques, partiram para o estrangeiro, e por lá andam, a perguntar se alguem sabe aonde é o fogo. A avaliar por algumas torres, que, como dissemos, deram 98 badaladas, essas bombas devem estar agora em S. Petersburgo.

Sirva em o todo caso este exemplo para que alguem lance um olhar para os sinos das egrejas e outro para as casas de banhos, pois afigura-se-nos que, se algum banhista se lembrar de approximar um phosphoro da agua que n'ellas se usa, teremos novas desgraças a lamentar, e ninguem mais tornará a pôr os olhos nas poucas bombas que ainda restam á cidade.

O assumpto é de toda a ponderação, e muitos communistas já deixaram de arrecadar petroleo e de usal-o nos candieiros, substituindo-o com muita vantagem e economia — pela agua de que fallamos. Ella constitue um verdadeiro perigo não só para a sociedade, mas tambem para as companhias de seguros, e sobre tudo para a hygiene. Que o *Conselho geral de saude,*

tão solicito como é pelo bem do publico, a tenha sempre presente na memoria para, em momento opportuno, á meia noite, por exemplo, livrar a cidade d'esse grande perigo hydraulico, que obriga as folhas politicas a dizerem todos os dias, embora referindo-se a outros acontecimentos: Estamos sobre um vulcão! E a hydrotherapia ainda poderá aproveitar esse elemento — nos campos.

A gratidão das hortaliças será eterna!

XVIII

Sobre a superficie argentina do rio, acabava de fundear um *steamer* inglez. Na sua passagem, as fortalezas da barra saudaram-n'o com vinte e um tiros, e os ociosos correram para o caes, cheios de curiosidade, a fim de assistir ao desembarque de um personagem importante. Uma guarda de honra, com a sua musica á frente, estava postada no largo, e alguns escaleres, com as bandeiras reaes no topo arrastando pela agua, dirigiam-se ao paquete que tinha ancorado. Em terra alguns dignitarios agaloados esperavam no caes a entrada do real viajante. O povo agglomerava-se por de-

traz da tropa que fazia a guarda de honra. Havia uma certa animação. O hymno real cortando os ares, o cortejo em linha, os galões das fardas brilhando ao sol, as galeotas sulcando o rio, e a artilheria ao fundo: — Bum!

Acabava de chegar da Africa sua magestade el-rei Atschih XXVI, sultão da Senegambia, principe da Hottentotia, senhor da Negricia, bisneto da Lua, parente proximo da Ursa-maior, grã-cruz do Dragão mosqueado, etc., etc. Tinha trepado ao throno dos seus maiores no anno antecedente e apressava-se a vir estabelecer relações nos paizes estrangeiros. Era, na mais lata accepção da palavra, um principe de côr; o seu rosto era negro, a sua intelligencia clara, o seu sangue azul. Viajava acompanhado de todos os titulos que a si proprio tinha conferido n'um momento de benevolencia, a fim de melhorar a misera sorte do seu povo e dar satisfação á opinião publica, que reclamava em altos brados esses importantes melhoramentos e algum arroz.

Na sua passagem, era preciso mostrar-lhe o que são os povos civilisados que vão seguindo a passo o carro do progresso. Era preciso deslumbral-o, e fazer-lhe saber que estavamos no seculo das luzes. Por isso algumas pessoas opinaram por que se fizessem illuminações por es-

paço de tres dias, festas, e uma parada. Outras pessoas inclinaram-se a que nada se fizesse, para que sua magestade podesse bem avaliar as delicias da vida normal d'este povo desconhecido. Esta proposta pareceu indignar alguns patriotas, porque, já que passava um personagem estrangeiro, era preciso que elle formasse a ideia mais favoravel das instituições; e aquelles que mostravam as coisas taes como eram faziam lembrar o filho de Noé, mostrando seu pae cahido por abuso do vinho. A patria que lhes agradeça a comparação. Como, porém, o patriotismo fere sempre a corda intima dos corações mais indifferentes ao bem publico, concordou-se que se honrasse tanto quanto fosse possivel o descendente da grande Ursa, para que elle ficasse convencido de que o paraiso de Mahomet tinha uma pequena succursal no occidente da Europa. E, para dar principio a tão generosos intuitos, foi o real viajante condecorado com a commenda de Christo. Como, porém, a religião que elle tinha bebido com o leite lhe mandava adorar o sol sobre tudo e venerar o dragão symbolico como o representante da divindade na terra, o titulo da commenda representava uma blasphemia, e por tanto elle suspendeu-a no ponto menos respeitoso do seu corpo, como noticiaram todos os jornaes...

Vejamos quem era o sultão Atschih XXVI. Era um individuo alto, bem apessoado, com barbas á particular, turbante moirisco, alfange á cinta, coraes no pescoço, e sapatos de verniz nos pés. Dominava uma vasta região de florestas virgens e algumas populações indigenas, miseraveis e cobertas de impostos. Quanto aos seus merecimentos pessoaes, constava apenas que tinha um serralho com duzentas mulheres de todos os paizes, uma especie de corpo diplomatico feminino, para seu uso, com todas as vantagens annexas a essas corporações, e sem nenhum dos inconvenientes e intrigas das verdadeiras embaixadas internacionaes. Reinava como um deus, rodeado de submissões e de supplicas, e, ainda que Pierre Veron diga que um sultão é «uma peça de artilheria como outra qualquer, dando-se ares de uma metralhadora» elle dominava alli como outr'ora o canhão Paulo Cordeiro dominava uma submissa povoação hespanhola. Quando elle entrava, cessavam as conversações e estabelecia-se um silencio respeitoso. Uma simples palavra sua bastava para que a infeliz que lhe tinha cahido no desagrado sentisse a sua formosa cabeça separada do tronco, com toda a delicadeza e todas as attenções de um kandjar mauritano. Por isso aquellas duzentas filhas de Eva só podiam ser comparadas, na

doçura do trato domestico, aos velludos mais finos de Lyon.

A viagem do sultão á Europa foi determinada por um incidente um pouco extraordinario. Um dia tinha elle entrado no serralho, cabisbaixo, de sobr'olho carrancudo. O terror panico dominou as suas caras metades e nenhuma ousava dizer palavra. N'isto, entra por uma fresta da janella gradeada uma brisa fria, e vae bater no dorso polido e mal resguardado da favorita, que era uma franceza, constipando-a. Ella sente um formigueiro no nariz, faz involuntariamente uma visagem, fecha os olhos e diz... n'um espirro:

— Atschih!...

O sultão volta-se, imaginando que ella o tinha chamado.

— Que queres tu, Musette?

A pobre rapariga ficou toda confusa. Lembrava-se de que na Europa era costume metter a ridiculo os homens de côr, por esse meio respiratorio, e sentindo a cabeça quasi a despegar-se-lhe dos hombros pelo processo mencionado, só pôde balbuciar:

— Estava a pensar... no... no meu paiz.

— E então?

— Ah! diz ella animando-se, é um bello paiz a França.

N'isto a corrente do ar produz sobre uma hespanhola o mesmo effeito.

— Atschih!...

— Que queres tu, Pepa?

— Estava tambem a pensar na minha terra.

— Isso é mania! É impossivel que essa tua terra seja tão bonita como a costa de Africa.

— Tão bonita não é, mas é quasi.

O sultão ficou pensativo.

— Como se chama o teu paiz?

— Hespanha.

— E o teu...

— França!

— Que nomes tão arrevesados! Mas em fim está dito. Vou fazer uma viagem por elles a vêr se vocês me fallam a verdade! Ah! se assim não fôr...

A abelha mestra das odaliscas correu a fechar a janella e o sultão foi fazer as malas.

D'ahi a dois mezes aportava á occidental praia luzitana, aonde o esperavam algumas festas e a condecoração de Christo.

E comtudo nas cadeias d'esse paiz havia muitos individuos prêsos por pequenos delictos. Um, que roubára um lenço, estava condemnado a um mez de prisão; outro, que batera na mulher, ia degradado por dois annos; outro, que trazia comsigo uma navalha, estava entregue

aos ferros de el-rei por um anno, como mandava a justiça. E comtudo o rei africano, sobre cuja cabeça pendiam accusações incomparavelmente maiores, foi recebido com carinho, com condecorações e com phrases affectuosas.

E ninguem se lembrou de fazel-o receber pela policia e tornal-o a mandar outra vez — para a costa de Africa.

O sultão pareceu frio com a recepção que lhe fizeram e partiu para Londres. Ahi a aristocracia britannica mecheu-se, e elle passou a ser o assumpto da semana. Deram-lhe bailes, jantares, recepções e festas, exactamente aquillo que algumas vezes, poucas, teem dado aos grandes homens.

Em Paris, pela importancia que este individuo teve na Inglaterra, tambem lhe fizeram alguns festejos. S. M. o sultão, impressionado por este bom acolhimento, e desejando agradecer, d'um modo inequivoco, as attenções de que a aristocracia franceza o tinha tornado alvo, — sem calemburgo — não encontrou um meio mais significativo do que offerecer um collar de dez mil francos a uma corista do theatro da *Gaieté*.

Bravo! sultão, bravo! A tua frieza encontrou finalmente alguma coisa que a incendiasse. Foi uma mulher bonita — e duvidosa. Tudo o mais passou-te desappercebido. Pois bem, sê feliz!

Atraz de ti, como atraz dos regimentos que se deslocam, quem sabe se irá uma multidão de deusas? Mas, desde esse momento, crê, a Europa dever-te-ha um grande beneficio: tel-a-has livrado do que tem de peior.

Só te pedimos um obsequio: parte para a Senegambia com as tuas conquistas—e quanto antes!

XIX

De todas as festas que a antiguidade nos legou, a mais incompativel com os costumes modernos e a mais opposta ao espirito do nosso tempo, é sem duvida alguma o carnaval. Elle é o ecco amortecido das grandes festas vergonhosas da antiguidade, e — na opinião de um sabio a que me soccorro, — o filho natural das *bacchanaes,* das *lupercaes,* das *saturnaes,* da *festa dos loucos,* e da do *burro,* festas que faziam parte da vida de um povo dissoluto, como a gangrena faz parte de um corpo combalido e cheio de podridão...

No momento em que se fundavam novas crenças sobre os destroços de uma religião des-

moronada ruidosamente, o espirito christão transigiu com o passado, conservando-lhe os vicios adquiridos e contentando-se com dar-lhe um novo nome e uma nova direcção. Assim as festas pagãs, sem mudarem no fundo, foram recolhidas pelos novos crentes, que, sem terem o cuidado de lhes dar um banho, as vestiram com um fato novo e as estabeleceram como introito ás penitencias da quaresma, conservando-lhes todas as impuresas e todos os maus costumes que durante seculos se tinham accumulado sobre ellas. E como os neophitos estavam mais do que nunca prohibidos de terem relações com o terceiro inimigo da alma, a egreja baptisou a saturnal antiga com o nome de carnaval, que, dizem, significa nada mais nem menos do que este grito de angustia, saido das entranhas: *Caro vale!* — adeus ó carne!!

Abramos um parenthesis, para dizer que esta erudição e este latim não nos pertencem, e que prescindimos da gloria com que a primeira cobriria de louros a nossa fronte, a trôco da desgraça de termos passado dez annos da nossa existencia, sem voz activa nem passiva, entregue á tyrannia dos verbos irregulares d'essa terrivel lingua morta, que nos amargura os dias da infancia, e nos corta o viver descuidoso dos quinze annos com tão frequentes palmatoadas.

A respeito d'ella temos a mesma opinião e o mesmo horror que Henri Heine lhe manifesta no Reseibilder, quando exclama: Se os romanos tivessem de aprender o latim, como nós, não teriam tido tempo de conquistar o mundo!

O que é certo é que, apesar do latim ser um supplicio que falta ao inferno do Dante, um escriptor não tem outro remedio senão fazer como a formiga: guardar um peculiosinho para os tempos e situações difficeis. É este o nosso caso, e, se não fosse a nossa previdencia, teriamos agora de andar como a cigarra, implorando o emprestimo de uma citação e d'estar sujeito a perguntarem-nos: — Então em que passaste o tempo? — E, quando invocassemos as recordações da escola respondendo compungido: — Passamos o nosso tempo a estudar francez, geometria... — responder-nos-hiam essas formigas avarentas: — Ah! não estudaste o latim? Pois estuda-o agora!

Horror!...

Mas, passando da philologia para a realidade, o carnaval é das festas modernas aquella que menos se quadra com a direcção positivista que a sociedade vae tendo, porque debaixo da mascara deixa de existir a responsabilidade do homem, para existir a covardia do anonymo. Assim, essa festa não é mais do que o parenthesis

da desvergonha e da licença, em cada periodo annual da vida dos povos.

Um bello dia somos despertado, no gabinete ou na officina, pelos guizos de um jogral que passa na rua ás cabriolas, agitando os braços, pulando, contorcendo-se como um doido furioso, ou vociferando como um ebrio. É o signal da loucura. O homem abandona o trabalho, a casa, a familia, veste um fato grotesco, põe a mascara na cara e sáe para a rua transformado n'um histrião. Levanta-se das praças um borborinho ensurdecedor, e, como de um mar bonançoso sulcado repentinamente pela tempestade, o choque retumbante das multidões eccôa tumultuariamente. Convulsionam-se os ares, agitam-se febrilmente as pacificas regiões e passa sobre os espiritos um sôpro devastador. Treguas á dignidade humana! Treguas á vida cançada e honesta de todos os dias! Depois, o farfalhar das mascaras burlescas, o tilinitar das campainhas, o ecco das trombetas de lata, a confusão dos gritos em falsête, o cahos da musica, a troca dos motejos, os combates a pó e a murro, e os desvairamentos da turba, substituem durante tres dias, nas ruas e nas praças, o curso regular das coisas.

A auctoridade redobra de precauções. O povo está demente, e as patrulhas crusam-se a peque-

nas distancias, com os sabres desembainhados, para conter pela força bruta, dentro de certos limites, essa outra força, mais bruta ainda, que acordou em cada individuo, como os cegos instinctos de um animal feroz fugido da jaula. As casas de emprestimos sobre penhores publicam pomposos annuncios dizendo que estão abertas todo o dia e toda a noite. As prisões tambem estão abertas e enchem-se, emquanto que os lupanares se esvasiam sobre a praça publica. É que a raça humana volta ao estado selvagem e abdica da sua superioridade moral, tornando-se tão lastimosa como um individuo, que voluntariamente prescinde da sua honra, por um momento sequer!

Passam as figuras grotestas, buliçosas ou irrequietas, como uma estranha procissão, ao longo das ruas, expondo os esgares mais allucinados, a agitação mais turbulenta, e os trajes mais degradantes. Aqui, é um bôbo com as deformidades tradiccionaes do corpo, feitas com palha, mas com os mesmos aleijões do espirito quasi ao natural. Ali, é um palhaço, com a cabelleira ponteaguda, cheio de pó, a bocca escancarada e os gestos descompostos. Além, é um individuo, talvez um velho, vestido de rameira de praça, ou um arlequim, com o collar de guizos ao pescoço. Mais além, é uma mulher ves-

tida de toireiro, com a meia e o calção a contornar-lhe os encantos de Venus hottentote, e a botina verde com borlas, a restabelecer a triste verdade dos factos. E todos esses que passam vão rindo, chasqueando, dando encontrões e dizendo ás vezes obscenidades.

Nos dias de entrudo as tabernas enchem-se, e cada qual, desconfiado da sua alegria, trata de a fazer acordar pelos meios que tem ao seu alcance. Nos cafés, quando a noite vem descendo, e os murmurios da praça esmorecem confusamente, espera-se que os salões do baile se abram, bebendo cognac. Depois, quando as luzes se accendem e a multidão invade a sala do baile, desordenada e febril; quando as danças se entrelaçam, e os mascaras embriagados fazem doidas evoluções; quando o suor já corre das frontes, empastando os cabellos, com a nuvem de pó que se levanta; quando a confusão e o alarido teem chegado ao seu auge, — o homem bem póde levantar a fronte augusta no meio d'aquella desordem aviltante preparada por elle, e exclamar, como o indignado Selgas: — Perdeu-se tudo, menos o *can-can!*

São duas horas da madrugada. Entremos na sala do baile, ornada de verdes festões de murta, e de jogos scintillantes de luz. O movimento e a animação chegaram ao estado vertiginoso, e

o turbilhão humano agita-se n'um vae-vem descommunal, formando um confuso estrépito retumbante.

Nos camarotes, as mulheres decotadas, vestidas de sedas alegres, reclinam-se voluptuosamente para traz, com os cabellos cobertos de pó e os braços nús agitando os leques. Em baixo, a multidão apinha-se d'um modo assustador. Não ha o menor espaço vasio. Respira-se uma atmosphera viciada, baça, espessa, cheia das emanações do alcool e das evaporações do suor. As taboas do soalho, batidas violentamente na dança, lançam aos ares toda a poeira fina e asphyxiante que n'ellas se tem accumulado durante um anno, tão isento de agitação como de vassoiras. Ao contacto d'aquelle ar viciado, os olhos tornam-se vermelhos e o peito anceia com oppressão. Mas, passado o primeiro momento, o rumor, a musica, a dança, a luz violenta do gaz e a atmosphera impregnada de vapores transmittem uma especie de enthusiasmo artificial, que subjuga, que impelle, que fascina. Por isso os individuos que entram vão ficando e confundem-se na turba, porque, alem das razões apparentes que os forçam a isso, ha outras mais intimas a decidil-os. É que nenhum d'elles deixa de ter uma esperança vaga de que lhe appareça e lhe venha

fallar um dominó do sexo fragil, mais ou menos elegante, que lhe dirá: — Eu conheço-te! — e ao qual o interpellado não perderá occasião de offerecer, com o seu amor, uma ceia em gabinete reservado. Pobre illusão!

Passam as pastorinhas dos Alpes, as vivandeiras compassivas, os archanjos da baixa, as sylphides hespanholas, os modestos dominós que parecem dizer: — quem cala consente —; as camponesas frondosas e as *noites* constelladas de papel dourado. Reclinadas nos braços dos seus adoradores, essas visões duvidosas revoluteam no vórtice da walsa pulada, com os cabellos em desordem, as mascaras humedecidas, a respiração offegante, cheias do abandono costumado e seguindo a custo os accordes da musica. De vez em quando, uma tosse sêcca e dilacerante distende-lhes os musculos do pescoço e obriga-as a parar na vertigem, com a bocca aberta. Levam a mão ao seio, conchegam a roupa, escarram no chão, e seguem mais doidamente do que antes. Os lugubres *Pierrots*, que lhes servem de pár, arrastam-n'as em pêso, redemoínham esbaforidamente com ellas atravez da sala e denotam o vigor enthusiastico dos seus musculos na intenção inabalavel de as não abandonar no meio do caminho, levando, só pelo fim da noite, — a sua cruz ao calvario.

Alguns individuos, mais ou menos estranhos, que vão passando com os chapeus deitados para a nuca, e as physionomias magras e angulosas, vestidos com casacos extremamente curtos e calças estreitas, que lhes dão ás pernas a conformação de palitos, constituem a classe dos marialvas. Usam esporas, chapeus de aba direita, e um palavreado especial. Teem gestos extravagantes e unhas crescidas. Tocam guitarra e batem o fado. N'isso, e em alguns combates com a policia se cifram os seus merecimentos. São os mais alegres convivas d'estas festas, e, quando encontram um dominó que lhes faz vibrar as cordas do amor, torcem as pernas, dão-lhe com as costas da mão e exclamam: — *Como paxaste?*

Um d'elles, bastante ignorante para ter tido um lugar de honra entre os seus, e bastante estroina para ter dado cabo de tudo o que tinha, vae no couce do grupo, como que abandonado. Está velho e repugnante. Passa encostado a um bordão da ilha da Madeira. Conserva do seu passado glorioso alguns apontamentos nas partes da policia, e um par de esporas virginaes. Faz pena!

Quando passava, expondo assim francamente o mau estado da sua moral no aspecto crapuloso, e o das suas finanças na calça de bocca

de sino, roída e esfarpada ao pé do tacão, alguem disse:

— Que horrorosa phthysica de algibeira que tem o D. José!

Do lado acrescentaram:

— Coitado! para ser um perfeito exemplar da phthysica *gallopante,* só lhe falta ter quatro pernas!

Algumas outras figuras isoladas, polichinellos por fóra, caixeiros por dentro, atravessam bruscamente os grupos, deitando os bofes pela bocca, em procura de um refugio ou de uma cadeira. Deusas suspeitas percorrem philosophicamente o salão, procurando, como Diogenes, um homem. Reis e imperadores, com as competentes coroas na cabeça, passeiam as suas insignias de pano crú dando-nos o espectaculo de uma legião de reis Midas, enxotados dos thronos. Quando elles passam, arrancam-lhes os arminhos, bolem-lhes nas coroas, pucham-lhes os mantos roçagantes, e dizem-lhes insolencias. Os miseros não replicam, nem se indignam, nem reagem. Teem medo e tentam fugir. A toilette, segundo a theoria do meio que envolve o individuo, parece que lhes dá cabo do caracter. Chegam a inspirar compaixão. Mas quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle...

Um d'elles, ao passar por um grupo de ra-

pazes, que estava postado quasi á entrada, foi apanhado. Deram-lhe algumas carambolas e metteram-n'o no meio de um circulo bastante vicioso, e não menos bicudo. Restabelecida a ordem, disse-lhe um:

— Vossa Magestade tem-se divertido muito?

— Não, senhor!... replicou o mascara subitamente, olhando em redor.

— Isso é modestia. Diga-nos o que tem feito.

— Oh senhores! eu não tenho feito mal a ninguem...

— Não se trata d'isso. É que Vossa Magestade, desde o momento que adoptou essa toillette e que pôz uma mascara na cara, tem a obrigação de dizer alguma coisa. Falle, exponha-se; tenha espirito. Vamos! O que lhe custa?

E como elle ficasse silencioso, voltaram-se uns para os outros, dizendo:

— É *gajo* ou não é *gajo?*

— É *gajo.*

— De duas uma: ou falla ou tira a mascara.

E como o infeliz se preparasse para executar a segunda parte da sentença, suspenderam-lhe o braço. Um d'elles empurrou-o para fóra do grupo com ignominia, exclamando:

— Olhe, você talvez seja muito bom rapaz, mas, como mascara, tenha a certeza de que não passa de um imbecil. Vá-se embora.

— Que estupidez!

— Parece incrivel!

— Arre!

E o pobre Midas, ainda cheio de terror, correu em direcção da porta com toda a velocidade e todas as pernas que esta especie de sêres costuma desenvolver na fuga.

Nas cadeiras que circundam o salão e pelos corredores florescem os mais doces idyllios, á Paulo e Virginia. Pelo meio da sala os perdigotos amatorios chovem sobre os dominós isolados, com os mesmos intuitos com que a chuva d'oiro cahiu sobre Leda, mas, ás vezes, com mais graves consequencias. Tanto mais roliços são esses dominós, tanto maior é o impeto da chuvada conquistadora com que os imitadores de Jupiter Tonante, poem assedio á virtude.

Atraz de uma Venus cylindrica, que denotava encantos phenomenaes, aonde a quantidade compensava a qualidade, um cordão de Lovelaces seguia, como uma myríade de borboletas iriadas em redor de um girasol. O obelisco parecia inabalavel e pouco decidido a abandonar o incognito. Então os seus adoradores affastavam-se e perguntavam aos amigos se a conheciam, nos seguintes termos:

— Conheces aquella *individua?*

— Sabes-me dizer quem é aquella *typa?*

Mas n'este ponto a divindade deu o braço a um bombeiro municipal, e sairam ambos da sala. Diversas pessoas ficaram convencidas de que ella era simplesmente... outro bombeiro.

Rompeu de novo a musica. Formou-se a custo um pequeno espaço vasio no centro da sala, separado do publico por um cordão que infelizmente não era sanitario, e sobre esse espaço os grupos dançantes precipitaram-se com novo ardor. Tocava-se uma walsa infrene, cheia de precipitações, que os pares seguiam custosamente, abalroando uns nos outros a cada passo, e com mais frequencia do que as sete bolas d'um pequeno bilhar no jogo da *poule*. Alguns perdiam o equilibrio, e cahiam por terra com estrondo, no meio das gargalhadas geraes, lançando a confusão em redor. Erguiam-se, sacudiam as roupas e seguiam. As mulheres levantavam os vestidos e requebravam-se impudicamente nos braços dos seus admiradores delirantes. O rumor dos passos, o frenesi da orchestra, a confusão dos gritos, o desencadeamento das paixões, a febre do prazer e os desvairamentos do animal, juntavam-se alli para patentear ao observador que Xavier de Maistre não calumniára o homem, quando affirmára que havia n'elle uma besta. E, na realidade,

n'aquelle momento, a descoberta philosophica de Xavier de Maistre, parecia correr desvairadamente... com o freio nos dentes.

Pelos corredores, quantas fascinações e quantas impaciencias! Aqui, é uma pomposa nympha Egéria, perseguida sem descanço por dois adoradores vulcanicos, que se não poupam a trabalhos e que fazem lembrar as terriveis palavras do medico francez, em uma situação identica: « Parece-me que os vejo ambos comprimentarem-se á porta do hospital, e convidarem-se mutuamente para entrar primeiro. » Alem, é uma Calypso que não se podendo consolar da partida do commendador Ulysses, apropinqua-se comtudo ao amor do primeiro joven Telemaco que lhe apparece, sem se lembrar de que os filhos não devem ser responsaveis pelos crimes dos paes.

De braço dado n'uma intimidade feliz, os pares vão abandonando a sala, fugitivamente. A orchestra anceia o galope final, que é para a saturnal que se extingue como que o ultimo bruxulear convulso de uma lampada. Brilha, com supremo esforço um enthusiasmo derradeiro, e os pares atravessam a sala correndo. Depois as luzes esmorecem e o ruidoso foco do delirio despovoa-se tristemente. Os pobres musicos mettem os instrumentos em saccas de chita, e

os porteiros vão apagando as luzes. Vem rompendo a manhã. O frio é penetrante, as ruas estão desertas, e a cidade adormecida já não repercute o confuso ecco da multidão allucinada. As ruas acordam lentamente do seu somno matinal ao trémulo choque das carroças municipaes, que vão recolher o lixo. Transpoem as barreiras as pesadas vaccas turinas, malhadas de preto, que abastecem de leite a cidade. Grupos de saloios conduzem pela arreata cavallos carregados de frescas hortaliças, em direcção aos mercados. Á porta dos açougues pendem as grandes lombadas de carne, sangrando ainda, e, n'um ou n'outro ponto da cidade, os vendedores de jornaes cortam a fresca atmosphera com os seus gritos agudos. O ar vae-se tornando de uma transparencia rosada, emquanto que as nevoas se esbatem vaporosamente, impellidas pelo agudo vento matinal, penetrante como um dardo.

Em fim o sol nascente, banhando os ultimos andares das casas, não permitte que se duvide um momento de que a aurora acaba de raiar.

De repente um mascara grotesco, vestido de vermelho, atravessa a rua a correr. O vento enfuna-lhe a roupa, morde-lhe a carne, e obriga-o a tiritar de frio. A gente que passa chasqueia-o, aponta-o ao dedo, e os aldeãos riem

com grandes gargalhadas ingenuas, parando a olhar curiosamente para a phantastica apparição, que não tem talvez um abrigo onde se acoite. E por entre o roseo esplendor vivificante do acordar da natureza, cheio de harmonia e de tranquillidade, aquelle pallido representante da crápula, apanhado em flagrante delicto, surprehende, impressiona e causa espanto como as singulares allucinações dos somnambulos, e as estranhas excentricidades dos doidos.

Felizmente, as largas vassoiras municipaes não tardam a varrer das praças os immundos vestigios do carnaval que passou, e durante um anno a humanidade não terá de envergonhar-se com a repetição de um dos mais degradantes espectaculos que ainda conserva — o da festa dos alcouces. Prouvera aos ceus e á policia que os seus dias fossem contados!

XX

Alguem já o disse: os amores faceis são como os quadrantes que marcam as horas por meio da sombra que o sol lhes projecta. Nada marcam, desde que o astro se ausenta.

Elle, como todos sabem, desapparece sempre ao fim de algumas horas, com uma regularidade implacavel, abandonando essa geração infeliz das Magdalenas em segunda mão, que afivelam a mascara risonha do prazer, para se tornarem agradaveis e para esconderem os intimos soffrimentos. A sua vida não é um crime, é um martyrio, e sob o aspecto contente e animado que ellas apresentam, ha, ás vezes, alguma coisa profundamente triste que as almas vulgares não

sabem vê. A alegria d'essas filhas de Eva nunca animou, pelo contagio, os corações generosos e bons, porque elles nunca contemplaram, a sangue frio, uma grande desgraça.

O prologo das suas desventuras é sempre o amor, e, contra o que se devia esperar, um amor candidamente lyrico. Tinham uma familia que as estremecia, um pae respeitavel, e uma mãe veneranda. Passaram uma infancia mais ou menos feliz, risonha, e sobre tudo saudosa, ainda mesmo que fosse horrivel. Depois, aos dezeseis annos, começam a entrelaçar-se as scenas do drama condescendente, que se não faz esperar muito, e que chega, rapidamente, ao fim do primeiro acto. Umas, tomaram o turbilhão que as arrastava, pela ventura e deixaram-se levar, como a folha do poeta Arnault; outras, tomaram pela felicidade o abysmo coberto de rosas que as attrahia; outras ainda, foram arrebatadas mais cruelmente. Quantas vezes o abandôno, a pobreza, a fome... Mas eu não continúo. A tragedia assusta-me.

Alguem fez já a historia das cortezãs celebres. Que o leitor a procure, se o assumpto lhe interessa. Quem não conhece modernamente a *Dama das Camelias,* a *Mimi-Pinson,* e as creações femininas de Mürger na *Vida de bohemia?* Nem uma palavra, pois, a respeito

d'ellas, que, ainda que se realacionem vagamente com o que vamos escrever, podêmos jurar que são coisas muito differentes. E, se não, veja-se:

Ermelinda era uma rapariga muito interessante. Tinha vinte e dois annos, e um paraiso, em segundo andar, na rua do Principe.

Alli occultava ella aos olhos curiosos a sua felicidade que, apesar de ser recatada, era bastante mundana. Amava e era amada. Não tinha um balcão como Julieta nem consentia que Romeu a deixasse quando ao amanhecer cantava a cotovia, e isto por duas razões: Primeira, porque as unicas cotovias que existiam n'aquellas visinhanças eram os gallos, e esses não tinham prestigio na poesia lyrica; segunda: por que seria uma crueldade injustificavel e desnecessaria expôr o amante aos frios matutinos. Se o tentasse fazer, talvez encontrasse alguma resistencia da parte d'elle. O somno da manhã é tão doce e o romantismo vae tão decadente! Por isso Romeu e Ermelinda dormiam até ao meio dia, sem se importarem com as tradições do romantismo. Em compensação, tambem adormeciam muito tarde. Amavam-se; eis tudo.

Os idyllios de hoje são muito pouco edificantes. Ha sempre umas coisas a toldar-lhes os brilhos e uns acontecimentos vulgares e pro-

saicos, que veem destruir de todo a poesia bucolica em que florescem.

Uma bella manhã batem á porta da ditosa habitação. Quem será? Quem não será? Çorrem a ver. Era um porteiro do ministerio da marinha com um officio. Horrivel! Um officio logo de manhã cedo e em pleno idyllio é de arripiar os cabellos. Mas o ministerio da marinha não recebe instrucções de Bernardin de Saint-Pierre, nem se preoccupa muito com Paulo e Virginia. Tem a rudeza do mar.

Rasga-se o enveloppe com anciedade, e lê-se a prosa manuscripta. Era uma ordem de partida. D'ahi a uns dias seguia para Africa uma corveta de guerra e Romeu tinha de occupar n'ella o importante lugar de medico. Havia-me esquecido dizer que o meu heroe era cirurgião da armada.

Lagrimas abundantes veem banhar artisticamente o rosto de Ermelinda, tristeza verdadeira desce á fronte de Romeu da Fonseca; phrases entrecortadas, soluços, quasi um quadro de desespêro. Tinham de separar-se dois entes que se amavam tanto! Estavam inconsolaveis; elle sobre tudo que, além das razões que obrigariam qualquer individuo a não estar alegre, se lembrava vagamente do clima de Loanda. Mas que fazer? Não se é impunemente cirurgião de marinha.

— Em fim..., aventurou elle, escrever-te-hei sempre que podér. Paciencia!

E trataram de se resignar e de esquecer a desventura do melhor modo possivel. Passo em claro, por serem longas, as confortações, que mutuamente se dirigiram. Os dois pareciam inconsolaveis.

Passadas algumas horas, o Doutor saiu, foi ao ministerio e veio arranjar-se para a partida. Tinha de estar ausente dois mezes. Podia ser mais demorada a viagem. Por exemplo, se o mandassem para a China! O tempo tambem passará depressa. São sessenta dias, se os mezes forem de trinta. Que é isso? Durante esse tempo nada faltaria a Ermelinda, e uma esperança, que dista de nós apenas a sexta parte d'um anno, não é uma esperança longinqua, nem serve para justificar um suicidio. O caso, mais hoje, mais amanhã, tinha de acontecer. O golpe não era inesperado.

Os quatro dias que medeavam até á partida passaram mais depressa do que se podia desejar, e o momento terrivel chegou. Então abraçaram-se com ternura, animaram-se mutuamente, fizeram-se juras de fidelidade eterna, e não recitaram este verso de Soares de Passos que parecia escripto para aquelle momento, — *Ai*

adeus, acabaram-se os dias...—porque estavam muito preoccupados com outras coisas.

Mais umas lagrimas de Ermelinda (As mulheres choram sempre). Mais umas palavras affectuosas de Fonseca. O gallego que lhe conduzia a mala vociferava ao fundo da escada, ao mesmo tempo que elles:

— Adeus! Adeus!

D'ahi a pouco, a corveta com as vellas pandas seguia pelo Tejo abaixo vagarosamente.

A bandeira da pôpa parecia dizer o extremo adeus, sacudida pelo vento. Na barra havia algum nevoeiro, e por isso o navio em breve desapparecia da vista. Foi uma felicidade, porque d'outro modo teriamos esta descripção muito prolongada!

Ermelinda passou todo aquelle dia a pensar em Romeu. Collocou-se n'uma posição academica, poisou o braço direito sobre uma pequena meza, encostou a face na mão, pregou os olhos no pavimento, deu suspiros de cinco em cinco minutos, levou o lenço branco aos olhos algumas vezes. Estava encantadora. Não quiz jantar, não saiu d'alli durante o dia todo. Eis ahi uma amante como ha poucas. A criada vinha de vez em quando á sala, rodeava a meza, e aventurava alguma palavra consoladora, que não obtinha resposta.

— Mas... minha senhora!...

— Deixe-me!

E a expressão dolorosa, que ficava a matar á joven Lilia abandonada, tornava-a ainda mais arrebatadora. O rosto estava pallido, o que não admira, depois de uma despedida tão prolongada; o cabello um pouco em desordem — exactamente a precisa para a tornar mais interessante; os olhos tinham uma expressão de tristeza toda poetica. Os labios levemente descerrados balbuciavam palavras saudosas de amor.

— Dois mezes! Ah! Faltam-me as forças! Esperar tanto tempo!.... Antes a morte!

A noite vinha descendo. Que se ha de fazer quando a saudade nos punge? O que é que nos ha de consolar?...

Ermelinda, para fugir áquella tristeza, vestiu-se e foi para o theatro. Fez muito bem. Foi deleitar-se e instruir-se ao mesmo tempo.

Representava-se uma comedia alegre. Aos primeiros ditos, quando toda a plateia ria, Ermelinda estava pensativa. O seu ar melancolico attrahia as attenções e as lunetas dirigiam-se para o seu lado.

— Quem será? perguntavam.

— Não sei. Acho-a encantadora.

— Talvez tivesse algum desgosto. Está tão triste!

— N'esse caso não devia vir ao theatro.

— Ora! és d'um primitivo! Por isso mesmo é que devia vir. Imagina que lhe morreu o marido...

— Pois bem! Mas estaria alegre...

— O que é certo é que está causando sensação. Se houvesse um lugar, ia sentar-me ao pé d'ella. O mysterio attráe-me. Infelizmente, está a casa cheia.

Ao lado direito de Ermelinda via-se sentado um gordo burguez. O pobre homem estava fazendo a critica da peça: dormia profundamente.

Ao segundo acto não voltou, e, subito, um dos individuos, que mais preoccupado parecia com a tristeza de Ermelinda, sentou-se ao pé d'ella, e começou a dar tractos á imaginação para encontrar uma phrase que lhe podesse dizer.

— Tem muita graça esta peça! — aventurou o conquistador.

Ermelinda fez como se não o ouvisse.

— Faz ouvidos de mercador, — disse o janota, em voz baixa.

D'ahi a pouco continuou:

— O actor Silva desempenha bem este papel.

Ermelinda abanou levemente a cabeça, d'um modo quasi imperceptivel. Elle continuou:

— V. Ex.ª gosta d'este drama?

— Assim, assim, — disse ella n'uma voz suspirosa.

O panno desceu n'este momento.

— Está tão triste!...

Ermelinda voltou-se e analysou o visinho, quero dizer, fingiu examinal-o, porque essa operação já estava executada ha muito. O janota voltou-se d'um modo galanteador, recebeu o olhar a peito descoberto e ornando os labios com um sorriso affectuoso, exclamou a meia voz:

— Os olhos de V. Ex.ª abrem horisontes novos á poesia!

Ermelinda levantou-se e saiu. É escusado dizer que foi seguida pelo seu visinho ex-abrupto. Quando ella se certificou d'isto, caminhou resolutamente para casa.

— Rua do Principe, 438, disse o janota, tomando apontamento, e voltou para o theatro.

— Já sei onde mora.

— Sim?

— É lindissima.

— Fallas-te-lhe?

— Disse-lhe umas coisas...

— Sempre és muito feliz! Aonde habita a deusa?

— Mora em Alcantara.

— Está feito! É um pouco difficil para amores faceis.

*

— Faceis? Pelo contrario, parecem-me trabalhosos.

— Alcantara! É quasi na provincia.

— O amor é como o caminho de ferro: faz desapparecer as distancias.

— E a elevação?

— Hum!...

— Não fica no Bairro alto?

— Fica, mas...

— Então?

— Isso é o menos.

— Bem diz o dictado: Quem quer bolota trepa!

E o interlocuctor accentuou esta ultima parte com uma ironia insidiosa.

— Tu, parece que estás abusando da confiança que te tenho dado! Guarda esses ditos para quando fallares de ti. Querem ver que estás com ferro?

— Pois é claro. Dizem que o mel não é para certas boccas, e eu vejo o contrario. Quanto aos ditos, prefiro usal-os quando tratar com os amigos.

— Pois tem cautela, que os amigos podem restituir-t'os um pouco modificados...

— Como e quando quizeres.

N'isto levantou-se o panno, e conjurou-se a tempestade.

— Ora o pedaço d'asno! dizia um dos offendidos, resmungando.

— Ora o asno! dizia o outro no mesmo tom.

Os amigos intimos de *high-life* são assim.

Ao outro dia, o heroe da noite antecedente passou pela rua do Principe, armado das seducções mais irresistiveis que tinha ao seu dispor. O bigode em *croc,* um botão na lapella do frak, a mão direita afagando as guias... do labio superior, a esquerda com o dedo polegar no bolso do collete, o andar vagaroso, o aspecto meditabundo, e os olhos cravados nas duas janellas do terceiro andar a que pozera cêrco. Bombardeava-o com as olhadellas mais doces; lançava-lhe alguns foguetes á congrève em suspiros; compunha a gravata e requebrava-se, enchendo de alegria uma solteirona que attribuia á sua presença, d'ella, toda esta tactica amorosa. O janota passou e tornou a passar, sem que a mais leve sombra do que elle procurava se deixasse vêr. Desesperado, por ter dado em vão aquella caminhada, ia talvez dizer coisas terriveis contra o jardim d'Alcantara, quando a uma janella assomou a imagem desejada. Como o raio luminoso que faz florir um girasol, assim o olhar de Ermelinda caiu em cheio no vulto do seu adorador, fazendo-o desabrochar n'um sorriso tão exotico, como o

que o girasol deve mandar ao astro do dia, em signal de agradecimento. Trocaram-se olhares mais doces do que uma confeitaria em pêso. Ella fingiu receber uma surpresa agradavel, e olhando para varias coisas, foi seguindo com a vista o attencioso frequentador do café *Marrare*. Elle tudo era apagar o charuto, parar para o acender, sorrir, voltar-se, etc., até que, oh desgraça! n'um cotovello da rua perdeu de vista o namôro. D'ahi por diante, os moradores do sitio deixaram de dar corda aos relogios porque, em passando o janota de manhã, tinham a certeza que era meio dia, e de tarde seis horas.

D'ahi a dias a creada de Ermelinda, já instruida do que se passava, como plenipotenciaria da ama, tinha uma conferencia com elle na praça da Figueira, e fazia em termos caseiros a apologia da senhora. O janota, grato a este favor, deu-lhe uma cartinha e uma moeda de cinco tostões. Cumprimentou-a quasi servilmente, e partiu.

Depois, quando no alto mar, ao ímpeto dos ventos e aos bramidos das vagas, a corveta em que ia Romeu se elevava em contorsões ou se obstinava em visitar os antros do oceano, Ermelinda curava as fundas angustias da ausencia d'um modo bastante iníquo. Não quero dizer que tivesse esquecido completamente o

discipulo de Hypocrates. Seria mau como uma ingratidão, mas, pelo lado da moral, não seria talvez muito reprehensivel e, se fosse, o habitante do *Marrare* tinha-lhe demonstrado á evidencia que a moral, além de ser uma utopia, uma tolice, era um substantivo ridiculo que se tinha inventado para uso exclusivo dos parvos.

Eu jámais desvendarei ao publico a vida privada de quem quer que seja. É muito mal feito vir para a imprensa contar o que faz a mulher d'este ou a d'aquelle. Por isso só direi que Ermelinda parecia ter poucas saudades do querido Romeu.

Passou-se uma semana; passou-se um mez. Um dia, a visinhança desejando saber que horas eram, estava á espreita d'aquelle que desempenhava para ella o papel de relogio. Ás horas vespertinas do costume a visinhança ficou, porém, sem nada saber. Isto talvez causasse transtornos, mas a culpa com certeza não era nossa.

Rarearam-se as visitas do ditoso successor de Romeu na rasão directa da approximação do seu regresso, até que um dia deixou de apparecer de todo. Ermelinda ainda o mandou procurar, mas não foi possivel dar com elle. Ficou pela segunda vez inconsolavel. Ao fim de 15 dias, quando o terno viajor devia chegar, em

vez de vir em pessoa, mandou uma carta dizendo que ainda se demorava mais dois mezes, que a amava muito, etc. Demonstrava esta segunda parte da sua carta mandando-lhe uma letra de uma certa importancia. Havia todas as razões para suppor que Romeu, cheio de saudades, lhe enviára todo o seu ordenado e todas as suas gratificações.

O amante fugitivo, se tivesse sabido d'esta circunstancia, teria voltado. Mas a Providencia castigou-o não o pondo ao facto dos acontecimentos.

Para as grandes desgraças os grandes remedios! O acaso proporcionára a Ermelinda meios que lhe deram linitivo durante a primeira ausencia. Agora, que um novo successor tinha tambem desapparecido, porque é que elle não vinha em seu auxilio? O acaso é inexplicavel. Pensando n'isto, Ermelinda virava d'um para outro lado a letra de cambio dizendo:

— Parece incrivel que um papel, tôrpe e sujo como este, contenha uma coisa tão preciosa!

Mandou vir um carro, foi ao *English Bank* e, recebida a importancia, começou a scismar em meios de distracção. O theatro não se podia tolerar. A arte dramatica, realmente, estava em grande decadencia. O passeio publico, um martyrio; passear pelas ruas, uma coisa in-

supportavel e de mau gosto. Lembraram-lhe vagamente as delicias do sport, os carros brazonados das duquezas, os finos corseis arabes, as equipagens de luxo, os bailes sumptuosos nas embaixadas, os amores aristocraticos dos salões, os vestidos de seda de Lyon, as rendas de Bruxellas, os diamantes de cem mil francos, as luvas de muitos botões e outras coisas carissimas. Lembrou-lhe um romance francez que lêra, cuja heroina, amante d'um principe russo, passeava nos *boulevards,* ao fim da tarde, os seus desdens, entre os arminhos preciosos, n'um rico Daumont puxado a quatro cavallos, em quanto não chegava o momento de apparecer no seu camarote da Opera, ao fim do primeiro acto. Lembraram-lhe as aventuras d'essa cortezã, que existia apenas na imaginação do grande romancista, e lamentou profundamente não poder fazer tambem uma scena igualmente deslumbrante. Não poderia de certo ao fim d'uma ceia, acender o seu charuto n'uma nota de cem mil reis; mas sacrificava esse pequeno prazer ao gôso de outros. Ao menos, poderia ter um carro puchado por um *Alter* e guial-o ao longo do Atêrro quando lhe parecesse; e, nas aventuras imprevistas que lhe haviam de succeder não queria pensar; havia de incommodal-a a abundancia.

Em breve, a cidade viu passar ao longo das

ruas, á uma hora da tarde, uma mulher bastante desenvôlta, guiando um carro de duvidosa apparencia. Viu-a descer no Baltreski, viu-a apparecer em S. Carlos; viu-a atravessar o Chiado ás 5 horas; ceiar no Matta ás 2 da manhã e fazer outras loucuras d'estas.

Houve um momento de anciedade.

— Quem é? Quem não é? Como se chama? Aonde mora?

Alguns, mais difficeis de contentar, sentiam o desejo de fazer a seguinte pergunta, toda philosophica:

— *Quid inde?*

Se toda a sciencia do homem tem sido impotente para responder a este latim, de certo o leitor não vae exigir que uma mulher, pelo facto de andar de carro, possa dizer alguma coisa satisfactoria a este respeito. Parece-nos, comtudo, que Ermelinda algumas vezes, além de declarar alguma coisa n'esse sentido, levou mais longe a sua condescendencia. Não affirmo, mas tambem não nego.

O dia em que Romeu devia regressar approximava-se, mas quando Ermelinda tinha disposto tudo para o receber maravilhosamente, e quando se preparava para representar a scena de Clytemnestra, recebendo Agamemnon no seu palacio de Argos,—scena de que ella não tinha

conhecimento por ser pouco versada na litteratura grega, e cujo desfecho de certo não levaria tão longe, — eis que em lugar d'aquelle que esperava veio uma outra carta. Não póde haver uma decepção egual! Abriu o enveloppe, mas a carta apenas continha uma folha de papel, escripta pelas quatro faces. Era de mais! Nada de remessa, e um discurso impossivel em tom pastoril. Fêl-a em pedaços, mal viu que o medico da armada addiava ainda por dois mezes o seu regresso, e pareceu ficar preoccupada com a carta.

Que havia de fazer? Quem lhe daria um conselho? Como passar ainda dois mezes? N'esta conjunctura decidiu consultar os seus haveres; mas, ah! a opinião da sua bolsa era já de muito pouco pêso n'estes assumptos!

Triste destino das coisas humanas! Ermelinda mandou chamar um alquilador e vendeu-lhe por um terço do custo o carro e o cavallo. Romeu era um ingrato, tinha-se esquecido de lhe mandar... o ordenado futuro!

Os seus objectos de luxo pareciam destinados a seguir fielmente a sorte do vehiculo, quando se esgotassem as sommas que elle tinha rendido. Esse momento só se fez esperar oito dias. Ermelinda dedicou-lhe um quarto d'hora de meditação. Ao fim d'esse tempo pareceu tomar

uma deliberação subita. Vestiu-se primorosamente e collocando-se á janella sorriu d'um modo tentador e irresistivel ao primeiro transeunte que passou...

Ora, quando uma mulher, da sua janella, sorri a um individuo que não conhece, a nossa penna só pede um frasco de tinta carmezim... para se fazer vermelha até ao cabo. O pudor impede-a de continuar.

XXI

No Club:

Tres parceiros jogando o voltarete. Um d'elles é padre, e segue com uma attenção religiosa, como convém a todo o clerigo, os trumphos que vão saindo, e as espadilhas que barbaramente cortam as damas.

— Isto é que se chama dar sota e az! — exclama um.

— Nada, eu cortei! exclama outro.

— Se o senhor tem jogado o valete...

— Era remissa certa.

— Não era tal. Cortava o rei e fazia-se em copas.

— Isso é que não, porque o parceiro saltava-me com a manilha, e estava tudo perdido.

— Como perdido? Não vê que eu tinha quatro trumphos? Perdemos por sua culpa.

— Mas o snr. tambem não jogou como devia.

— Essa não é má! exclama o parceiro impacientado. Eu joguei perfeitamente; da sua parte é que houve o engano.

— Ó senhores, eu peço que reparem...

E o padre começa a prégar um sermão, tentando provar que o seu jogo tinha sido conforme as regras e que o resultado seria infallivel... se não fosse o diabo do valete, etc.

E questionam durante meia hora.

Ao lado alguns individuos cavaqueiam.

— Sempre está um tempo!

— Chuva e mais chuva.

— Um diluvio...

— Quem me dera a arca de Noé, para ir para casa, ou umas galochas.

O padre dirige um olhar ao grupo.

— Eu já tenho saudades do sol.

— Ha tanto que o não vejo!

— Um dia d'estes, soube, por acaso, varias coisas interessantes a seu respeito.

— Então?

— Vim a saber que o tal astro não passava de uma simples nebulosa da via-lactea.

— O que? exclama o padre voltando-se. É boa asneira!

— Reverendo, não creia muito na biblia em materia de astronomia.

— Mas, como póde isso ser?

— Arago explica-o perfeitamente.

O padre fica mudo. Parece raciocinar com profundidade. Depois, como que obedecendo a um pensamento philosophico, estende o braço para o seu interlocutor, avança um terrivel dedo polegar, meneia-o d'um modo ponderativo e exclama:

— Mas, se o sol é uma *nebulosa* da via-lactea, como o senhor diz, porque é que a gente o não vê de noite?

O clero ás vezes tem perguntas!

Na sala dos jornaes as conversações giram sobre outros assumptos e a proposito d'uma noticia sobre o *gorilha,* um rapaz de physionomia intelligente e viva conta a alguns outros a historia d'um macaco que comprára... para estudo. Dizia:

— O pobre diabo que fôra propriedade de um tocador de realejo, aborrece-se profundamente na ociosidade. Tinha tido uma educação tão esmerada, quanto gymnastica, e custa-lhe a passar horas e horas, prêso a uma cor-

rente, na varanda. Succumbe nos braços do *dolce far niente,* fazendo os maiores esforços por fugir á gargalheira e a esse estado que a moral condemna d'um modo tão brilhante. Parece querer demonstrar que a liberdade é boa... até para os macacos. Na impossibilidade de pôr em pratica as suas ideias, entrega-se a estudos de observação como qualquer mortal: faz dissecções nos cadaveres das moscas que apanha; examina com o maior cuidado os objectos que o cercam; analysa com a maxima attenção os pedacinhos de papel que encontra, como se tivesse um grande empenho de saber o modo de fabricação. Além d'isso, para variar, abriu hostilidades com o gato da casa; está de pé atraz com elle, e dá-lhe de vez em quando uma batalha.

— É curioso!... exclamavam os circumstantes.

— Uma vez offereceram-lhe um cigarro. O interessante ser pegou n'elle com uma alegria infantil e passou a fazer-lhe autopsia, como se quizesse ir da analyse para a synthese, como costumam fazer os seus descendentes. Desembrulhou-o pouco a pouco, viu cair o tabaco, cheirou-o, e pareceu ficar pensativo. Depois lançou-nos um olhar, como se dissesse:

— Para que serve esta ninharia?

Como não obtivesse resposta satisfactoria, atirou-o desdenhosamente para o chão, rasgando-lhe a *mortalha* e mostrando-se indignado.

— Parece ter certas opiniões esse macaco!

— Tem. É utilitario, monarchico e analphabeto...

— Como assim?

— É monarchico pelas suas tradicções, pelo seu passado. Fez muitas vezes de rei ao som do realejo, e vestiu purpuras... de velludilho. Alem d'isso, antes da existencia do homem, o *Rei da creação* era elle. Preconceitos! dirão vocês; mas é que elle bebeu essas ideias com o leite. Respeitemos as convicções.

— D'accôrdo.

— Ao mesmo tempo é analphabeto. De manhã, quando vem o correio, desprendo-o. D'um pulo apanha as cartas que o carteiro metteu por baixo da porta, rasga-lhes os enveloppes anciosamente, como se esperasse noticias da familia, abre as folhas de papel e mergulha o olhar nos mysterios calligraphicos. Faz sempre esta operação escrupulosamente. Depois, reconhecendo a sua impotencia a respeito da arte de escrever, vem-me entregar as cartas tristemente.

— E nunca tentou ficar com ellas, como o correio?

— Não! Elle tem a *consciencia* de que não sabe ler.

As mezas do *club* estão cheias de jornaes. Vejamos alguns. Comecemos por este, que tem gravuras.

Elle combate pelo antigo regimen e pelos velhos despotismos; hostilisa todas as affirmações modernas, e segue, áparte o espirito e as qualidades litterarias, as lastimosas tradicções do *Figaro* de Paris. Os seus artigos são funebres, mas em compensação as suas gravuras são hylariantes. Prestar-lhes um momento de attenção, é subir a um eden risonho — com as mãos nas ilhargas.

Alguem o definiu com uma simples phrase:

— Tem por fim tornar o riso obrigatorio.

E assim é. Elle quer ser respeitavel e considerado e apresenta nas suas columnas, em gravuras, com intervallos de 24 horas, as summidades litterarias, os diplomatas distinctos, os artistas notaveis, os monumentos dignos de menção, as paysagens pittorescas e os acontecimentos extraordinarios. Sómente, a escolha é feita d'um modo extravagante. Assim, ha tempos, deu-nos um chafariz para os monumentos; as grades do Passeio Publico para as paysagens; um barão indigena para os diplomatas; o

illustre Gaspar para os artistas; o escriptor Jayme para a litteratura, e um borrão em geral para os sabios.

Tudo isto appareceu commentado em longa prosa, ora com a graça apoplectica do redactor politico, ora com a profundidade critica do Planche que traduz o folhetim, os quaes, critico e redactor, pela sua vez appareceram commentados pelo noticiarista e pelo revisor, os quaes...

O futuro a Deus pertence!

A gravura, depois da existencia d'esta folha, tem apresentado as mais estranhas metamorphoses. As linhas que o buril outr'ora traçava na madeira, sinuosas e ténues, parecem-se extraordinariamente com as varetas de um guarda-chuva. Um retrato, ás vezes, assemelha-se a um campo de batalha juncado de destroços; uma paysagem tem o aspecto horripilante de mil espingardas ensarilhadas. Como isto se consegue — é o que não desejamos saber.

Arriscaremos, comtudo, uma hypothese. Elle pega n'um pedaço de madeira que lhe chega ás mãos, com o seguinte titulo — As pyramides do Egypto, — e publica-o ao outro dia com esta interpretação patriotica — A nau Vasco da Gama. Depois põe-lhe uns oculos e fica o snr. Thiers; acrescenta-lhe um buço e temos o poeta Vidal; põe-lhe barbas á particular e apresenta-nos o

ministro do Interior; põe-lhe um kepi e temos o general Silva. Tira-lhe depois o bonet e as barbas, e o buço e os oculos, e dá-nos D. Maria I, a piedosa. Mais uma coifa e uma camada de tinta, e temos diante de nós a baroneza Dudevant, a distincta escriptora George Sand.

A respeito d'este ultimo retrato, alguem o classificou como um mappa-mundi... visto de noite. A nós pareceu-nos reduzido á figura primitiva: ás pyramides do Egypto... pintadas de preto.

Assim, os phenomenos opticos que, em virtude da imperfeição dos orgãos visuaes, já eram muito enganadores, passam a não merecer a menor fé, pela contradicção contínua das imagens que nos apresentam com as palavras que lhes servem de epigraphe. Em qual havemos de acreditar, na gravura ou na typographia? E as mais tremendas luctas se travam no espirito do observador, quando elle vê por exemplo, em baixo d'um desenho: Cardeal patriarcha—e por cima, na gravura, eloquentemente expresso:— Cabeceiras de Basto.

Uma vez, analysavam alguns individuos uma d'essas gravuras. Variavam as opiniões; um queria que fôsse Londres em dia de nevoeiro, outro que fôsse o Mar Negro, outro este verso de Camões: *E junto d'um penedo outro penedo.* O distico, dizia simplesmente: Bussaco.

— Provavelmente, foi engano.
— Não me parece.
— Então como explicar o titulo?
— Pela moralidade publica.
— Como? É attentatorio?
— É. Ha certos desenhos que obrigam o impressor a dizer, como nos necrologios tristes: *Corramos um veu sobre este quadro!*

Das duas coisas que podiam recommendar este jornal, o estylo e as gravuras, a politica dá-lhe cabo da primeira, e o gravador estraga-lhe as segundas. É um fructo da decadencia e cumpre uma missão predestinada; não tem alegria, não tem vivacidade, não tem arte. Defende a oppressão, as velhas monarchias e os governos despoticos. A sua prosa, repolhuda e obesa quando quer ser elegante, aristocratica, espirituosa, desdobra-se em trópos, e manifesta, aos olhos de todos, a taluda exuberancia de uma couve gallega.

Peguemos em outro jornal. Este é religioso. Publica-se todos os dias e tem um circulo estreito de assignantes, todos legitimistas, e alguns mesmo sebastianistas. É uma folha coherente com os seus principios. Tem horror a todas as palavras que se derivam do substantivo *Liberdade,* e nunca as emprega, sem primeiro as

transformar em adjectivos, enriquecendo a lingua patria com os seguintes termos: o partido *liberasta,* os principios *liberdadeiros,* as ideias *liberandas,* etc. Nós tambem o podiamos enriquecer com alguns adjectivos qualificativos, mas não vale a pena. Defende o *syllabus,* o absolutismo, os carlistas e a inquisição. Quer a censura, a fogueira, e não cessa de pedir tudo isto, com a regularidade de um pendulo, de vinte e quatro em vinte e quatro horas.

As suas columnas mostram-nos que lavra uma discordia commovente nos arraiaes catholicos, porque trazem uma polemica travada com outra folha religiosa, que é tida como orgão da Associação catholica. Acham-se tomadas de razões, como duas Angots, berrando e descompondo-se mutuamente. Ralham as comadres...

A folha de que fallamos tem uma attitude arrogante, insultuosa, de punhos cerrados, typo em desalinho, olhar enraivecido. Parece uma Megéra — de papel pardo. Chega a assustar. Dir-se-ha que entre ella e a sua collega existe um pleito terrivel, como outr'ora entre as deusas pagãs. O pomo parece que é um titular, presidente da Associação catholica, que acceitou uma pasta n'um ministerio conservador.

Oiçamos a folha:

«Um catholico convicto não póde prestar

apoio á monarchia *liberasta,* nem ser ministro de um rei constitucional.»

Conclue-se que ella está convencida de que o titular prestou apoio valioso ao governo representativo. Oh! que falsidade!

Vamos adiante. Sem se importar com isso, e partindo do seu erroneo principio, diz algumas verdades amargas á outra folha em geral e ao pomo em particular. Prepara os seus leitores para um lance dramatico, e vae atirar ao seu adversario os mais terriveis golpes. O coração bate-nos apressado. Que medonhas recriminações cahirão sobre o contendor?

A final soffremos uma desillusão. As accusações cifram-se no seguinte:

«Que o ministro da monarchia constitucional diz disparates!»

Pobre jornal! Isto nem sequer tem o merito da novidade!

Em seguida, querendo destruir o effeito que essa banalidade pode ter causado em todas as pessoas um pouco conhecedoras da politica, acrescenta d'um modo bastante melodramatico esta affirmação mais surprehendente:

«Que o snr. F... não é um catholico convicto mas sim um D. Quichote!»

Santo Deus! Estamos d'accôrdo quanto á primeira parte, mas declaramos que a segunda nos

surprehende em extremo. O snr. F... pelo seu aspecto exterior, pelos seus modos, pelos seus actos, nunca nos pareceu tal. Um D. Quichote? É demasiado; quando muito, um Sancho Pança.

A este golpe pouco certeiro, segue-se uma columna de prosa, em estylo sesquipedal e peripathetico, que é como que o prenuncio de uma grande tempestade. Roncam os adjectivos, os verbos teem um ar sinistro sem voz activa nem passiva, e as interjeições estouram como bombas. Os complementos objectivos jazem no abandôno por pouco energicos, e as orações teem um aspecto anti-grammatical que horrorisa. Depois, como nas operas, os sons tormentosos vão descendo successivamente até ao *tremolo* sentimental. É o momento opportuno. A folha apossa-se de uma doce periphrase, cheia de perfidia, e diz d'um modo assaz mysterioso «que o tal snr. inventou o *supplicio infernal*».

Oh! é de mais! Isto é falsissimo! Basta de má fé e de ataque a todo o transe! Protestamos com todas as nossas forças contra uma tal calúmnia! Juramos por tudo o que ha de mais sagrado que S. Ex.ª nunca inventou coisa alguma!

Veja agora o leitor: quando um jornal ataca d'este modo um seu partidario e o calumnía assim tão flagrantemente, o que não fará elle

em relação aos seus inimigos? *Horresco referens!* Comtudo, é um delirio ouvil-o.

— Como assim? perguntará o leitor. Então que faz elle?

— Uma coisa muito simples: faz rir.

Est'outro é um jornal conservador, semi-catholico-apostolico-romano, prudente, grave e sentencioso. Escreve com cautela, n'um tom insinuante, e é raro adoptar uma attitude decisiva. Nas questões internas, que não implicam com as *redeas do governo,* nem com a religião *de nossos paes,* é um prodigio de equilibrio instavel, ora pendendo para um lado, ora para outro, de modo a ver se contenta Cesar e João Fernandes. Nas outras questões, é menos melifluo e falla sempre na *hydra da anarchia erguendo o collo.* Na apparencia, é um conciliador, mas quem o estudar attentamente verá por baixo das suas doces palavras uma hostilidade armada até aos dentes contra as ideias da geração nova, prodigalisando-lhe os seus conspicuos conselhos, e encarecendo a sua experiencia de tal modo, que a gente se vê na necessidade de crer que essa folha tem passado por tudo!

Não são os conselhos affectuosos com que os bons velhos acautelam a nossa inexperiencia, os exemplos salutares com que previnem os

nossos desvarios, as palavras de bondade paternal com que moderam os nossos enthusiasmos irreflectidos. São umas ténues phrases cheias de fel para tudo o que é democratico; uma desconfiança injusta para tudo o que é novo; umas colerasinhas occultas para tudo o que não fôr a sopa, vacca e arroz dos nossos antepassados. É sempre o seu tom cavalheiroso e tolerante a moderar o golpe, como um individuo que, depois de nos ferir voluntariamente, tem a magnanimidade de nos pôr uma ligadura! E, por qualquer coisa, lá volta o respeito que as gerações novas devem ás cãs da velhice — o que é muito justo, sobretudo quando essa velhice, com as suas cãs, não quer impôr tambem as suas ideias, igualmente seculares e que não teem outra recommendação.

Na verdade, é justo que a mocidade escute respeitosamente a voz dos mais velhos, e preste toda a sua attenção ao bondoso fallar dos anciãos. Mas, por sua vez, é bom que essas figuras venerandas, que desejam ser as nossas agulhas de marear no oceano da vida, reconheçam que o facto de ter cãs não basta para nos convencer de que são os sete sabios da Grecia. Alem das cãs, devem apresentar mais alguma coisa. Ora, é isso justamente o que falta.

Assim, por exemplo, se alguem lhe diz que

a separação do estado e da egreja é uma reforma urgente para a qual devem tender todos os esforços individuaes, elle invoca a sua longa experiencia monarchica, e responde que, se tal acontecesse — adeus, patria, religião e familia! — e que assentemos n'isso, a não querer Alcoy no Poço de Borratem, e o fuzilamento dos refens na rua dos Bacalhoeiros.

Engenhoso, ás vezes, na argumentação, contradictorio na doutrina, porque defende a religião do estado, e ataca os padres carlistas — os unicos homens coherentes com o *syllabus;*—vacillante nos seus pontos de vista, quando o aggridem, dissolve em longa prosa os pontos principaes, embrulha-os com uma pericia de velho rabula, e ameaça o contendor com uma tal serie de artigos, que elle de boa vontade lhe dá a palma da victoria... só pelo preço de os não lêr!

Se lhe fallam em republica, franze o sobr'olho, e combate-a, terminando sempre d'este modo:

— A republica, em theoria, não se póde negar que é uma bella coisa; mas na practica, como o povo não está ainda preparado para ella, os resultados são pessimos.

Traduzida em vulgar, a sua argumentação reduz-se ao seguinte:

— Dois e dois, em theoria, não se póde negar

que são quatro; mas na practica, como o povo não está preparado para a mathematica, acontece que fica sempre persuadido de que dois e dois são cinco! Ora vejam! D'ahi, as mais desastrosas consequencias.

É licito tambem perguntar-lhe quem é que ha de preparar o povo, pois que vivendo elle sob um regimen que a republica ha de destruir, de certo os homens que teem o poder não serão tão primitivos que estejam dando todos os dias lenha para se queimarem. Assim, ficariamos eternamente no mesmo estado se o progresso não fosse, em relação ás testas coroadas, como a agua molle em pedra dura... A experiencia o tem mostrado.

De vez em quando — raramente — o jornal a que alludimos toma uma attitude triumphante, irrespondivel e comprime o seu adversario entre os bicos de um dilemma phantastico, como se o encontrasse na mais flagrante contradicção. O seu systema é condemnar o individuo pelas suas proprias palavras. Um simples caso dará uma ideia perfeita d'esta tactica:

Um escriptor publicou um livro e mandou-lh'o. Elle disse umas palavras de animação. O auctor deixou-lhe um bilhete de agradecimento, como determinam as praxes mais elementares do *Manual de civilidade*. Depois o

mesmo auctor, vendo-se atacado na folha que o elogiára, oh depravação do seculo! tem o impudor de saír a campo defender-se.

— Pela mesma razão, responde-lhe o seraphico jornal, por que acceitou o elogio ha de agora acceitar a censura. Se sômos competentes para uma coisa, sômol-o egualmente para a outra.

Bello! E como não admitte outras distincções passamos a interpretar humildemente as suas palavras:

Um bello dia um individuo escreve, a respeito do meu benevolo leitor, o seguinte:

— O snr. Fulano de Tal é um anjo.

O leitor corre a agradecer-lhe o elogio, embora immerecido, mas elle apenas alcança o seu bilhete de visita, exclama:

— O snr. Fulano não é um anjo, como por acaso dissemos, mas sim um satanaz.

— Perdão! exclama o leitor. Nunca estive no inferno...

— O snr. acceitou o elogio que lhe tecemos, ha de agora acceitar o que quizermos dizer em seu desabôno.

— Mas isso é um sophisma.

— Não importa. Gostou, ou não, do elogio?

— Não desgostei.

— Acceitou-o?

— Acceitei, mas...

— Agradeceu-o ou não?

— Agradeci! Mas são coisas differentes. Posso não recusar um elogio banal, sem por isso me ver na obrigação de acceitar uma critica acintosa.

— Não póde!...

— Explique-se.

— Pela mesma razão por que acceitou o louvor ha de acceitar a censura.

— Mas são coisas muito diversas!

— É o mesmo. Em virtude d'este rico sophisma, que põe do meu lado a parte menos perspicaz do publico, ficam á nossa mercê o seu caracter, a sua intelligencia e tudo! Já lhe disse, o snr. é um satanaz!

E o querido leitor não terá outro remedio senão ir-se preparando emquanto não chega o entrudo, e, logo que elle chegue, dirigir-se a um guarda-roupa e vestir-se a caracter, com uma grande cauda, com um tridente em punho, e deitando fogo pela bocca!...

D'outro modo, na opinião d'elle, perderá toda a auctoridade moral, e ficará na mais flagrante contradicção.

O barbaro algoz, esse sairá triumphante, sem reparar que chamando satanaz á mesma pessoa a quem chamou anjo, é um prodigio

de coherencia digno de passar á posteridade em *claro-escuro,* de ser esculpido n'um certo marmore em *baixo-relevo* e de ser illuminado, depois a *gaz-liquido.*

XXII

Sexta feira foi um dia de inverno, triste, nevoento e frio. Para nós, que não conhecemos a Escossia nem a Irlanda, parece que a natureza se empenha, ás vezes, em tomar os aspectos d'essas regiões nebulosas. Somos-lhe grato pela intenção que manifesta, mas prescindiamos de taes obsequios. Conhecemos algumas paysagens d'esse genero — casas de colmo cobertas de neve, arvores esquelecticas de cujos ramos pendem stalactites brilhantes, largos cêrros escalvados onde os pinheiros do norte estendem os seus braços avelludados e protectores. Ao longe um camponez com grossos sapatos, polainas de couro, jaqueta de pelle de carneiro, ca-

bello crescido e mãos callosas, sustentando sobre os hombros fatigados um feixe de lenha. Por cima, um ceu implacavel, feito de oxido de chumbo, soturno e espesso. E, por todos os lados, as camadas de gelo que revestem os objectos, formam-lhes uma concha que, ao contrario das outras, nada tem de confortavel nem de protector.

Em frente de algumas d'essas paysagens a nossa admiração tem insensivelmente chegado ao ponto de... abotoar o casaco. Ao filho do sol dos tropicos a frigidez polar parece mais propria para a construcção do inferno do que as chammas reluzentes, embora sulphureas. Por isso, agradecendo á natureza peninsular o obsequio de nos mostrar dias groënlandezes, pedimos-lhe, com todo o empenho, que os não repita muito.

Exactamente debaixo de um ceu que tinha a côr do papel de embrulho, exposto á violencia de uma brisa perfurante e apenas abrigado da chuva que cahia, vimos passar uma procissão catholica percorrendo as ruas da cidade. Deus, como o Jupiter Tonante, parecia ter franzido as sobrancelhas ao amanhecer, e por isso o tempo estava carrancudo, sombrio e ameaçador. Grossas nuvens pardacentas cobriam sinistramente o benigno azul da abobada celeste, e,

como se a humanidade tivesse praticado um crime, a face do ceu estava luctuosa e sinistra.

Quando a procissão saiu, ainda as coleras do Senhor estavam suspensas; mas apenas aquellas filas de irmandades se prolongaram pelas ruas, e se acharam a uma distancia que as impossibilitava de retroceder, a colera dos ceus rebentou em aguaçeiros diluviaes.

A procissão passava. Não foi a primeira vez que nossos olhos tiveram um espectaculo d'estes, mas, não sabemos porque, o que viamos impressionou-nos profundamente. Achamo-nos felizes por não pertencermos a nenhuma confraria, incluindo a Associação catholica. Analysamos friamente, imparcialmente, tudo aquillo, e é isso que vamos contar ao leitor.

Em frente e na primeira linha, escoltados por dois guerreiros que faziam affastar o povo com os pinotes dos cavallos municipaes, alguns entes sustentavam um pendão de damasco velho, um lábaro usado, com as quatro letras S. P. Q. R. que dos sabinos passaram gloriosamente aos romanos, e d'estes ao christianismo, — letras a que o povo dá interpretações graciosas, e ás vezes um pouco livres. Depois, seguiam-se as duas alas de irmandades, de tocha em punho, gravidade de boi, compuncção hydropica. O merçeeiro, o policia civil em folga, o empregado

publico, os artifices analphabetos não se furtam a estas exhibições solemnes. Tão indifferentes como nós a tudo aquillo, um pouco mais descrentes talvez, emprestavam toda a sua imponencia habitual ao acto de que eram comparsas. Envoltos nos seus balandraus, sentiam-se tão orgulhosos, como quando no carnaval arrastavam os seus mantos de principes. Iam ufanos, alisando o cabello com a mão e olhando para as janellas. Anjos inverosimeis, com azas de papelão, saias curtas, botas de coiro branco, seguiam ao centro em passo de dança. Em seguida, collocado ao hombro de oito valentes devotos alugados, via-se um tablado de madeira, forrado de damasco, sobre o qual se erguia um vulto pouco nazareno, com um grande madeiro tosco, atarrachado ao hombro por parafusos. Este ultimo ponto pareceu-nos um erro historico. Não consta que os judeus inflingissem tal supplicio a Jesus. Embora, a fé é que nos salva! Sobre o rosto da figura, as côres sinistras do sangue, o roixo das macerações, os pingos de carmim e a luctuosa desfiguração da physionomia, davam ideia da gangrena — o que tambem nos pareceu muito falso.

O fervor religioso dos que compunham a procissão afigurou-se-nos exaggerado até ao ponto de trazer cada um d'elles por baixo da

ópa o seu guarda-chuva. Por isso quando o Senhor fez cahîr das avalanches de nuvens os aguaceiros, cada crente abriu o seu objecto protector e oppol-o ás incomprehensiveis crueldades do tempo. É que todos traziam as suas sobrecasacas pretas, e as ópas não eram de guttapercha. Lembramo-nos então de que os panos estavam carissimos, pela hora da morte — e demos-lhes razão.

Abrigados, seguiam processionalmente ao longo das ruas, fugindo das lamas e das goteiras como o diabo foge da cruz. A procissão tinha um aspecto novo, desacostumado: uma exposição de guarda-chuvas abertos, de varias côres, tamanhos e feitios, pouco magestosa, é verdade, mas essencialmente hygienica.

Sómente o Christo, no meio d'aquelles devotos prudentes, recebia na fronte nua a agua em abundancia. E nenhum dos irmãos teve a abnegação de lhe emprestar o seu guarda-chuva! Recordaram-se provavelmente de que aquella figura que iam venerando, pela sua origem divina e pela madeira de que era feita, resistiria a todas as constipações.

Seguia-se-lhe o pallio de damasco roixo, bordado a seda amarella. As pessoas que o sustinham collocando as hastes em angulo agudo para o lado de fóra, abrigavam-se, conforme po-

diam, debaixo d'elle. Era o mau exemplo que estava sendo seguido.

Ao centro, um sacerdote velho, de rosto aspero e avermelhado, com as suas vestes bordadas a oiro, trazia nas mãos um pequeno objecto, semelhante a uma caixa redonda com uma cruz em cima. O povo que, a despeito do mau tempo, estacionava pela rua, curvava-se respeitoso. O sacerdote caminhava a custo, como se estivesse muito contrariado, e o povo ajoelhava-se contricto e batia no peito. A multidão prostrava-se diante d'aquelle homem que não era um sabio, um bemfeitor da humanidade, um homem de genio, nem um heroe, mas simplesmente um bispo!

Como ministro de Christo, applicára-se á politica e prestára valiosos serviços nas eleições, conseguindo ser aquillo que, alem de outras vantagens, rendia alguns contos de reis por anno.

Das portas das lojas, os elegantes dirigiam a luneta para as janellas onde brilhavam com todo o esplendor do luxo, com todas as attracções da moda, com toda a graça da elegancia feminina as formosas mulheres, que, algumas horas antes, nos recessos das suas alcôvas, punham os *puffs* parisienses, as radiosas madeixas de Godefroy e esperavam impacientes a modista que lhes havia de trazer o vestido novo

pelo ultimo figurino. Diante do toucador assetinavam a epiderme com as alvuras do pó de arroz e calçavam as frescas luvas de trez botões. E tudo para render culto Áquelle que um dia, nas alturas d'um monte escalvado, na Judeia, soffrera a mais affrontosa morte entre o vozear dos seus perseguidores, só para nos salvar!

Deus, e os namoros que lh'o agradeçam...

A chuva redobrava, invadindo tudo, escorrendo do estandarte, do pallio e das ópas. Os mezarios que seguiam adiante do bispo, tinham um aspecto comico irresistivel, com o vestuario preto completamente escorrido, e as calças cheias de lama. Pareciam frangos ensopados... em môlho de villão. Alguns premeditavam uma fuga precipitada sobre qualquer portal. Iam seriamente compromettidos, com o penteado desfeito e a calva á mostra. Outros, de barba preta como o azeviche, iam-se distingindo, e, pela primeira vez na vida, apresentavam o aspecto venerando dos patriarchas hebreus, com barbas apostolicas, côr da neve. E no meio de toda aquella confusão, causada pela chuva, aos lados da rua alguem soffria a pé firme um barbaro supplicio.

Ao meio dia tocára a recolher nos quarteis e desde essa hora a guarnição da cidade não ti-

vera um momento de descanço. Uma parte da tropa formava álas pela rua, e recebia toda a chuva que aos ceus aprouve lançar sobre a procissão. Era enternecedor! A agua cahia sobre as barretinas dos soldados, escorria-lhes pelas cabeças, entrava pelas golas dos casacos, atravessava todo o corpo, e saia-lhes em bica por baixo das calças. Comtudo não se ouvia uma queixa da bocca d'aquelles homens pacientes e disciplinados. A patria póde exigir d'elles todos os sacrificios, mas a côrte de Roma não devia ter direito áquella submissão.

Atraz do pallio seguia, segundo o costume, um batalhão com as armas no braço, passo vagaroso, cabeças descobertas. Aquelles seiscentos homens que escoltavam de perto a divindade tinham no rosto uma indignação concentrada. Os grossos fardamentos iam ensopados, as mãos inteiriçadas com o frio, os cabellos empastados com a agua. Não lhes era permittido apressar o passo nem affastar-se d'alli. Tortura cruel e inutil! As irmandades tinham o guarda-chuva, os sacerdotes o pallio, o povo os portaes, as damas as janellas e elles — nada absolutamente!

Havia n'aquelles olhares sombrios, postos no chão, as coleras impotentes e surdas, e é certo que o Altissimo estava perdendo alli muitas

sympathias, que, talvez, a Associação catholica lhe não possa restituir.

Nós analysavamos o cortejo que ia desfilando com a mesma imparcialidade com que assistiriamos aos ritos da religião mahometana, ás orações n'um pagode de Bouddha, ou ás adorações do sol nas tribus da costa de Africa. Eram tão grotescos os pendões que se desfraldavam á frente das irmandades, e tão estranhas as insignias que se apresentavam aos nossos olhos, que insensivelmente reflectimos que seria difficil encontrar no nosso globo alguma coisa que se assemelhasse ao que viamos, a não ser na Africa, por occasião do casamento da rainha do Congo! Havia alli todas as extravagancias e todas as singularidades que se podem encontrar no Haïti, no opio, na Conchinchina, no Bom Jesus do Monte, no gaz hylariante, nas festas de Sarnache, nas tribus da Araucania, e no Poço do Borratem ao domingo!... Perdoem-nos a franqueza os falsos religiosos que lerem estas linhas!

Depois, todo o acompanhamento entrou com precipitação n'uma egreja, sacudiu as roupas molhadas, e sentiu-se feliz na morna temperatura do recinto aonde ardiam as velas sobre os altares. Á porta ficaram as tropas formadas. A voz do commandante eccoava pelo espaço,

com as tremulas vibrações de um catharro pouco reformado, exclamando: — Firme!

O templo estava brilhantemente decorado com as suas sedas, os seus galões, os seus longos panos, as suas pompas theatraes, e os seus enfeites decorativos. N'um dos altares do lado via-se um snr. Bispo reformista, entre vellas accesas, lendo n'um *Magnun lexicon,* com a paciencia de um velho politico: era o doutor da egreja Santo Athanasio.

O altar-mór estava deslumbrante de luzes e de dourados. Pendente dos braços d'uma cruz via-se uma figura roixa, informe, escalavrada. Em baixo um vulto com barba intonsa, rosto ameaçador e tempestuoso martyrisava o da cruz com uma coisa de folheta. Ao lado algumas santas mulheres choravam. Um quadro de natureza morta!

O andor que viera na procissão avançou até ao centro da igreja, e o Christo que se erguia n'elle, com o andar vacillante dos irmãos, abanava a cabeça e parecia fazer cortezias ao que estava no altar-mór, como a dizer-lhe:

— Escapaste de boa, irmão!

Depois as tropas marcharam para os quarteis, o povo debandou, e a egreja ficou silenciosa. Tinha-se realisado um dos mais augustos mysterios da religião catholica!

E sempre a chuva redobrava de violencia, como se o Nazareno, não tendo já á mão o açoite com que outr'ora expulsára os vendilhões do templo, quizesse mostrar ao menos, que á falta de um azorrague, fustigava com as cordas de agua as faces impúdicas d'aquelles que assim o expunham a estas humilhações!...

XXIII

Estavamos n'um dia de quaresma.

Os dobres da semana santa bombardeavam, sem dó nem piedade, das elevadas torres, os tympanos indefezos dos transeuntes; os templos attrahiam uma turba vestida de preto, ávida de divertimentos baratos. Nos pulpitos, os prégadores esbravejavam, segundo o costume, acompanhando os offuscantes relampagos da rhetorica com esses gestos explosivos da eloquencia sagrada, que trazem sempre á memoria as subitas convulsões de um rabo de lagartixa separado do tronco. Fulminava-se o progresso, amaldiçoava-se o espirito moderno, anathematisa-

va-se a sciencia, e fazia-se pontaria á instrucção, como a causa mais directa da decadencia moral dos povos. A invectiva, porém, assemelhava-se ao tiro d'aquelle caçador do *Mal da Delphina,* que, desfechando a arma sobre um bando de aves appetitosas, apenas rojára no pó, com a viçosa fronte separada do *tronco,* e o *ôlho* fechado ás doçuras da vida, o cadaver de uma innocente couve lombarda. Exactamente do mesmo modo, as terriveis descargas da eloquencia religiosa, em vez de attingirem as odiadas conquistas da civilisação, feriam apenas, em cheio, as regras mais elementares da grammatica portugueza, — o bode expiatorio de todas as eloquencias.

Fallava-se dos inimigos da egreja, do modo barbaro como conservavam em ferros, na mais horrenda masmorra, chamada Vaticano, o supremo chefe da christandade, e descrevia-se Pio IX, rodeado de sicarios, olhando para o ceu pelas estreitas grades da prisão, com uma pouca de palha por leito e um pão negro por alimento. Depois, diziam-se palavras mellifluas ao povo, e incitava-se a pobre gente a correr em auxilio da religião e do papa. O povo, porém, parecia indifferente, como se conhecesse a hypocrisia dos que o estavam explorando, e como se se lembrasse d'aquelle aphorismo, inventado por

elle, que diz assim: — Com *Papas* e bolos se enganam os tolos!

Nós seguiamos por uma rua, um pouco affastada do centro, silenciosamente, como é nosso costume. As pessoas que passavam, vestidas de preto dos pés até á cabeça,—devemos confessal-o,—pouco prendiam a nossa attenção. Com o luctuoso aspecto da gente que passava, triste por indole, o vestuario exterior casava-se perfeitamente. Iamos pensando em coisas dolorosas: na tyrannia dos sineiros, nas calumnias do clero, e na atrocidade das calças pretas que se apresentavam com as dobras lineares do bahu... d'onde nunca deveriam ter saido.

De repente os nossos olhos fixaram-se n'um ajuntamento ruidoso e alegre, que se formára em uma das estreitas ruas transversaes. Passaram-nos pela ideia varias coisas tristes, e, pelas gargalhadas, pelo bulicio que alli havia, suppozemos ir encontrar o vulto esquelectico de algum cão martyrisado, ou ainda a figura vacillante de um ébrio dizendo obscenidades, levado aos encontrões pela policia. Por isso, quando reconhecemos uma procissão catholica, feita por garotos, sentimos desejos de pedir mil desculpas aos circumstantes, pelas hypotheses desfavoraveis que tinhamos formado, e quedamonos a rir.

Era uma coisa inteiramente nova, pittoresca, alegre, epigrammatica, uma critica ambulante, um escalpello terrivelmente destruidor, cortando pelo culto externo: — uma procissão de garotos! Reinava uma grande animação; havia um borborinho de vozes, uma tempestade de berros, um tufão de alegria n'aquelle grupo original.

Em frente, um garoto que tinha a grave seriedade de um doutor da Egreja, sustentava um lábaro de panno crú, com as quatro letras do costume feitas de papel dourado. Pobres garotos! Elles bem desejavam do fundo da alma, que as quatro letras fossem bordadas a oiro, mas não o tinham podido conseguir. Agradeça-se-lhes, ao menos, a boa intenção! O estandarte ia suspenso de uma vara pouco pomposa. Aos lados dois acolytos seguravam uns baraços, presos ao tope do pendão, com o fim de o suster em equilibrio, — o que era escusado, porque o panno, de moido que estava, devia ter o pezo de uma folha de papel de seda. Mas, attendendo á questão de esplendor, os dois cordeis justificavam-se. Estes tres garotos traziam capas de papel azul, semelhantes a ópas, porém curtas como jaquetas. Logo depois, seguia-se uma especie de irmandade em filas, com ópas identicas, e tendo todos os membros d'ella, na mão, uns paus caiados, representando velas de cera. É

escusado dizer que iam apagadas. De vez em quando, um ou outro dos irmãos fugia da ordem, abaixava-se e mettia alguma coisa no bolso das calças. Era a recompensa que a Providencia lhe mandava em premio de tanta dedicação. Por exemplo, se na borda do passeio apparecia uma ponta de charuto, lá corria uma parte do prestito disputando esse premio que um fumista, por ordem do ceu, ali deixára cahir.

Em terceiro lugar vinha o andor. Sobre uma taboa de tres palmos de comprimento, erguia-se, entre folhagens das arvores municipaes, uma imagem de barro, de algumas pollegadas de altura, um monstrosinho de grêda, um santo do valor de 3o reis, talvez. Segurando o andor iam quatro garotos talúdos, fingindo-se curvados ao pezo, e tendo na mão forquetas preventivas, onde podessem descançar aquella «pesada fabrica».

Seguia-se o pallio, do mesmo panno crú do lábaro, com estrellas de cinco pernas, — por causa dos equivocos — amarellas e azues. Sustentavam-n'o outros quatro d'esses estimaveis seres aos quaes a policia manda ás vezes tirar o retrato... para ter o prazer de os conhecer pessoalmente, ou antes reconhecer, nas diversas situações da vida com que os possa encontrar.

Graves, envoltos nas capinhas de papel,

convencidos da alta missão que iam desempenhando, sustinham em quatro galhos de arvore esse objecto honroso, que se despregava em cada canto. Debaixo do pallio, com uma cara d'um comico inexprimivel, e uma corôa de papel branco no alto da cabeça, seguia, fazendo de padre, um *gavroche* namorador dos lenços de seda que os burguezes costumam trazer no bolso, ao domingo. Sobre as mãos erguia o papel da capa, na frente, fingindo uma grande barriga. De cada lado do pallio, uma lanterna feita de gazeta, espetada n'um cabo de vassoura, completava a imponencia da scena.

Elles tinham empenhado todos os seus recursos, para o esplendor do prestito, com a sinceridade de verdadeiros mesarios, não se poupando a trabalhos nem a despezas para que a festa estivesse á sua verdadeira altura. As arvores dos largos tinham-lhes fornecido os paus necessarios para as vellas, para a haste do pendão e para as varas do pallio. A mãe de qualquer d'elles tinha ficado sem a saia, que figurava alli dividida em partes iguaes pelo lábaro e pelo pallio. A subscripção monetaria que tinham feito, e cujo resultado não ousamos calcular, tinha dado para a folha de papel dourado. Via-se que a corporação havia envidado todos os seus esforços para dar a maxima pompa á festa.

O cortejo seguia, e, no meio d'aquella algazarra que ha sempre em qualquer lugar onde se reunam duas duzias de rapazes, sobresaía um garoto mais alentado, occupando o honroso lugar de mestre de ceremonias. Empunhava um pausinho, insignia do poder, com um baraço enrolado, e corria esbaforido para traz e para diante, fazendo entrar na ordem os mais rebeldes e obrigando por palavras e acções a não sair da fileira os que se empenhavam mais do coração em dar uma corrida atraz d'um carro que passava, ou apregoar com bravura os jornaes da manhã. Representava fielmente aquelle personagem importante que, nas procissões verdadeiras, corre de um lado para o outro mantendo a disciplina, e velando pela disposição artistica da irmandade, com os seus gestos explosivos.

Em volta da procissão a rua estava toda tomada pelos espectadores, que achavam graça ao cortejo e que o commentavam com gargalhadas, graçolas e ditos, alguns dos quaes eram da ordem d'aquelles que a policia prohibe. Nós, devemos confessal-o, riamo-nos tambem, mas no meio d'aquelle publico ignorante, manifestavamos ainda uma vez a nossa coherencia, por que aquelles que chasqueavam essa procissão costumavam estar muito sérios e muito respei-

tosos quando a irmandade do *Senhor do olho vivo,* ou outra qualquer, fazia sair á rua as suas imagens, emquanto que nós tanto riamos de uma como de outra.

De repente houve um rumor e um grande panico. A confusão foi quasi geral no prestito e todos fallavam a um tempo. Viam-se ao fundo da rua dois policias conferenciando, e receiava-se que os mantenedores da ordem publica, a crusado por dia, viessem levar o cortejo para a casa da guarda — até mais vêr...

N'este caso, teriamos perguntado á policia o motivo porque prohibia aquella procissão que, como as outras, salva a riqueza, tinha tudo, e representava um acto legitimo. Pedir-lhe-hiamos que nos demonstrasse a superioridade do damasco bordado, em materia religiosa, sobre o pano crú com estrellas de papel.

Supplicar-lhe-hiamos, que justificasse a sua perseguição arbitraria, e nos désse as razões porque dissolvia aquelle cortejo, que era tão respeitavel e sincero como qualquer outro; que não atacava as instituições nem ia contra as disposições da lei, e que não podia ser tido como um attentado contra a religião do estado, porque n'essas mesmas ruas tinhamos visto muitas vezes um cortejo onde S. Jorge ia n'uma posição obscena. Teriamos mesmo lançado um

olhar para a nossa bengala, se, no barulho, qualquer d'aquelles bons garotos se não tivesse já apropriado d'ella.

Mas a policia não veio felizmente, e a procissão pôde percorrer as ruas no meio dos motejos do povo. Das janellas das casas, os burguezes que faziam digestões felizes riam immensamente do que viam, sem se lembrarem de que estavam dando uma verdadeira consagração ás suas proprias caricaturas.

Decididamente, o garoto, sem o saber, tem qualidades criticas muito apreciaveis!

XXIV

Passava um d'esses Lovelaces da primeira metade do nosso seculo, ostentando uma primavera artificial nas côres florídas do rosto. Por baixo do chapeu, rigorosamentè á moda, apparecia a linha extrema de um chinó. Um frak do melhor gosto, apertado sobre o peito, dava ao sexagenario um ar elegante e distincto. O passo, comtudo, tinha essa vacillação trémula da idade, que contrastava profundamente, com aquella toilette juvenil e alegre. O bigode levantado, cheio de pretenção, expunha essa côr ferruginosa que a agua circassiana dá aos cabellos embranquecidos. O dandy calçava luvas

claras, e ostentava na lapella do casaco uma camelia rosada.

— Oh poder da arte! exclamaram alguns individuos que conversavam á porta de uma luxuosa tabacaria. Lá vem o marquez de... de... Menelau. Parece uma primavera.

— Está restaurado, como certos quadros antigos.

— Ora! uma formosura! Dir-se-ha que tem vinte annos incompletos. Aquillo é que é.

— Tremei, oh paes de familia! exclamou alguem melodramaticamente.

O marquez aproximou-se, cumprimentou um dos individuos familiarmente com um gesto, dizendo:

— Doutor!...

— Doutor? exclamaram os outros. Que historia é essa?

— Coisas, exclamou elle rindo.

O marquez era um d'esses homens que tentam reagir contra a natureza e não teem coragem de apresentar ao publico as suas venerandas cãs, alvas de neve; dos que nunca faltam a um baile, que vivem no fóco da elegancia, que são ás vezes pares do reino, e que completam todas essas loucuras tendo uma amante.

— E quem é ella?

— A actriz Eulalia.

— Aquella linda mulher que hontem vimos passar em carro descoberto?

— Exactamente.

— Custa-me a crêr...

— És um ingenuo. O marquez é riquissimo.

— Ainda assim! Mas... Ella cumprimentou-te. Conhécel-a?

— Vagamente. É uma linda mulher...

— Que pertence ao marquez.

— Conforme...

— Ah!

— Sim, meu amigo. Tu andas a sonhar. O amor platonico passou de moda.

— E o marquez entrega-se a essa especialidade...

— Provavelmente.

— Homem, essa!

— Que remedio! Ora, os costumes estão dissolutos; uma depravação geral. Queres saber?...

— Eu quero saber mas é a razão porque elle te chamou doutor.

— Pois ahi vae; mas é preciso guardar segredo. Promettem?

— Isso não se pergunta.

Aproximaram-se todos confidencialmente.

— Uma vez estava eu na mesma sala aonde aquella dama recebe a visita do seu velho ado-

rador. Mas não estava de casaca. Pelo contrario. De repente batem á porta...

— Oh que lance! Era elle?

— Pois quem havia de ser?

— É sempre assim! E depois?

— De um pulo achei-me no meio da sala, estupido e com um grande desejo de me atirar da janella abaixo.

— Não havia outra porta?

— Está claro que não. A gente só se lembra de Santa Barbara quando troveja. O que é certo é que, quando o marquez entrou, eu estava muito socegado, de pé, á cabeceira da cama, e tinha entre os meus dedos um delicado pulso que batia violentamente.

— Marquez, disse ella com a voz trémula pela commoção e aconchegando a roupa ao pescoço, estou muito mal...

— Mas o que é? que tem? disse elle aproximando-se anciosamente do leito.

— Um incommodo terrivel!

— Oh! disse elle, fixando-a, que pallidez!

Depois, voltando-se para mim, com um olhar interrogativo, apertou-me affectuosamente a mão. Eu continuei a tomar o pulso á doente.

— Doutor, exclamou ella, haverá perigo?

— Não supponho, minha senhora... comtudo o pulso está muito agitado.

— Podéra! exclamou um dos do grupo.

Houve uma gargalhada geral.

— Socega! disse o marquez. Não tenhas susto, que não ha de ser nada.

— As mulheres são muito apprehensivas, continuou elle, dirigindo-se a mim. Teem uma dôr de cabeça e imaginam-se já ás portas da morte. Isso não ha de ser nada. Não é assim, doutor?

— Estou convencido de que o incómmodo é passageiro...

— Depois conversamos um pouco. O velho marquez parecia-me afflicto, e eu não o estava menos receiando alguma pergunta sobre coisas de medicina. Apresentaram-me papel para fazer a receita. Tremeram-me as pernas e senti o desejo de correr pela porta fóra. Essa não tinha eu previsto! Mas recobrei o sangue frio e escrevi uma coisa que nem o diabo era capaz de entender. O marquez puchou da luneta e approximou o papel.

— Os medicos teem todos uma letra que ninguem é capaz de perceber! accrescentou elle, rindo.

Eu desfranzi os labios n'um sorriso de assentimento, como se dissesse:

— Favores!...

E dirigindo-se a Eulalia:

— Se queres, eu posso de passagem deixar a receita na pharmacia. É o melhor...

— Não, não! vae a Maria, atalhou ella vivamente.

— Como quizeres.

D'ahi a pouco elle sahia, dando-me o braço e eu trocava um olhar de intelligencia com a minha cliente. O marquez agradecia-me com ternura as attenções e a solicitude que eu tinha tido para com uma pessoa que elle estimava tanto, e dizia-me:

— Doutor, não a desampare. Volte logo. Ás vezes um pequeno incommodo toma grandes proporções. Confio na sua experiencia e na sua boa vontade. Volta logo, sim?

— V. Ex.ª manda.

— Obrigado, doutor. E será coisa de cuidado?

— Não... nem por isso, disse eu com um ar superior. Os symptomas não são assustadores... comtudo...

— Julga prudente que eu não appareça?

— Ah! certamente. Por dois ou tres dias apenas... Deixar o remedio actuar livremente.

— Muito bem, doutor. Os meus agradecimentos!

Deu-me o seu bilhete e despedimo-nos.

— Escuso de dizer-te que ao fim de tres dias a minha doente estava de perfeita saude.

— E elle? perguntou um dos circumstantes ingenuamente.

— Elle tambem!

— Como tambem? Pois o marquez esteve doente?

— Esteve.

— De que?

— De um incómmodo passageiro... O marquez queixava-se apenas d'uma dôr de cabeça.

— Um caso rodeado de mysterios...

— Não.

— Alguma nevralgia?

— Exactamente...

— Não é natural.

— Pois sim. Mas então, digam-me, o que havia de ser?

— Não sei.

— Está claro que aquillo não podia ser outra coisa!...

— Mas tu nunca fôste medico!

— Pois ahi é que está.

XXV

A musica enfadonha e decomposta de um realejo elevando-se aos ares, como os miasmas de um corpo combalido, informou-nos de que no centro de um circulo espesso de populares, formado a distancia, se estava passando alguma scena divertida. As frequentes gargalhadas, os ditos que se crusavam, e as exclamações confusas dos assistentes vieram affirmar-nos n'essa opinião. Aproximamo-nos e podémos ver então um d'esses quadros animados, cheios de ironia e de vivacidade, que não mais esquecem e que proporcionam ao observador despreoccupado momentos de verdadeira hilaridade.

No centro do ajuntamento havia uma pequena barraca de chita, suspensa em quatro paus. Ao lado o realejo. Dentro da barraca estava um saltimbanco e na parte superior appareciam bruscamente duas comicas figuras, cheias de originalidade. Mediam um palmo de altura, quando muito, e apresentavam o perfil incorrecto e pictoresco do classico Dr. Punch. Moviam-se com agilidade, acenavam com os bracinhos, agitavam a cabeça vivamente, davam pulos phantasticos, volteavam n'um corropio, e guinchavam em falsete. Eram duas *marionnettes* interessantissimas, de cabeça de pau, olhos embezerrados, nariz sardonico, e bocca de clown. Uma d'ellas representava um janota, com o chapeu ao lado, braços curvos de galanteador, expressão indefinivel. A outra representava uma dama, e estava sendo requestada com ardor pelo cavalheiro.

Estava-se no primeiro acto de um drama, ou antes de uma comedia divertida, na qual o observador podia distinguir as qualidades de imaginação que geralmente se attribuem ao povo. A producção era anonyma e extravagante, mas nem por isso deixava de prender a attenção dos espectadores logo ás primeiras scenas.

O cavalheiro, como se tivesse encontrado uma boa aventura no seu caminho, parou, e dirigiu-se

inopinadamente á dama, fazendo-lhe uma declaração... á queima roupa. Ella fingia-se surda ás suas palavras, e continuava o seu caminho retirando-se para os lados a fim de evitar um encontro. Mas o conquistador não cessava de a perseguir e teimou a tal ponto que ella não teve remedio senão dar-lhe attenção. Elle então, pareceu expôr-lhe, por meio de uma mimica muito significativa e de um palavriado mellifluo, elevando as mãos ao peito, como se abraçasse alguma coisa, as doçuras do hymeneu, os gozos ineffaveis do amor. A dama fingia pôr os olhos no chão e córar com pudor. Elle insistiu na sua ideia, até que o objecto requestado fez um acêno com a cabeça dizendo que sim.

Então o boneco correu doido de alegria de um lado para o outro, erguendo as mãos ao ceu, cheio de contentamento, furtou-lhe um beijo e sumiu-se. A dama ficou pensativa e desappareceu tambem.

O realejo tocou uma peça.

Passado um momento, tornaram a apparecer os dois de braço dado. Pareciam contentissimos. Não estavam casados ainda, mas em breve appareceu uma terceira figura, vestida de preto, com uma batina até aos pés, e um barretinho na cabeça. Era o padre. Approximou-se dos conjuges, tomou-lhes a mão, fez varios gestos,

e erguendo um dos braços lançou-lhes a benção nupcial. O marido metteu a mão no bolso e deu umas quantias ao sacerdote. Elle desfez-se em cumprimentos, tirou o barretinho, fez uma grande saudação e sumiu-se. O noivo quiz roubar um segundo beijo, mas a dama repelliu-o como se lhe dissesse: De vagar!... Julgando, porém, ter sido muito severa humanisou-se um pouco, reanimando-lhe a esperança e corrigindo a phrase do seguinte modo: — De vagar... se vae ao longe. Depois, deram o braço e andaram a passeiar um pouco, cheios de contentamento. Fallaram confidencialmente com ternura, mas de repente furtaram-se ás vistas do publico.

O realejo tomou a palavra.

D'ahi a pouco tornou a apparecer o marido. Vinha assim meio compromettido, como quem acaba de soffrer uma grande decepção. Passeiou d'um lado para outro com as mãos nos bolsos, e com uma cara de metter dó. Andava pensativo. N'isto surge uma formosa donzella, vestida de côres alegres, buliçosa e provocadora. O mancebo precipita-se na direcção que ella seguia, dirige-lhe amabilidades, requesta-a. Ella sorri-lhe. Que bella aventura e que temperamento! O realejo toca uma walsa e os dois precipitam-se na vertigem da dança.

Quando, porém, o delirio ia no maior auge,

apparece a mulher legitima do cavalheiro, e faz grandes gestos indignados. Elle sóme-se, como se a terra, ou antes a chita, se lhe tivesse aberto debaixo dos pés. Ficam as duas rivaes em scena. A esposa dirige á sua inimiga as maiores recriminações; esta responde-lhe conforme póde e as duas poem a mão na cinta cheias de furia, como a Clarinha da *Angot,* e a Lange. Ameaçam-se, vociferam, insultam-se mutuamente, e a final veem ás mãos. A esposa cheia de força moral, — o que nem sempre é o mais vantajoso n'estes casos — dá uma grande sóva na sua rival, lança-a ao chão, calca-a e deixa-a prostrada. Ella porém levanta-se n'um impeto de colera e paga-lhe na mesma moeda as affrontas. Engalfinham-se as duas e luctam desesperadamente, arrancando cabellos hypotheticos e dando grandes pancadas na cara. N'isto apparece um cavalheiro amavel, (não confundir com o primeiro) e separa-as depois de grandes esforços. A cortezã retira-se protestando vingança, e o cavalheiro desconhecido procura consolar a desditosa esposa, que se lhe queixa do marido, e lhe declara ser a mais desgraçada das mulheres, a mais infeliz das consortes, desabafando com elle, d'um modo inconvenientissimo, todas as suas magoas.

— Os homens! Ah! os homens! diz ella. E

comtudo confia d'este os seus segredos mais intimos.

O realejo interrompe esta scena altamente dramatica, e os dois desapparecem, depois de grandes e affectuosas despedidas. A esposa ludibriada confessa-lhe o seu eterno agradecimento.

Segue-se um intervallo.

Alguns populares gritam: Venha o resto! Vamos ao fim!

O realejo cala-se e a representação continúa.

Apparece a esposa. Volta-se para o publico, lamenta-se, diz que o marido é um infame, que a engana, que lhe é infiel. Chora e arranca os cabellos n'um impeto de desespêro.

Não tarda porém a apparecer o cavalheiro galanteador, que uma vez lhe valeu em uma critica situação da vida. Dirige-se a ella, consola-a levanta-a, diz-lhe palavras de ternura, e, d'ahi a pouco, os dois passeiam de braço dado. O realejo toca uma contradança e elles, nos braços um do outro, saltam vertiginosamente, aos accordes da musica enthusiastica, n'uma grande animação. Que imprudencia! Abraçam-se, conversam, etc., sempre dançando. O realejo, porém, como que providencialmente, não cessa de tocar, poupando-nos assim a outras variantes choreographicas da arte de Terpsychore.

Quando, porém, o delirio está quasi *tremens*, eis que apparece o vulto sinistro do marido ao fundo, e reconhece a esposa nos braços do seductor. Ella dá um grito e cáe desmaiada. Elle fica aterrado. O marido caminha com energia para o D. Juan, exactamente como a estatua de Commendador, devora-o com olhares ferozes, corre para elle e atira-se-lhe á bordoada. Impelle-o com violencia, bate-lhe até não poder mais, e, quando julga estar vingado, retira-se. O outro então, por sua vez, ergue-se como um leão e atira-se a elle. Cruzam-se os golpes, caem ambos ao chão e luctam braço a braço. A final, o galanteador vence e o marido fica prostrado. Levanta-se, porém, de novo e some-se, voltando logo com um grande cacete. Ah! então é que são ellas! As pancadas estouram na cabeça do seductor como um martello sobre a bigorna, com uma frequencia assustadora. O infeliz vae morrer. Mas ... oh acasos da sorte! o D. Juan agarra-se ao cacete, pucha por elle e os dois luctam enraivecidos. Por fim a sorte favorece o culpado, que corre de cajado em punho sobre o offendido e desanca-o. O marido, porém, torna-lh'o a tirar com vigor, e tantas lhe dá que o D. Juan cae por terra como morto — symbolisando o crime castigado, e salvando assim a moralidade da peça.

O povo applaude o justo desfecho da scena, tomando o partido do homem que acaba de desaffrontar a sua honra e victoría-o ruidosamente. O realejo toca.

Sae o marido e volta com o padre. O sacerdote, mal vê o outro no chão, põe as mãos na cabeça e quer fugir, como se receie comprometter-se, mas o aggressor, agarra-o á força. O ministro debate-se e deixa cair o barrete, apparecendo com a corôa á mostra.

Depois, dirige grandes exprobações ao offensor, chama-lhe assassino, etc. Este pergunta-lhe o que se ha de fazer. O padre ergue os olhos ao ceu.

Mas n'este momento, o desgraçado que todos julgam morto, dá um suspiro. Os dois tomam-lhe o pulso e observam-n'o anciosamente: está vivo! Limpam-lhe a cabeça, e agitam-lhe o ar com um lenço em redor da cara. Volta a si. Então o padre ampara-o e vae-o conduzindo para dentro.

O realejo torna a fazer ouvir a sua voz.

— Vamos ao ultimo acto, senhores! exclama o saltimbanco.

O publico está cheio de impaciencia. O que acontecerá? Alguns populares mais affastados poem-se em bicos de pés, para não perderem um unico movimento.

Apparecem em scena os cinco personagens: o marido infiel, a esposa leviana, o D. Juan arrependido, a dama provocadora e o padre. Fazem-se as pazes entre todos, e o cavalheiro causador de todas essas discordias vae dar uma satisfação ao publico, casando-se com a formosa donzella que fez andar ás aranhas a cabeça de um marido. Está apaixonado por ella e promette corrigir-se. Todos fazem protestos de esquecer o acontecido. O padre abençôa a nova união, da qual são padrinhos os dois conjuges reconciliados. Então, o realejo toca um *can-can* desenfreado e os dois pares, com as suas respectivas esposas — nada de confusões! — dançam vertiginosamente. O padre esse dança sósinho. A sociedade não lhe permitte que dance publicamente, em companhia. É o mesmo! Elle se indemnisará na vida privada.

O *can-can* final fecha o drama d'um modo admiravel!

Cáe o pano, quer dizer, cáe ao chão a barraca de chita e o auctor da comedia appella para a generosidade do publico.

Eis aqui um drama profundamente verdadeiro e cheio do mais vivo interesse! A linguagem é pallida para dar uma ideia da animação e do colorido de cada uma d'estas scenas, representadas admiravelmente pelas *marionettes*. O pu-

blico, depois de ter rido com a lucta das paixões, retira-se enternecido, manifestando um grande contentamento pelo resultado final, e um grande horror ao saltimbanco, que começa a fazer o peditorio. Ingrato! Não só não chama á scena o auctor, mas ainda em cima lhe recusa uma recompensa tão bem merecida. Bem fazem os directores de theatros exigindo d'elle a paga adiantada!

E os pobres saltimbancos lá vão com o realejo e os bonecos, depois de uma colheita bem parca, prégar a outra freguezia. Oxalá que a sorte e os cobres lhes sejam mais propicios, e que esta historia verdadeira de um marido que dá o exemplo da infidelidade á esposa enterneça, pela sua profunda verdade, os corações, levando-os a não desejar a mulher do proximo e a não dizer ao triste saltimbanco, como d'esta vez:

— Quem lhe encommendou o sermão que lh'o pague!

XXVI

Devo confessal-o : eu tambem encontrei, uma vez na vida, um bom padre, um homem singelo e puro, um crente fervoroso!

As suas qualidades causaram-me a mais profunda impressão, costumado como estava a encontrar no clero, mesmo ao lado de uma intelligencia esclarecida e sceptica, a mais abjecta hypocrisia, a dissimulação mais perfeita, e o mais baixo espirito de exploração. Tartufo transfigurára-se a meus olhos, e o padre Filippe apparecia-me com esse conjuncto de boas qualidades, humildes e santas, que podem tornar venerando um ministro dos ceus na terra.

Tinha trinta annos, uma physionomia aberta

e sincera, palavras de bondade e trato amigavel. Tomára ordens nas temporas de S. Matheus e passava uma vida simples como a dos christãos primitivos. Vivia na cidade aonde o retinha uma capellania, em casa de uma familia rica, mas não deixava de suspirar sempre pela tranquillidade bucolica da sua ignorada aldeia. Bem fornído de carnes balôfas, pescoço curto, cabello aparado, barba feita ao levantar da cama, expressão concentrada, olhos no pavimento, o padre Filippe constituia um admiravel typo d'essa ordem de ecclesiasticos, bons e campestres, que parecem ter nascido expressamente para viverem n'uma aldeia do Minho, pastoreando um rebanho... de carneiros. Era um d'esses entes conciliadores que nunca se aquecem nas questões; que, se ouvem uma coisa desagradavel, ficam pesarosos e, se alguem os ataca ou á sua classe, abaixam a cabeça e respondem timidamente. Um observador, vendo-o, diria talvez que o padre Filippe era um d'esses homens simples e pobres, para os quaes o catholicismo reservou o reino dos ceus; e realmente em todos os factos da sua vida particular parecia justificar-se essa opinião tão pouco lisongeira.

No seu rosto existia um ar de bondade, largo e commodo como os seus casacos, os seus chinellos, e tudo o que o rodeava.

Das coisas mundanas, a unica que parecia amar com paixão era um relogio de prata, um sabonete adquirido com o fructo das suas economias. Consultava-o muita vez, e dizia sempre as horas, mesmo sem se lhe perguntar por isso, como se tivesse a convicção de que o resto da humanidade não sabia ás quantas andava.

Um cordão preto e roliço, com um passador de retroz sempre á altura do peito, descia-lhe do pescoço até ao bolso esquerdo do collete, sustendo no extremo o adorado sabonete.

A affeição que o padre Fillipe dedicava a esta prenda bem amada era tão candida que se poderia fazer d'ella um idyllio virginal. Para ella tinha sempre as mais doces palavras como os namorados, e uma vez começou a historiar-me as suas qualidades do seguinte modo:

— O relogio, cujo relogio...

Em fim a norma da sua vida podia-se definir do seguinte modo:

Deus, e o sabonete de prata!

Não era homem de palavreado e parecia mettido comsigo. Sempre que a gente, ao despedir-se depois do chá, lhe dizia:

— Boa noite, padre Filippe; até ámanhã.

O bom homem acrescentava com uma unção piedosa e condicional:

— Até amanhã, *se Deus quizer!*

Despedia-se, entrava no quarto, encostava a porta, e a luz brilhava atravez da bandeira envidraçada até ás duas e ás tres da manhã. De vez em quando o rumor de uma pagina de livro, voltando-se, feria os meus ouvidos. O bom padre lia. Mas o que era que lhe prendia assim a attenção, durante essas horas do silencio? Seria Belot? Seria monseigneur Gaume? Não! Era a biblia.

Levantava-se de madrugada com as aves, abria a janella e lia até ás seis ou sete horas. Depois vestia-se com a sua sobrecasaca preta, o seu chapeu fóra da moda, a volta de cambraia no pescoço e ia dizer a missa. Voltava para casa ás nove ou dez horas, muito alegre, muito contente, muito feliz. Almoçava frugalmente e não tornava a sair durante o dia. Passava o tempo a lêr e a resar, n'uma vida simples e resignada, n'uma vida santa e patriarchal, que só podiamos explicar pela vocação.

Ás vezes, fallando-se diante d'elle nas crueldades, nos assassinatos, nos crimes dos padres carlistas, dizia:

— São esses os que desacreditam a religião!

Pobre ingenuo! Elle não sabia que esses padres eram os instrumentos da côrte de Roma, os apostolos da reacção religiosa, os servos do papa, a quem elle tambem obedecia cegamente!

Outras vezes, fallando n'uma festa de egreja que estava para realisar-se e á qual assistiria, mostrava esse enthusiasmo impaciente e juvenil que eu sentia, outr'ora, no collegio, quando as ferias se aproximavam, restituindo-me á familia e á liberdade, durante os dias do Natal.

Essa simplicidade enchia-me de pasmo.

O padre Filippe era, ao mesmo tempo, um homem de bem e um catholico irreprehensivel. Vi-o dar esmolas aos pobres, com sacrificio e sem a menor ostentação; vi-o não transgredir n'uma linha a conducta que lhe marcava a egreja, e, uma vez, entrando no seu quarto repentinamente, sem ser esperado, vi-o de joelhos no chão lendo um livro, que me pareceu a biblia. E desde essa ocasião comecei a ter por elle um respeito quasi superstícioso.

Pouco a pouco, porém, a crença n'um certo numero de principios que se não tomam a serio, foi-se manifestando para mim no padre Filippe. Ao mesmo tempo que a sua boa indole se tornava mais evidente, as suas ideias religiosas iam-se accentuando, até que pude descobrir n'elle a mais profunda e mais cega obediencia á egreja, a mais completa submissão ao dogma, a mais absoluta fé em coisas inteiramente irrisorias.

Um dia contava elle com uma convicção que

nem sequer suspeitava a incredulidade das pessoas presentes, que, n'uma aldeia aonde grassavam as febres intermittentes, depois que n'uma egreja se tinha invocado e exposto a publico o corpo de um certo santo, a epidemia cessára completamente.

—E, perguntei-lhe eu, seccaram os pantanos que havia em redor da povoação?

—Seccaram, respondeu elle. Foi de proposito lá um engenheiro inglez.

— E o santo continuou a estar em exposição?

— O povo não consentiu mais que fosse retirado d'alli.

— Que boa ideia para livrar o Brazil da febre amarella!

— Com toda a certeza!

— Bastaria mandar para lá o corpo de S. Torquato, martyr de Marrocos... e um engenheiro de pontes e calçadas!

— Oh, isso seria uma felicidade! Teem sido ceifadas tantas vidas!...

Estas palavras foram ditas com uma tão profunda convicção e uma fé tão absoluta, que os circumstantes, em vez de rirem, ficaram muito serios e attonitos.

— É um padre modêlo, disse eu intimamente. Que submissão! Que adoravel crença!

E desde esse dia comecei a estudar o padre

Filippe, porque esse homem vinha destruir as minhas ideias a respeito dos religiosos. De ha muito estava convencido de que um sacerdote qualquer, havia de ser fatalmente, ou um ingenuo, e n'esse caso um crente, um fanatico; ou um homem intelligente e illustrado e então um grande velhaco. Mas, o padre Filippe era, ao mesmo tempo, um padre exemplar e um homem honesto!

Tal como o medico, n'um gabinete anatomico escalpella um corpo para descubrir um facto scientifico, assim eu escalpellei, conforme pude, o espirito do padre Fillippe, a fim de descubrir um facto moral. Interroguei-o, mas o homem era sempre o mesmo. Desci ao fundo d'aquella alma, que se entregára completamente ás formulas de uma religião viciosa; perscrutei os reconditos segredos do seu espirito; prolonguei-me por toda a extensão da sua fé, e aos meus olhos appareceu sempre a affirmação da sua bondade infinita e a inquebrantavel tenacidade da sua crença!

Que ideias tinha elle a respeito de Deus, da natureza, do homem? Tinha as da theologia dogmatica.

Porém, aquelle padre, que aceitava o dogma sendo alguma coisa illustrado e ficando ao mesmo tempo o melhor dos homens, era a contra-

dicção mais desesperadora que tinha encontrado!

Decidido a decifrar esse enigma tonsurado, ou a dar ao catholicismo um grande triumpho com a minha conversão, póde-se prever se trabalharia com affan para resolver o problema! Depois de pensar n'um meio, exclamei como Archimédes:

— *Eureka!*

Esse meio era a discussão.

Comprimindo com todas as minhas forças o padre Filippe, entre a razão e os absurdos religiosos, o homem talvez se exasperasse e, perdendo o equilibrio, patentear-se-ia tal como era. A discussão, assim como o jogo, faz desapparecer todos os artificios.

D'ahi a uns dias dizia-lhe eu:

— Ó padre Filippe, li hoje uma coisa muito curiosa a respeito do concilio de Trento: a promulgação de um canon, affirmando que o pão e o vinho sendo consagrados *não teem da materia senão as apparencias,* e portanto não alimentam.

— São os inimigos da egreja que andam a inventar essas coisas! disse elle sorrindo.

— Não são. Houve um dia uns devotos, aos quaes se metteu em cabeça fazer um jejum natural de quarenta dias. Imagine!...

Houve uma pausa.

— Ao fim do segundo dia os homens vão ter com o bispo. Este diz-lhes que o pão e o vinho consagrados não faziam quebrar o jejum. Os crentes começaram a commungar pão e vinho furiosamente, como se tivessem o diabo no corpo. Suscitando-se depois duvidas, e affirmando algumas pessoas que o jejum dos quarenta dias tinha sido alterado, veiu a questão para o concilio. Elle então decidiu como fica dito.

— Custa-me a crêr, mas em fim..., tornou elle resignadamente.

— A nossa religião está cheia d'essas coisas!... disse eu cautelosamente.

— Não diga isso! Lembre-se de que está fallando da religião de nossos paes, da religião que bebemos com o leite...

Tive um grande desejo de lhe responder que se eu tinha bebido a religião com o leite, ella de certo seguira o destino de todas as coisas que se comem ou que se bebem... não deixando vestigios. Por delicadeza apenas, contive-me, e só disse:

— Que me importa ter sido educado n'um certo numero de absurdos, se, chegado a uma certa idade, os reconheço evidentemente e os repudío!?

— Deus me dê paciencia! tornou elle com resignação. Depois levantando os olhos exclamou, de um modo reprehensivo:

— A religião catholica não tem absurdos!

— Essa é a melhor! Se quer, aponto-lh'os.

O padre estremeceu, fez-se um pouco pallido e pareceu ficar indeciso. Eu continuei:

— Façamos de conta por um momento que não é padre, e fallemos como amigos. Se conseguir explicar um certo numero de dúvidas que eu lhe apresentar... abro corôa na primeira occasião opportuna. Quer?

— Pois sim. Farei quanto poder por convencel-o de que está em erro.

— Como justifica esta absurda affirmação da biblia: *fazer parar o sol?*

— Veem sempre com isso!

— É claro! De um lado essas palavras da biblia, e do outro a demonstração scientifica em contrario. Por qual havemos de decidir-nos?...

— Pela verdade.

— A verdade é a seguinte: o sol está fixo ao centro do nosso systema planetario. Logo a affirmação da biblia é falsa.

— De modo nenhum!

— Pois se ella é a negação da outra.

— Ahi é que está o equivoco. São ambas verdadeiras.

— Não comprehendo.

— *Fazer parar o sol* é um modo de dizer. Quando, por exemplo, caminhamos n'um carro a grande velocidade, o arvoredo parece mover-se e nós dizemos que *elle corre por diante dos olhos*. Comtudo, toda a gente sabe que as arvores estão fixas! Na biblia acontece o mesmo.

— Não! repliquei-lhe. A comparação não é verdadeira, porque qualquer individuo no caso que apresenta, querendo dizer *que fez parar o carro,* de certo não diria: *Eu fiz parar o arvoredo*. Do mesmo modo na biblia, querendo-se exprimir esta ideia fazer parar a terra, não se diria fazer parar o sol! O absurdo é evidente!

Elle comtudo tentou refugiar-se em outra hypothese:

— Demais, disse, quem é que tem a certeza de se não ter dado uma revolução no systema planetario?

— Nós! Temos a certeza mathematica.

— Isso agora!... disse elle encolhendo os hombros. — A sabedoria divina que inspirou esse livro, de certo se não enganava assim!...

— E porque não? N'esses tempos primitivos os olhos da sabedoria divina eram victimas de tantas illusões opticas, como os de toda a gente. Elles tomaram pela verdade uma apparencia enganosa. Este é que é o facto.

— Estou convencido do contrario. Se ha alguem que se tenha enganado n'esta questão, eu opto por que tenha sido o homem e não Deus.

— É uma opinião como outra qualquer! Tem contra o seguinte:

1.° A ignorancia que reinava n'esse tempo;

2.° Vir muitos seculos depois a negação do que ella affirmava.

— Ainda que assim fôsse, disse o padre com desespêro, são tantos os mysterios que a intelligencia do homem não pode comprehender, que ella não tem auctoridade para dar sentença decisiva em uns, não podendo explicar outros. Como é que as sciencias naturaes explicam a fecundação? Diga-me?

— Ellas a explicarão um dia!

— Pois nós tambem o explicaremos... um dia!

— Padre Filippe, não fuja! Tracta-se d'uma coisa demonstrada até á evidencia: a terra move-se!

— Eu já lhe disse que a biblia o não negava.

— Bem! fiquemos n'isso. Concorda em que os livros sagrados são os primeiros a affirmar essa verdade?

— Concordo.

— Veja lá.

— Não vacillo,

— N'esse caso, explique-me a rasão em virtude da qual a egreja martyrisou Gallileu. Elle affirmava o movimento da terra e nada mais... de harmonia com a biblia... O sabio foi tido como um herege, as suas palavras como blasphemias, e o infeliz padeceu no potro os mais horrorosos supplicios! Porque, se elle estava de accôrdo com a biblia?!...

O padre balbuciou e disse alguma coisa, mas tão ridicula, tão contradictoria e tão infantil, que eu, como adversario generoso, julgo do meu dever não mencionar a sua resposta.

— Outra coisa,— acrescentei eu. Como se póde comprehender no mysterio da conceição *mãe e virgem?*

— Perfeitamente! O sol não atravessa um vidro?

— É facto. Se Christo fosse um raio de sol e a Virgem uma vidraça, estariamos d'accôrdo. Tal porém não acontece. Nem o primeiro era intangivel, nem a segunda tinha sido feita na fabrica da Marinha-Grande. Mostre-me, por exemplo, um vidro atravessando outro sem o despedaçar.

— Alem d'isso, os mysterios estão acima da discussão...

— Porque?

— Porque a egreja assim o determina.

— Só por isso?

O padre fez um gesto affirmativo.

— Pois eu creio que a egreja os mandou pôr acima de toda a discussão, por ter visto que elles estavam abaixo de toda a critica.

— Oh! isso é de mais! Eu não posso estar n'um lugar aonde se pronunciam taes palavras, sem protestar. Graças a Deus, ainda não estou pervertido pelas doutrinas do seculo!

E levantou-se d'um impeto, com uma grande indignação desenhada na physionomia.

—Padre Filippe, tornei-lhe, isso é declamar!...

Elle serenou um pouco, como se se arrependesse do seu movimento de colera, e disse-me com brandura:

— Será o que quizer! Mas eu tenho esperança de que Deus o ha de illuminar, trazendo-o ao bom caminho. N'esse dia me dará razão. Santo Agostinho tambem foi um impio, mas o Senhor tocou-o com a sua graça e hoje é um santo. Eu tenho a esperança, repito, de que Deus o illuminará um dia.

E estendeu-me amigavelmente a mão.

Eu sentia um desejo invencivel de rir, e appetecia-me dizer-lhe que se Deus me illuminasse eu teria, alem de outras vantagens, um meio de fazer grandes economias... em vélas de stearina! Acontecia-me ás vezes gastar um maço

por semana! E as velas de stearina estavam pela hora da morte! Ah! se Deus, em vez de me illuminar só a mim, como desejava o bom padre Filippe, illuminasse tambem a cidade, igualmente impia, que grande economia para o pelouro da illuminação publica! Mas... quem sabe? Talvez as companhias do gaz se oppozessem a isso.

Comtudo, retive-me e só disse:

— Padre Filippe, eu o que admiro é a sua ingenuidade!

— Pois sim! Pois sim! tornou elle com um certo ar desdenhoso. Será ingenuidade, será! Mas é, primeiro que tudo, reconhecer que nós nada somos para julgar das coisas superiores...

— Que quer? Se essas coisas superiores parecem estar tanto abaixo de nós mesmos!

N'este momento, já o padre Filippe arrastava os seus chinellos pelo corredor dirigindo-se ao quarto, depois de me ter dito:

— A bondade de Deus é infinita e perdôa todas as offensas...

— Obrigado, pela parte que me toca. Se ha alguem que tenha a perdoar aqui, é o homem. Elle tem sido sempre a victima da Divindade!

Quando a lucta das ideias chegava a estes termos o padre Filippe encontrava sempre um meio de se ausentar do theatro da guerra.

Passados uns dias voltava eu ao assumpto.

— Ó padre Filippe, sabe da festa que ha hoje nos arredores do Porto?

— Não sei.

— É uma festa curiosa. Quer saber o santo que festejam? Promette que se não zanga? É o Senhor do *Olho vivo!*...

As pessoas que estavam presentes soltaram uma gargalhada.

— Isso é brincadeira!

— Não é. Veja, n'este jornal, o convite da irmandade.

O padre leu e disse tristemente:

— Eis como a superstição desvirtua tudo! Parece incrivel que o snr. bispo consinta isso!

— A mim não me admira nada! Elles consentem outras coisas peores...

— Os bispos são homens como nós e podem enganar-se... Devemos suppor que as intenções são boas. Além d'isso, taes festas estão sendo abolidas por toda a parte.

— Não creio. Em França, por exemplo, ha uma reliquia obscena, que rende muito dinheiro, e que o clero, em vez de abolir, não cessa de explorar. Conhece-a?

— Não.

— É uma parte do corpo de Christo...

Houve um momento de silencio.

Eu continuei:

— Veja lá se adivinha...

— Não sei.

— Olhe: não é nem a cabeça de Christo, nem os braços, nem os pés, nem as unhas, nem o cabello... Então?

O padre fazia girar distrahidamente o passador do relogio. Estava confuso.

— Mais um esclarecimento: a reliquia tem a virtude de tornar fecundas as mulheres estereis... Ainda não sabe?

— É talvez mais uma calumnia dos inimigos da egreja!

— Está enganado, padre Filippe. A reliquia existe, posso dizer-lhe aonde, e, se quizer fazer uma peregrinação até lá, verificará a sua authenticidade... Está em Poitiers.

— Não comprehendo o que seja!

— Pois eu lh'o digo. Sabe o ponto do corpo humano aonde os judeus praticavam a circumcisão? Pois é esse...

— Não creio! Não creio! exclamou elle, fazendo-se muito vermelho. Isso é uma farça inventada pelos atheus! Não é a primeira n'esse genero...

— Affirmo-lhe que é a verdade.

— E a egreja consente-o?

— Explora-o!

— Oh! É incrivel! Ainda assim, duvido.

— Pois aqui tem a demonstração da sua existencia real, para não dizer — a prova.

Fui buscar o livro de W. Fonvielle — *A physica dos milagres* e li-lhe o seguinte:

« Lorsque le docte abbé Thiers s'élevait contre la superstition du saint prépuce adoré dans l'abbaye de Charroux, il parlait d'une relique disparue, car elle avait été perdue dans les guerres de religion. Il croyait ne faire que de l'histoire. Il ne s'imaginait point que cent cinquante ans plus tard ce prépuce reparaîtrait, et qu'on l'adorerait de nouveau après des révolutions dans lesquelles sombrerait trois ou quatre fois le trône de ses rois. Qu'il était loin de prévoir que ce prépuce serait aussi miraculeusement récupéré que la robe sans couture d'Argenteuil, et servirait à entretenir l'hébêtement des populations!

« On ne s'attend pas sans doute à ce que nous allons discuter la légende idiote en vertu de laquelle ce saint prépuce aurait été donné à Charlemagne par l'impératrice Irène, en présent de fiançailles, quand il était question de mariage entre eux. Car, dans les seuls documents sérieux, il est question du *prœsepium* ou de la crèche dans laquelle le Christ était né; quant au prépuce, nul n'y avait encore songé.

« Lorsque le pape rendit une bulle établissant

sans doute quelque autel privilégié à Charroux, on changea *prœsepium* en *prœputium,* le morceau de bois en morceau de chair. Que cette mutation fût faite par un copiste maladroit ou par fraude, l'abbaye ne voulut point en avoir le démenti. Ce fut dès-lors le *prépuce,* qu'au mépris de la morale et de la logique, on continua à adorer.

« Grâce à l'obligeance de M. Brouillet, sculpteur de talent, habitant Poitiers, nous pouvons donner le dessin du reliquaire où la relique se trouvait renfermée. Il a dessiné et gravé lui-même, avec le plus grand soin, ce précieux objet d'orfévrerie. Quand on l'ouvrit, on y trouva trois coffrets renfermés l'un dans l'autre. Celui qui occupait le centre contenait deux morceaux d'allumettes en croix et enchâssés dans un peu de pâte. C'étaient évidemment les débris de la fausse crèche auxquels on avait affaire; mais on les déclara prépuce, prépuce ils sont et ils resteront jusqu'à ce qu'on les porte au fumier.

« Pour qu'aucun genre de ridicule ne manque à cette obscène exhibition, c'est dans un couvent de nonnains que l'on expose ce prétendu prépuce à la dévotion des idiots.

« Ce sont donc les chastes épouses du Christ qui sont chargées de veiller sur la partie la plus scabreuse du corps du divin Jésus. L'exhibition

de cet objet, que l'on tient à rendre obscène pour la plus grande gloire de Dieu, produit le même effet que l'affreuse ceinture de sainte Marguerite, que mettaient les femmes qui craignaient d'être stériles, afin de donner des enfants à leurs maris. Il a, en outre, la propriété de faciliter l'accouchement des femmes qui sont déjà grosses. Ce faux et chimérique prépuce est donc un talisman à deux fins. Heureuse l'église qui possède un morceau de la chair du divin Sauveur; jamais les aumônes ne lui feront défaut!

« Les prépuces attirent les dévots au mépris de la chimie et de la physiologie, car il est impossible qu'un morceau de peau, fût-elle d'âne, ait bravé pendant si longtemps l'action de l'oxygène de l'air. Vainement on citerait l'exemple des momies, car le corps des momies, entouré de bandelettes, a été noyé dans le résine. Mais les charlatans d'autrefois, marchands de miracles éhontés, n'ont pas pris toutes ces précautions.

« Au moyen-âge, les moines étaient trop ignorants pour comprendre les conditions de conservation auxquelles les prépuces devaient être assujettis. De nos jours, les physiologistes n'osent dire ce qu'ils en pensent, et la farce sacrilége se perpétue d'âge en âge pour la honte de notre siècle et surtout de notre nation.

« Ne nous étonnons pas que le jésuite Santarel,

crédule auteur du *Traité du Jubilé,* ait énuméré pieusement un autre prépuce, comme faisant un des ornements de l'église de Saint-Jean-de-Latran. Un saint prépuce de Notre-Seigneur est trop précieux pour qu'il n'en ait été créé qu'un seul!

« L'abbé Thiers, dans son *Traité des Superstitions,* n'est pas de cet avis. Le brave abbé, qui fut pour ce fait accusé de jansénisme auprès de son évêque, ne comprend pas que l'on puisse adorer deux prépuces de Jésus-Christ à la fois. Quelle différence entre cette foi raisonneuse, qui prétend tracer des règles aux prodiges, circonscrire ainsi la puissance de Dieu, et l'onction du jésuite Santarel qui aurait adoré cent prépuces sans broncher!

« Voltaire nous apprend que le prépuce se montrait à Saint-Jacques-de-Compostelle, en Espagne; dans l'abbaye de Saint-Corneille, à Compiègne; à Notre-Dame-de-la-Colombe, dans le diocèse de Chartres; dans la cathédrale du Puy-en-Velay, à Anvers, et dans différents autres lieux. Cette circonstance lui arrache àpeine un sourire, tant il était dangereux de parler de pareilles matières. Il se borne à dire, à la fin de l'article du *Dictionnaire philosophique,* avec un flegme plus que philosophique: — « Il y a peut-être un peu de superstition dans cette piété mal entendue! —

« Mais il aurait été peu sage sans doute de s'exprimer aussi clairement que nous le pouvons faire aujourd'hui. »

— Que me diz a isto, padre Filippe? Tornar fecundas as mulheres? Hein?...

Elle encolheu os hombros e abanou a cabeça como se dissesse:

— Querendo Deus, tudo póde ser!

— Acha bom?

— Deus tem poder para tudo! disse elle com submissão.

— Então acredita na virtude d'essa reliquia singular... que...

— Se a egreja o mandar, acredito.

— E irá adoral-a?

— Irei.

— É uma vergonha e uma indignidade o que acaba de dizer!

Elle levantou-se atordoado e foi fechar-se no quarto.

Fiquei tomado de espanto e de admiração. Passados alguns momentos, disse commigo mesmo:

— Que admiravel padre! Que sacerdote exemplar! Que homem submisso! Que sublime catholico! Que grande sandeu!

Estava decifrado o enigma.

XXVII

Quando os regimentos, saindo dos quarteis em ordem de marcha, atravessam a rua com a musica á frente, o passo cadenciado, as altas plumas dos sapadores em oscillações marciaes, o aço polido dos sabres faiscando ao sol, e, no primeiro plano, o velho coronel entre os seus ajudantes, o povo corre de todos os lados, precipita-se sobre os pontos de passagem e succumbe a uma ingenua fascinação que faz pensar no deslumbramento das cotovias na caça ao espelho.

O caçador colloca o seu apparelho de pau preto, que tem o aspecto de meia lua... em eclypse total, sobre um eixo movel e por meio

de um fio faz girar rapidamente a parte superior. Acham-se incrustados n'ella pedacinhos de espelho em variados angulos, e o sol, batendo-lhes em cheio, projecta ao longe, com o movimento giratorio do eixo, rapidas projecções luminosas em todos os sentidos. Os bandos de cotovias, despertados por aquella scintillação estranha, sentem-se deslumbrados, levantam em massa e veem bater as azas doidamente em redor do fóco que os attráe. Baixam o vôo até tocar no apparelho, equilibram-se n'uma trémula convulsão, e descrevendo circulos concentricos cedem ao mais inexplicavel encanto, sem forças para voar ao longe. Então o caçador faz o que quer das avesinhas inermes, sem que o estrepito dos tiros ou o acre cheiro da polvora afugente uma só das victimas. E as outras voam sempre convulsivamente em redor dos espelhos coruscantes, batem as azas n'uma alegria louca e parecem possuidas do mais ineffavel extasi. Pobres cotovias! Ao vel-as assim, sobre o cairel do abysmo, — perdoe-se-nos esta flôr de estylo — seduzidas, allucinadas, a um passo da morte, a gente pensa nos effeitos extraordinarios da luz, que como o oxigenio puro lhes precipita a vida e as faz morrer alegremente n'uma epylepsia hylariante, n'um gôso imprevisto, arrebatador e fatal.

Assim o povo, sem chegar aos extremos a que a pobre cotovia está destinada, — á morte e ao arroz de forno, — cede, como ella, a uma doida attracção sempre que as necessidades publicas e o snr. ministro da guerra reclamam imperiosamente uma parada. E é com o coração a palpitar de alegria, e com a alma a trasbordar de gôso, que elle se precipita sobre as avenidas do campo de manobra aonde as tropas se acham reunidas. É um espectaculo que o seduz, que o faz esquecer de tudo, que o enthusiasma, e ao qual assiste sempre com uma boa-fé digna de todo o elogio, mas incapaz de moderar um pouco a má d'aquelles que o regem.

Uma vez que elle gosta do espectaculo não haja descuido em lh'o ministrar periodicamente, para que se sinta orgulhoso e contente, e para que ao mesmo tempo se deixe estar quieto. D'outro modo a coisa poder-lhe-hia custar bem cara, como é facil de ver. E a phrase do povo romano — *Pão e gladiadores* — transforma-se n'est'outra: *Pão e paradas*. Elle tambem parece que não precisa mais nada para ser feliz. Ditoso fado!

Comtudo, por baixo do fundo espectaculoso e theatral, que deleita o povo, como as magicas dos theatros de 3.ª ordem, existe alguma

coisa que elle não vê, entretido como está a contemplar o garbo do corpo de estado maior, que atravessa o campo a todo o galope, levantando uma nuvem de pó e deixando fluctuar as brancas plumagens dos seus chapeus de gala. Por detraz do pomposo apparato, como por detraz dos bastidores de theatro, existem as cordagens occultando aos ingenuos as verdadeiras proporções do quadro que os deslumbra.

Depois do conselho da corôa ter decidido que é urgente fazer-se uma parada, e de ter marcado o dia, o bucolico ministerio da guerra, tão platonico e tão ameno, toma-se repentinamente de um furor bellicoso, como se Marte lhe insuflasse um d'esses sopros guerreiros que, na phrase do povo, fazem chegar a mostarda ao nariz. Partem as ordens em todos os sentidos; avisam-se os corpos destacados na provincia para que preparem os contingentes, e aprompta-se tudo para a grande solemnidade. Formam-se os destacamentos que seguem para a capital, ora ao longo das estradas sinuosas, aboletando-se alegremente nas povoações, ora na terceira classe dos caminhos de ferro. O trabalho que devia ser feito pelos que se ausentam recae sobre os que ficam, e as despezas que deveriam ser feitas por um determinado numero de homens augmenta espantosamente. Mas que

importa? E o indomito ministerio da guerra parece dizer-nos insolentemente:

— *Honny soit qui mal y pense!*

Alguns milhares de soldados convergem assim para a cidade e recolhem-se aos quarteis, que já não teem condições hygienicas para os corpos que abrigam, mas que nem por isso se preoccupam muito com as inconveniencias de duplicarem a sua triste população.

Fazem-se os preparativos. As officinas do exercito não teem mãos a medir. Mudam-se os numeros das barretinas e as côres das divisas, para que um corpo de infanteria que uza distinctivos amarellos, se iguale a outro que os uza vermelhos e assim por diante.

Chegada a manhã do grande dia, o militar perdeu toda a noção de liberdade e passa a ser um authomato, com o primeiro toque do clarim ás dez horas da manhã. Quando voltará a ser um homem? Só duas pessoas o sabem: Deus e o snr. Pereira, ministro da guerra.

Ao clangor das trombetas, os soldados que estão almoçando o seu rancho nas casernas, com as latas sobre os joelhos, pousam a triste refeição e envergam as correias. Poem a barretina, collocam o sabre, e pegam na arma. Outro toque, e as filas saem ruidosamente do quartel para o largo aonde teem de formar.

São onze horas da manhã. O benigno ceu peninsular, de um azul radiante e sereno, não tem uma nuvem a moderar a ardencia de um claro sol de julho, rutilante e vertiginoso. Ao longo das praças as lojas erguem os seus toldos de lona, e os transeuntes abrem os guarda-soes brancos, procurando a sombra. Está um dia de rosas, um ceu limpido como o dos tropicos, de uma côr immaculada e profunda, cheio das agudas reflexões do metal abrasado, e da claridade incisiva que faz chorar os olhos. A tranquilla atmosphera parece estar impregnada do halito quente das officinas de fundição, e da calma abafada das estufas aonde abrem as suas largas folhas estranhas as plantas tropicaes. O sol flammejante, a prumo, incide cruamente sobre a superficie das ruas, esbraseando o solo, como nas regiões adustas, e produzindo uma temperatura implacavel, capaz de fazer morrer de amores pelo polo do norte — os proprios habitantes da Terra do Fogo!

N'um vasto campo arenoso, sem o menor abrigo, sem a sombra de uma arvore, sem a benefica exhalação da verdura, movem-se as tropas, manobrando á voz alpestre de um velho general. Agitam-se as massas de um lado para outro, chegam ao extremo limite do campo para depois voltar sobre os seus passos, e tor-

nar a executar o primeiro movimento. Poem-se em linha, formando um extenso cordão, e, a um toque de clarim, formam rapidamente um quadrado. N'isto um dos batalhões destaca-se a marche-marche, em passo violento, e corre para um lado e para outro. A cavallaria levanta nuvens de pó, que asphixiam, que redemoinham como o *simoun* de deserto, e perturbam a vista. E a voz dos commandantes atrôa os ares repetindo até aos confins do campo, com as mais variadas modulações, as palavras do commando.

Aqui é um *ordinario marche* que se repercute com as seguintes phantasticas accentuações, ao longe:

— Primeiro pelotão! Ordinario marchéééé!

— Segundo *plotão!* Ordinariú marche!...

— Terceiro *Plutão!* Urdinárió marx!...

E as tropas obedecendo, cheias de submissão, a estas vozes, atravessam o campo repetidas vezes, fazendo resoar a terra com o andar compassado, suando por todos os poros, com a farda collada ao corpo, a bocca aberta, e o passo indeciso.

N'isto chega um personagem importante. As musicas tocam todas um hymno, e as tropas apresentam armas. Os ajudantes e o corpo de estado maior circumdam-n'o. Elle então começa a dar o seu passeio, vagarosamente, por

diante dos soldados, passando-lhes revista. E durante uma hora alguns mil homens, firmes n'um certo ponto, recebem sobre as cabeças um sol mortifero, emquanto o personagem se entretem a passeiar por diante d'elles. Depois o mesmo individuo diz umas palavras sacramentaes aos commandantes, mostrando-se satisfeito com o bom aspecto da tropa, com o garbo militar, com a disciplina, etc. e ausenta-se — por outra: põe-se ao fresco.

Depois recomeçam os movimentos e as evoluções, e as brigadas descrevem longas curvas a fim de passarem por diante d'uma tribuna, aonde diversas pessoas, sentadas á sombra, estão vendo tudo aquillo... de palanque. As musicas repetem o hymno; os officiaes saudam com as espadas e os soldados apresentam armas. Rendida a homenagem a esse grupo esthetico, as tropas seguem em direcção aos quarteis.

No meio d'esses personagens, porém, um alto funccionario estrangeiro, um ministro de uma nação essencialmente militar, deixa vêr nos labios um imperceptivel sorriso diplomatico, levemente ironico, quando a artilheria desfila por diante da tribuna. Está notando que os officiaes de engenheiros usam pistolas e os de artelheria trazem a tiraçollo nas *cananas* as cargas das

mesmas. De modo que, n'um campo de batalha, quando um official de engenheiros fôr atacado por um inimigo e lhe quizer dar um tiro, dirá:

— V. Ex.ª faz-me o favor de esperar um momento, emquanto mando pedir ao meu collega Fernandes um cartuxo para esta pistola? Faz-me este obsequio?

— Pois não, responderá o outro. Por quem é! Com mil vontades... sempre ás ordens.

E a guerra tomará um aspecto inteiramente novo e pictoresco!

O sorriso que passava nos labios do diplomata, sendo inoffensivo, era mesmo assim notado por algumas pessoas, que perguntavam:

— O que quererá o conde de Wonzzollern dizer na sua?

— Nada. Está pensando em Esopo e na fabula *a gralha com as pennas de pavão!*

São seis horas da tarde.

As tropas caminham n'um passo fatigado e amortecido, curvadas pelo cansaço e abafadas pelo calor. Os soldados levam os olhos postos no chão, as physionomias carregadas, os beiços resequidos, os braços pendentes. Sobre a testa empastam-se-lhes os cabellos com o suor. As fardas teem uma espessa camada de poeira, e os sapatos denotam uma longa marcha forçada.

Os tambores rufam intrepidamente, como querendo reanimar com a voz guerreira os corações desalentados e os musculos enfraquecidos. Em redor, o povo acompanha fraternalmente, n'um tropel, os seus irmãos em Christo — e em armas.

O sol descae ao longe n'um crepusculo asphyxiante, e a brisa da tarde vem agitar levemente a morna quietação da atmosphera. Tudo findou! E os burguezes que acabam de dormir a sesta com pachorra, sáem para a rua, e passeiam nos largos arborisados tomando o fresco, e exclamando uns para os outros:

— C'os diachos, snr. Silva! Então o que me diz ao calor?

— Homem, está um tempo levado da breca!

— Não se pára! Safa!

— É de rachar! A gente até tem vontade de se atirar á agua.

— Lá esse negocio é mais serio!

— Pois é o que lhe digo! Eu se me não deito ao rio, é que...

E braceja d'um modo grotesco como querendo dizer: o que me retem é não saber nadar! Mas não consegue convencer os ouvintes de que o seu horror seja maior á morte do que a um banho...

Para tudo ha compensações, e n'este caso a

posteridade não cessaria de o applaudir, se elle tivesse a abnegação de se votar a esse extremo sacrificio... com uma pedra ao pescoço. O ceu teria de mais um anjo e a terra de menos um idiota!

São estes os que soltam as grandes exclamações ufanas, quando os batalhões vão passando em direcção aos quarteis. São estes os que se sentem felizes ao ver aquella massa multicôr serpeando ao sol e projectando os reflexos das suas armas hostis. São estes os que mal podem suster os gritos de enthusiasmo quando a musica toca um hymno que symbolisa o enthronamento da tyrannia, a gloria do poder pessoal, e, o que é mais, o triumpho momentaneo de um homem que deve tudo ao acaso do seu nascimento, e que, se em vez de ter nascido principe, tivesse nascido cabo de policia, não teria merecimentos para obter outra profissão!

Terminada a festa militar, ninguem mais se lembrou d'ella, porque foi uma coisa ephemera e inutil. Comtudo, quem levantar uma palavra contra os exercitos permanentes é um jacobino, é um perturbador, é um individuo de ideias suspeitas, é um inimigo das instituições do seu paiz, é talvez um communista. E os defensores d'essa instituição perigosa exclamam então triumphantemente:

EDIÇÕES DA LIVRARIA MORÉ

Adrião P. Forjaz de Sampaio

O Bussaco e a Serra da Louzã, 1 vol. … 300

Alberto Pimentel

O Natal na Residencia, poemeto … 200

Alfredo T. Pinto Leão

Livro de leitura, para uso das escolas, 1 vol. … [illegible]

Almeida Garrett (Visconde de)

Da Educação, 2.ª ed. 1 vol., [illegible]—Portugal na balança da Europa, 2.ª ed. 1 vol. [illegible]—O retrato de Venus e Historia da Poesia e Lingua Portugueza, 2.ª ed. 1 vol. … [illegible]

Antonio Ferreira

Amos, 2.ª ed. extrahida da de 1587, 1 v. … [illegible]

Arnaldo Gama

O Filho do Baldaia, 1 vol. … [illegible]

Augusto Epiphanio da Silva Dias

Exemplos, Breves historias morais, para uso das escolas, [illegible]—[illegible] de familias portuguezas, para uso das escolas de instrucção primaria, 1 vol. … 200

A. Epiphanio e Vieira Ham

Grammatica franceza, para uso das escolas, 1 vol. … 700

Camillo Aureliano da Silva e Sousa

Cultura das arvores fructiferas, com 60 gravuras, 1 vol. … [illegible]

Camillo Castello Branco

[illegible] 1 v. 200—Agulha em palheiro, 2.ª ed. 1 v. [illegible]—Memorias do [illegible] 1 v. 200—[illegible] [illegible]

Castilho (Visconde de)

[illegible]

Ernesto Pinto

[illegible]

Fr. Francisco dos P. [illegible]

Diccionario Geographico de Portugal … [illegible]

Francisco Soares Franco

O Papagaio [illegible] 1 v. … [illegible]

Gréty

[illegible] de Bernardin de Saint-Pierre, trad. da 2.ª ed. franceza … 200

Guerra Junqueiro

A Morte de D. João, 3.ª ed. 1 v. … [illegible]—A Semsabor da [illegible], poema [illegible]

L. de Vilhena Barbosa

Exemplos de [illegible] ed. 1 v. … [illegible]

Innocencio de [illegible] Duarte

O Codigo dos Tabelliães, 1 v. … [illegible]

João d'Andrade Corvo

Um anno na Côrte, 2.ª ed. … 1$000

José Gomes Monteiro

Os Criticos do Fausto de [illegible] 1 v. [illegible]—Excavações de [illegible] 1 v. [illegible]—[illegible] à Ilha dos Amores, 1 v. … 200

Joseph G. L. da Camara [illegible]

Sonetos, com uma introducção de Camillo Castello Branco, 1 v. … [illegible]

Julio Diniz

Serões da Provincia, 2.ª ed. 1 v. … [illegible]

Luiz de Andrade

Caricaturas em prosa, 1 v. … [illegible]

Luiz A. Rebello da Silva

A Mocidade de D. João V, 2.ª ed. 1 v. … 1$[illegible]

Manoel Pinheiro Chagas

[illegible]

M. de Lima e [illegible]

[illegible]

Raymundo [illegible]

[illegible]

Ricardo Cordeiro

[illegible]

Thomaz Ribeiro

[illegible]